

2ª Série, Ano 2 - Nº 3

Solstício de Verão de 2022

Semestral

ADFRATRES



Revista do
SUPREMO
CONSELHO
PARA PORTUGAL

3

Ficha Técnica

Revista Digital Semestral

Propriedade: Associação Cultural Albert Pike

Direcção Editorial: António Balcão Vicente

Sede: Rua João Saraiva, 34, 1º

1700-250 Lisboa

adfratres@scg33.pt

2ª Série, Ano 2, Nº 3 (Solstício de Verão)



INDICE

Editorial	4
Festa da Ordem —Sublime Capítulo Ibéria, Nº 11	5
Alocução do Soberano Grande Comendador	9
O Chamado Rosa-Cruz—Quatro séculos de tradição viva	14
Milagres do Uno”: As fontes da espiritualidade ocidental	20
Homo simbolicus	29
O Dever do Dever	31
O Maçom e a essência da sua auto-imagem	34
Reflexão sobre a Justiça	37
Pontifex	40
Liberdade e Razão	43
O “Número” em Almada Negreiros segundo Lima de Freitas ou a eterna busca do “módulo”	50
A Sombra	76
O Homem versus o humanismo	79
Leituras	86



EDITORIAL

Regressados à normalidade possível, após um longo período em que o afastamento físico realçou os laços que unem Irmãos impedidos de um abraço, acreditámos que poderíamos recuperar quanto havíamos julgado perdido.

Mais do que nunca, percebemos, então, que ninguém se salva sozinho. Que só na fraternidade encontramos as bases e a justificação do que somos. Que, apesar das inúmeras diferenças que nos caracterizam, somos iguais em dignidade. Que, independentemente de onde e de como vivemos, da cor da pele, da religião, da classe social, do sexo, da idade, das condições socio-económicas, todos vivemos “debaixo do mesmo céu”.

Por isso, ou assumimos a nossa condição de irmãos ou nos arriscamos a ver desabar todo o edifício que criámos construído sobre rocha viva. Por isso, assume, hoje, uma importância fundamental o caminharmos juntos. Sim, porque hoje é o tempo oportuno, não é o tempo da indiferença nem do esquecimento.

Onde outros erguem palavras de ódio, nós devemos levantar o nosso gesto solidário. Não transigindo com a injustiça, nem acicatando a ira de quem semeia ventos de morte. Porque não há salvação para o Homem que se afasta do gesto fraterno de quem estende a mão em sinal de paz.

Porque não há uma caminho para a paz.

A Paz é o caminho.

António Vicente, 33º

G.: S.: G.: S.: I.:

FESTA DA ORDEM

Sublime Capítulo Ibéria, nº 11

O Palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras foi palco do recomeço da actividade presencial do Sublime Capítulo Ibéria, nº 11.

Após dois anos, durante os quais a pandemia do Covid 19 impediu o tradicional encontro dos Irmãos portugueses e espanhóis tão caro aos rosacruz, foi possível retomar a partilha do pão e do vinho, num ambiente de especial fraternidade.

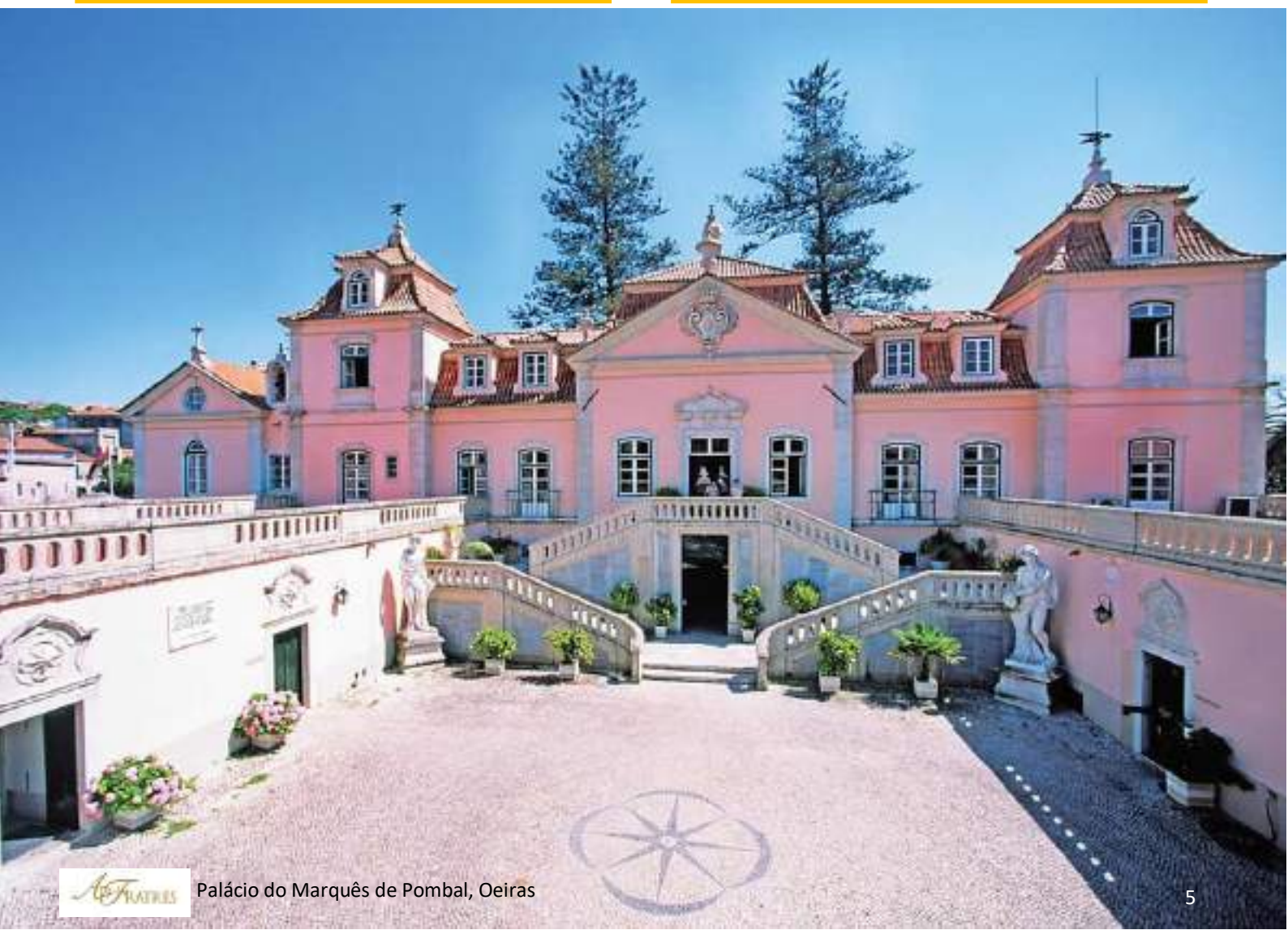
O encontro, realizado no dia 7 de Maio, foi precedido, na véspera, por um jantar de boas vindas, com o qual, o Ir.:

Isaltino Morais, 32º, na sua qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, quis obsequiar os Soberanos Grandes Inspectores Gerais portugueses e espanhóis e as delegações estrangeiras que nos homenagearam com a sua presença.

O ágape decorreu num ambiente de cordial fraternidade que permitiu reforçar os laços de amizade entre os Supremos Conselhos presentes e aprofundar o conhecimento sobre as dificuldades sentidas ao longo dos últimos dois anos, bem como sobre as medidas que cada um deles adoptou para as remediar.

Um ponto todos manifestaram em comum. A saudade sentida de abraçar fisicamente os Irmãos.

A noite terminou com a alegria serena que a fraternidade escocista garante.



O Parque dos Poetas fez gala em nos receber com um sol radioso num ambiente em que a poesia se articula na perfeição com a simbologia, fazendo anunciar a harmonia e a fraternidade que haveriam de caracterizar os trabalhos ao longo do dia.







O trabalho ritual decorreu de forma justa e perfeita sob o olhar atento dos Soberanos Grandes Comendadores presentes:

Jesús Soriano Carrillo, 33º, Supremo Conselho para Espanha;

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º— Supremo Conselho para a República Federativa do Brasil;

Davut Berker, 33º— Rep. S. G. C.—Supremo Conselho para a Turquia;

Gianpaolo Barbi, 33º— Supremo Conselho para a Jurisdição Maçónica Italiana;

Yves Gordet, 33º— Rep. S. G. C.—Supremo Conselho para o Grão-Ducado do Luxemburgo;

Assad Bassit, 33º— Supremo Conselho para a Costa do Marfim;

Aires Fernandes, 33º—Supremo conselho para Moçambique;

Marian Tóth, 33º— Supremo Conselho da Eslováquia.



Alocução do Soberano Grande Comendador

Em primeiro lugar quero agradecer a vossa disponibilidade para estar conosco neste evento, em especial às delegações estrangeiras pelo esforço, empenhamento e sacrifício, de se deslocarem e virem compartilhar conosco este Capítulo e Festa da Ordem, neste período ainda algo conturbado.

Muito obrigado a todos.

Permitam-me refletir convosco num tema que a todos nos aflige, evocando um texto Bíblico (*Josué 6: 20-21*)

“Os filhos de Israel subiram à cidade, cada um pela brecha que tinha à sua frente e tomaram a cidade. Votaram-na ao anátema, passando ao fio da espada quanto nela encontraram, homens e mulheres, crianças e velhos, os bois, as ovelhas e os jumentos.”

A crueldade implícita nesta citação do **Livro de Josué** sobre a tomada da cidade de Jericó, evidencia como a violência é uma constante no relacionamento humano, quando a sede de poder ou o ódio ao diferente se sobrepõem à também humana afirmação de dignidade, à abnegação, à compaixão e ao próprio sacrifício pelo outro, quantas vezes um ilustre desconhecido.

Foi também a incapacidade de suportar mais violência neste **reino do medo, sempre a apostar na viagem quando os frutos amargavam e o luar sabia a azedo**, para citar as belas palavras do poeta e nosso Irmão. escocista, **José Fanha**, quando a sociedade britânica se digladiava em mais uma e terrível disputa civil, que contribuiu para que os nossos Irmãos de antanho se constituíssem em Grande Loja.

Cansados da devastação que os vários conflitos religiosos haviam provocado na Europa durante os séculos XVI e XVII, não surpreende que os ideais de progresso, tolerância e fraternidade tenham, progressivamente, cativado as mentes e os corações dos mais esclarecidos.

Foram, também, as suas ânsias de modernidade, de progresso e de tolerância que estiveram na base da evolução que conduziu à definitiva estruturação do escocismo no sistema de 33 graus que hoje seguimos.



Não sem sobressaltos, é certo. Basta tomarmos em linha de conta as posições adotadas pelos nossos irmãos americanos, com Pike à cabeça, relativamente à guerra civil que opôs dois distintos modelos de sociedade, para darmos conta das contradições que desde o início, apesar da solidez dos princípios, se insinuaram entre nós.

Não refiro, naturalmente, a carta, pretensamente atribuída a Albert Pike, que profetiza uma sociedade perfeita após a eclosão de três guerras mundiais.

Mas não podemos deixar de tomar em linha de conta as várias reflexões filosóficas que, direta ou indiretamente, tanto influenciaram o nosso pensamento e a forma como interpretamos a realidade desta *“Idade da Ira”* como, recentemente, a designou **Pankaj Mishra**.

Resultante das ruínas de vários impérios, esta nova era não pode ser compreendida sem o suporte de um idealista liberalismo cosmopolita, de que, afinal, nos reclamamos, conceptualizado inicialmente por **John Locke, Montesquieu, Adam Smith, Voltaire e Kant**.

A narrativa da História por nós aceite reclama-se da vitória dos seus valores e princípios, na tradição do racionalismo, do humanismo, do universalismo e da democracia.

Por isso tivemos grandes dificuldades em perceber o eclodir das correntes ideológicas totalitárias de que sempre fomos vítimas privilegiadas, esquecendo as palavras de T. S. Eliot (**Thomas Stearns Eliot**) que recomendava um *«olhar para trás por cima do ombro, para o primitivo terror»* que nunca deixaria de espreitar no mais profundo do âmago humano, talvez lembrando a *«sobrevivência do mais apto»* que **Herbert Spncer** repescara da obra de Darwin.



Embalados na dormência do nosso bem-estar, aceite como um dado definitivamente adquirido, fomos esquecendo que o perigo continua sempre à espreita.

Esquecemos a definição da **«jaula de ferro»** com que **Max Weber** tentou perceber a ideia do **«revolucionador»** de **Bakunine**, aquele que quebra **“todos os laços com a ordem social e com todo o mundo civilizado (...) e só continua a habitar nele com um único propósito – destruí-lo.”**

É este modelo de civilização, que temos aceite como premissa de um progresso gradual que, novamente, é posto em causa, não já em terras mais ou menos longínquas, mas no interior da própria Europa.

Estaremos no limiar do que, já na década de 1930, **Walter Benjamin** receava ao vaticinar uma auto-alienação da humanidade extasiando-se no prazer estético da sua própria destruição?

Estaremos condenados a assistir à história que se repete como ameaçava **Hannah Arendt**, em 1950?

Afinal, quando **Fukuyama**, no final da Guerra Fria, retomou a ideia hegeliana do **«Fim da História»** **Allan Bloom** lembrou-nos que o fascismo poderia ser o futuro. E John Gray sugeriu a possibilidade do retorno de **“forças primordiais**, nacionalistas e religiosas, fundamentalistas e em breve talvez, malthusianas.”

Mas nós não estávamos atentos, na euforia de uma vitória sobre um inimigo diabolizado durante décadas.

Talvez devamos voltar a **Dostoievski** para que não tenhamos que, também nós, aprender na carne que não há um caminho para a paz.

Sim, não há um caminho para a paz. A paz ela, sim, é o caminho.

A paz é o caminho.



É esta certeza, feita de dura e crua aprendizagem, que nos permite compreender o sofrimento dos que, neste momento, vêm rasgados os caminhos e os céus do seu espaço, destruídas as vidas e os sonhos num banho de sangue que após a peste que tanto nos perturbou, evoca, agora, os demais cavaleiros do **Livro da Revelação**.

Mas, ao sermos permanentemente invadidos pelas imagens da tragédia insana resultante da invasão que todos repudiamos energeticamente, quantos nos questionamos sobre o que fizemos para a prevenir?

E nós, como podemos contribuir para que a paz se torne no verdadeiro caminho da humanidade?

Esse o desafio que hoje deixo a todos os Irmãos como tema de reflexão no espírito do escocismo humanista e universal.

Para que sejamos atores de um futuro de paz e para que, nesse futuro que desejamos o mais próximo possível, possamos, com todos, recordar as palavras do poeta:

***Hei-de encontrar-te ali, naquela praça que talvez já não exista.
Praça da Palavra, Praça da Canção, Praça de bandeiras a beijar
Os primeiros odores da Primavera***

***Hei-de encontrar-te um dia ao alto da cidade
Partilhando pão, azeitonas e poema.
Ali, naquela praça que talvez já não exista,
Hei-de encontrar-te um dia e seguiremos abraçando as laranjeiras***

***Manuel Alves de Almeida, 33º
Soberano Grande Comendador***



Oh! Quão bom
e quão suave
é que os irmãos
vivam em união!
Salmos 133:1

dailybibleverses.com



O Apelo da Rosacruz

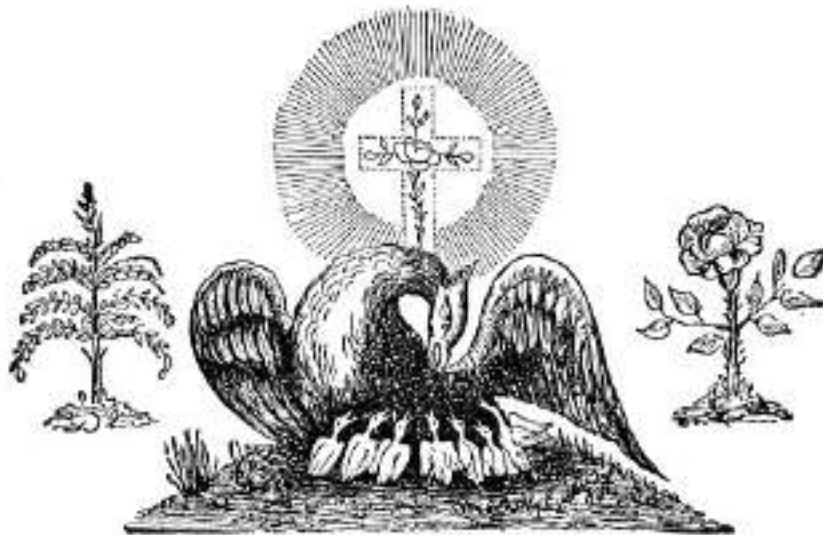
Quatro séculos de tradição viva

O que significa a Rosacruz no século XXI?

“Sabedoria do Silêncio – Hermetismo e Rosacruz no Pensamento Humanista Ocidental” foi o tema de uma exposição temática e documental, que esteve patente ao público, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹. Durante seis meses teve quase 5 mil visitantes. Na inauguração, Francisco Casanueva Freijo, num comentário sobre a Rosacruz no século XXI², afirmava que esta “tem orientado esforços no sentido de obter a síntese entre a inteligência emocional e a inteli-

gência racional, permitindo a superação da contradição entre elas que está na origem da falta de pontes entre o mundo científico e o mundo espiri-

tual”. Neste sentido, “a síntese é a inteligência espiritual, que engloba, ao mesmo tempo, o rigor racional e a intuição, superando assim tanto a lógica fria e mecânica, como a religiosidade baseada na crença”. Neste contexto afirmava: “A própria palavra Rosacruz é em si uma contradição, pois fala de uma Rosa e de



uma Cruz, que simbolizam respectivamente o espiritual e o material, e que pela acção do pensamento libertado deixam de estar em oposição, para se unirem nas núpcias químicas. A Cruz representa (...) os 4 elementos fundamentais de toda a realidade orgânica: hidrogénio, nitrogénio, oxigénio e carbono; ou, como definiam os clássicos: fogo, ar, água e terra. A Rosa representa o foco espiritual no interior do ser humano, a fonte da sua potencial transcendência, a origem de todos os ideais que nutrem a imaginação humana desde a aurora dos tempos. A Cruz faz-nos realistas. A Rosa, idealistas. Todos somos conscientes da per-

manente luta entre os ideais e a realidade, e também contemplamos que são os ideais insatisfeitos o caldo de cultivo das nossas frustrações e sofrimentos anímicos. Só um conhecimento profundo da natureza de am-

bos os campos, do mundo das ideias e do mundo das formas concretas, pode suprimir esse infatigável combate entre o ideal e a realidade. Não a favor do ideal; e tampouco decantando a batalha a favor da realidade. Mas sim pela vitória do Espírito, que unifica o que está separado e pacifica o que se combate sem trégua.

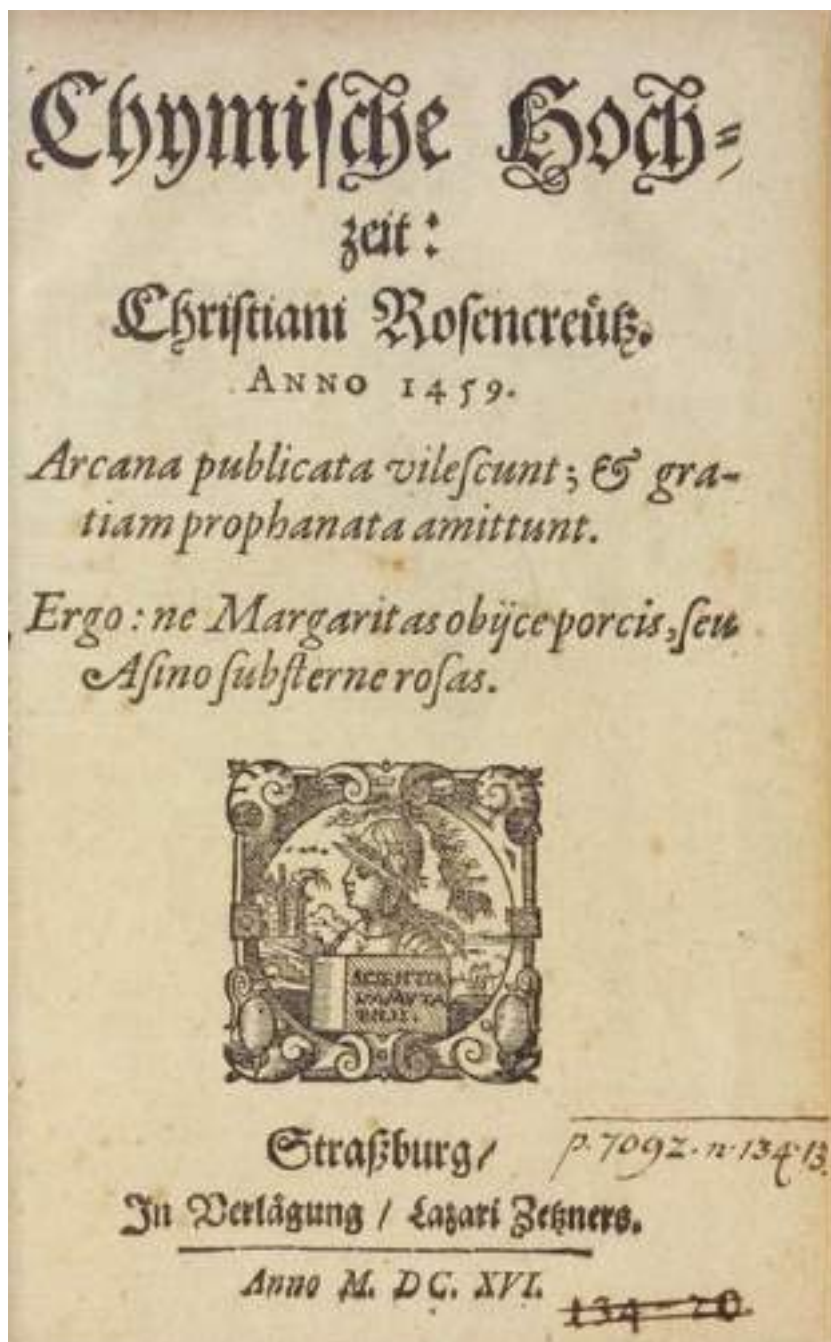
A inteligência espiritual é portanto o recurso que a humanidade no seu conjunto há-de conquistar o quanto antes, pois só nela há bem-aventurança e paz duradouras”³.

Esta noção de unificação com o espírito livre no ser humano, subjacente ao pensamento rosacruz, é observável na tradição ocidental moderna. Pensadores como Jacob Böhme, Robert Fludd, René Descartes, Jan A. Comenius, Isaac Newton, Robert Boyle, Gottfried W. Leibniz, Karl von Eckarthausen o Johan W. Goethe, mantiveram a orientação humanista da Rosacruz. Movimentos como a maçonaria, o martinismo ou a teosofia consideram-se herdeiros do seu legado. No início do século XX, assistiu-se ao ressurgimento da tradição rosacruz e, actualmente, muitos movimentos adoptam essa designação como emblema do seu trabalho.

Os Manifestos Rosacruzes

Se imaginarmos uma pedra de considerável dimensão arremessada do alto no centro de um lago e os seus efeitos subsequentes, poderemos fazer uma ideia daquilo que representou o surgimento a público no início do século XVI de três publicações, que viriam a ser designadas como “Manifestos” rosacruzes. Nascidos da concepção espiritual de um grupo de amigos, de uma “societas” informal composta por pessoas conhecidas, eruditos, místicos e teósofos do sul da Alemanha, a *Fama Fraternitatis RC* (O Chamado da Fraternidade RC), a *Confessio*

Fraternitatis RC (o Testemunho da Fraternidade R.C.) e as *Bodas Alquímicas de Christian Rosacruz*, são impressos respectivamente nos anos 1614, 1615 e 1616.



Neles perpassa um apelo a uma reforma total do mundo, através do conhecimento das leis naturais e divinas: o Livro *M* (Mundi = Mundo) e o Livro *T* (*Theos* = Deus). E sua aplicação na renovação de todas as esferas da vida humana.

Como reacção à publicação dos *Manifestos*, o mercado europeu da época é inundado

de obras pró e contra, em tons por vezes exaltados. Estão actualmente identificadas mais de 400 respostas aos Manifestos, surgidas nos primeiros 10 anos seguintes à sua publicação, e cerca de 1700 respostas nos séculos XVII e XVIII ⁴. Números que, para a época a que se referem, indicam uma actividade editorial extremamente intensa.

Logo após as primeiras edições – Inicialmente publicadas sem consentimento dos autores (destinavam-se a um círculo íntimo de simpatizantes) – os Manifestos são rapidamente difundidos pela Alemanha e traduzidos em várias línguas europeias.

Mas que conteúdos justificaram tamanha polémica e comoção? Do ponto de vista formal, são fábulas fantásticas, enigmáticas, doseadas com humor subtil, por vezes com algo de surrealista, que têm como personagem central Christian Rosacruz, pai e irmão, fundador da Ordem Rosacruz. Numa análise de conteúdo é notável a forte influência da filosofia hermética e alquímica, que surge em forma de alegorias. Nelas os autores dão a conhecer a natureza da Fraternidade interna da Rosacruz; da transformação do mundo e da humanidade; e da transmutação alquímica da natureza humana através das fases de Nigredo, Albedo e Rubedo, fabricando assim a Pedra Filosofal.

O impulso hermético-cristão deu início a um período que a historiadora Frances Yates designou como “Iluminismo Rosa-

cruz”⁵. Segundo a autora, neste momento cultural a sociedade europeia é fecundada pelas luzes rosacruzes, gerando desenvolvimentos que mais tarde seriam designados sob o conceito de “pensamento científico moderno” (a *Royal Society*, entre outras das primeiras academias científicas, estava fortemente influenciada pelo pensamento rosacruz). Esses mesmos desenvolvimentos permearam também diversas áreas do pensamento humanista, artístico, esotérico, religioso.

Como refere J. Ritman, fundador da actual Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdão, “os Manifestos Rosacruzes colocaram nos primeiros anos do século XVII (...) o fundamento para uma nova reforma espiritual, pela aplicação consciente das ciências arcanas. Neles se mostrou de novo o caminho de iniciação de todos os tempos, sob o símbolo da Fraternidade Rosacruz e do seu fundador, o Pai-Irmão Christian Rosacruz. Com a recepção da tripla fórmula de iniciação dentro do primeiro círculo de irmãos, utilizada e dada a conhecer ao mundo nos textos dos Manifestos, iniciou-se um desenvolvimento que elevou o significado da vida a um plano superior, e sem o qual já não seria concebível a sociedade europeia.

O nascimento da fraternidade da Rosacruz no seio de um círculo de irmãos, fundado por Tobias Hess, abriu a possibilidade de uma reforma completamente nova no caminho de iniciação cristã, cuja origem se encontra no caminho de iniciação hermético-cristã, ensinada 1600 anos antes em Alexandria. O fenómeno de um triplo Manifes-

to que introduzisse na sociedade europeia a ideia de que os mundos do espírito, da alma e do homem, se harmonizam, se fundem e se renovam num triplo processo de desenvolvimento, era uma fórmula magistral, dado que oferecia uma nova interpretação do significado da meta da existência humana. O significado deste triplo processo de desenvolvimento, em relação ao desenvolvimento dos três períodos do devir humano, fixou-se nos Manifestos, no axioma “*Ex Deo Nascimur – In Jesu Morimur – Per Spiritum Sanctum Reviviscimus*”. De Deus Nascemos, em Jesus morremos, pelo Espírito Santo renascemos⁶”.

O círculo de Tubingen

Em 1604 surgiu uma supernova entre as constelações de Serpentarius e Cisne. Este fenómeno, referenciado por Kepler na sua obra *Stella Nova*, causou uma forte impressão no ânimo dos estudiosos. Muitos criam ver aí um sinal prenunciativo do início de uma época vindoura mais propícia ao desenvolvimento do conhecimento do mundo natural e também da natureza interna do homem. Tobias Hess sentia que os tempos estavam maduros para uma revolução no sentido transcendental e espiritual: em 1607 tinha fundado em Tubingen um círculo de amigos, uma “Societas”⁷, na qual podia desenvolver a sua visão de uma nova era do Espírito Santo.

Também Valentim Andreae, ainda jovem, se junta a este grupo, que no ano de 1608 contava com 12 membros⁸,

e será ele o autor das *Bodas Alquímicas*, uma das suas obras mais lidas e o único dos três Manifestos que ele admitirá ter escrito. Numa obra sua intitulada *Tobias Hess (...)* *Imortalitas* (a Imortalidade de Tobias Hess), Valentim Andreae afirma que Hess encontrou um acesso triplo para a contemplação Directa de Deus: em primeiro lugar aprofundar-se nas Sagradas Escrituras, com todas as experiências dos profetas, apóstolos e mártires; em segundo lugar conhecer a natureza, através de profunda investigação; e em terceiro lugar, pela prática da imitação, da realização do amor ao próximo, em actos⁹.



A Rosacruz no Humanismo Português

Num congresso científico nos Estados Unidos, a historiadora Frances A. Yates afirma-

va o seguinte: *Gostaria de convencer as pessoas sensatas e os historiadores a usar a palavra 'rosacruz'. [...] Parece-me que esta palavra poderia palavra poderia ser usada para designar um certo estilo de pensamento que é historicamente identificável sem ser necessário abordar a questão de saber se um pensador de estilo rosacruz era forçosamente membro de uma sociedade secreta. [O aspecto mais interessante do movimento rosacruz é a sua insistência em que está*

*precedente. Muito em breve far-se-ão novas descobertas e começará uma nova era*¹⁰.

Os Manifestos no seu conjunto conformam um convite à realização de uma reforma geral do mundo, através do regresso a um cristianismo mais puro e autêntico, combinado com uma investigação mais aprofundada das leis da natureza. Essa proposta de renovação orienta-se sobretudo para os três campos – ciência, religião e sociedade – e não se confunde com a reforma protes-

tante, porque não se baseia numa nova interpretação das escrituras, mas fundamentalmente na procura de uma ligação ao espírito. Esta síntese surge como resultado de um desenvolvimento europeu, de 200 anos de renascimento hermetista, que conduzia naturalmente a esse coroar nos manifestos do círculo de Tubingen no início do século XVII.

No século precedente, os círculos cristãos herméticos e cristãos-cabalistas desenvolviam-se à luz do dia intensamente em todos os países europeus, a par da esperança numa nova era, a era do Espírito Santo, onde se esperava que o conhecimento do homem se desenvolveria até alturas nunca antes vistas, não só nas ciências e em todas as artes, mas sobretudo no conhecimento – e na realização! – do homem interior. Em Portu-

gal, factos como o de Pedro Nunes (1502-1578) ser testamentário de John Dee, alquimista e rosacruz inglês, que legou a Pedro Nunes parte da sua biblioteca¹¹, demonstram uma afinidade e proximidade que ul-



iminente uma época de grande iluminismo. O mundo [...] receberá uma nova iluminação, que consistirá numa imensa expansão do progresso, do conhecimento alcançado no período renascentista

trapassam fronteiras de nacionalidade. Sabe-se que Paracelso terá viajado a Lisboa e daí a outras partes do País entre 1517 e 1518, pela sua obra *Das erste Buch der Grossen Wundartznei*¹². São também conhecidos hermetistas portugueses do século XVI, em cuja actividade procuram trazer ao seu tempo uma consciência mais emancipada. Frei Ant3nio de Beja, Martinho de Figueiredo, Jo3o de Barros, Andr3 de Resende, Ant3nio de Gouveia, Andr3 de Avelar, s3o alguns dos muitos nomes associados ao hermetismo e 3 alquimia em Portugal¹³. Por reac3o, este 3 tamb3m o s3culo em

Pedro Nunes
(1502—1578)



que se instala a institui3o do *Santo Officio*. Criada s3culos antes para a persegui3o dos c3taros, a Inquisi3o leva v3rias d3cadas a instalar-se em Portugal,



muito gradualmente (para neutralizar resist3ncias). Mas na viragem do s3culo, em 1600, Giordano Bruno 3 queimado na fogueira. E em Portugal o cristianismo herm3tico, que poucas d3cadas antes gozava de legalidade e at3 prest3gio, tem de passar gradualmente 3 clandestinidade. Este 3 o s3culo dos processos de Inquisi3o massivos, dos autos de f3, da condena3o 3 morte ou 3 pris3o e extradi3o por heresia de mulheres e homens incluindo cl3rigos, sacerdotes e monges, pela sua liberdade de pensamento, pela sua afinidade com a filosofia herm3tica e com a alquimia. Sombras de 3dio e incompreens3o perante a aurora radiante de um novo dia.

“Milagres do Uno”: As fontes da espiritualidade ocidental

Conta-se que quando em 1460 o monge Leonardo de Pistoia trouxe para Florença um exemplar em grego do *Corpus Hermeticum* (CH), Cosme de Medicis ordenou a Marcilio Ficino que empreendesse imediatamente a sua tradução, pondo de lado a tradução da obra de Platão. Esta história revela bem a importância que teve a lendária figura de Hermes Trismegistos: "Hermes Três-Vezes-Grande", lendário filósofo, mencionado pelos padres da Igreja e associado à deidade sincrética da Antiguidade que combina aspectos do deus grego Hermes e do deus egípcio Thoth. No *Quattrocento* italiano os documentos sapienciais atribuídos a Hermes tornaram-se centrais no pensamento europeu, como atestam as *900 Teses*, ou o *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, de Pico della Mirandola, ou o mosaico do pavimento da Catedral de Siena¹⁴. As ideias e concepções aí presentes, influenciaram profundamente o Renascimento e as correntes espirituais que se desenvolvem nos séculos seguintes. Por outro lado, estas concepções hermetistas-cristãs ressurgem da época alexandrina clássica.

A ideia de uma nova capacidade pensante capaz de expressar a divina *Sophia*, encontramos-la já no *Corpus Hermeticum*, no *Discurso secreto da Monta-*

nha, onde decorre um diálogo entre Hermes e Tat, e este pergunta a Hermes acerca do segredo do renascimento do divino no homem, Hermes responde: *Da sabedoria que pensa no Silêncio e da Semente que é o Único Bem*.

Outro dos textos herméticos mais conhecidos, a *Tábua Esmeralda de Hermes Trismegistos* é marcado pela ideia fundamentalmente hermética da elevação da região existencial da fragmentação para a dimensão da unidade. Aí lemos: “ É verdade! É certo! É a plena verdade! Tal como é em



cima, assim é em baixo, para que se cumpram os milagres do Único”.

O Puro Amor Cristão

Do ponto de vista religioso, a reforma dos rosacruztes possui muitos pontos de contac-

cto com o cristianismo cátaro .– que se assumia como uma religião do Pensamento, valorizando não só a fé, mas fundamentalmente a Compreensão de Deus. No quadro soteriológico cátaro, a iluminação do pensamento pelo Paraclito, através da “endura” (renúncia absoluta a todas as formas de egoísmo), era indispensável para que o Amor-Sabedoria pudesse manifestar-se através do homem e no próprio homem. No seu livro, *O Catarismo na Tradição Espiritual do Ocidente*, Eduard Berga, apresenta um levantamento exaustivo dos rituais cátaros, cartas e documentos dos inquisidores, com o fim de tornar visível o sistema filosófico cátaro e, historicamente, como o catarismo promoveu uma reforma total do cristianismo. Uma reforma, diz o autor, “concebida como possibilidade real de um renascimento espiritual do ser humano através de uma prática de vida verdadeiramente apostólica e evangélica, levada a cabo em plena liberdade de consciência e em completa autonomia pessoal. A singularidade desta proposta colidia frontalmente com a reforma gregoriana católica, baseada na institucionalização dos sacramentos e na consolidação da hierarquia eclesiástica como única intérprete das Sagradas Escrituras e detentora do dogma¹⁵”.

Também nos *Manifestos é feito o apelo* ao regresso a um cristianismo simples e puro. Na *Confessio*, onde se expressa a rejeição formal ao Papa, apela-se a uma

reforma espiritual não confundível com a reforma protestante, na linha de Lutero, mas sim no sentido de uma religião interior, onde o que vale é a experiência directa de Deus.

Os estudos actuais do paleocristianismo – a partir do fabuloso manancial de descobertas do século XX (o cristianismo primitivo dos textos de Nag Hammadi, os textos maniqueus de Qúmram, etc.), convergem na conclusão que se tem de reformular muitas das ideias acerca do cristianismo primitivo. Uma das hipóteses consensuais é a de que o impulso do cristianismo inicial, antes de ser religião organizada, não visava fazer cristãos, mas sim cristos. Um dos padres da Igreja geral, Carpócrates, afirmava que “é dado a cada homem tornar-se ele próprio num Jesus”.¹⁶

Uma concepção que também se encontra no *Evangelho de Filipe*, onde lemos: “Eles são recebidos na unção da plenitude (...) Tal pessoa já não é um cristão, é um Cristo”.¹⁷

Construtores e Alquimistas

É já só no século XVIII que se constitui pela primeira vez uma Ordem Rosacruz. Fundada em 1710 por Samuel Richter, que se apresentava como *Sincerus Renatus* (renascido sincero), esta ordem assume a designação de Fraternidade da Ordem da Cruz de Ouro e Rosas e os seus membros, fortemente vinculados à Alquimia (pelo que o termo ‘rosacruz’ se converteu praticamente em sinónimo de alquimista) são referidos como os ‘Rosacruz de Ouro’¹⁸.

O século XVIII é por excelência o século da .

Franco-Maçonaria. É em 1717 que há notícia da fundação da Grande Loja de Londres. Procurando transformar os seres humanos e a sociedade a partir das luzes ilustradas da Razão, a Maçonaria constituir-se-á como um importante canal para a circulação de ideias e impulsos de renovação social e para o desenvolvimento do movimento esotérico Iluminista. Alguns grupos de maçons interessados na alquimia formam agrupamentos e sociedades rosacruz, o que acabou por se materializar numa série de ritos maçónicos inspirados na Rosacruz, que actualmente ainda se encontram no Capítulo Rosacruz, que compreende os graus 17 e 18, do Rito Escocês Antigo e Aceite.

Em 1766 é fundada a "Ordem dos Cavaleiros Eleitos Coën" em cujo topo estavam os "Réaux-Croix", cujos ritos se integravam na Maçonaria Capitular Escocesa, denominada Estrita Observância. O seu fundador, Martines de Pasqually, era um teósofo e taumaturgo, principalmente interessado na cabala. Outros teósofos deste século foram Louis-Claude de Saint-Martin e Emmanuel Swedenborg¹⁹.

A Harmonização com o Cósmico

No século XIX o movimento esotérico é profundamente influenciado pelo romantismo. O interesse pelo oculto e o desconhecido, influenciam o "Ocultismo", caracterizando-o com algum experimentalismo. Apesar de ainda influenciado pelo espírito da Maçonaria, o Ocul-

tismo interessa-se pela Magia e pelos Rituais arcanos. Uma das principais figuras desta época é Eliphas Levi (Alphonse Louis Constant 1810-1875), que deixou vasta obra escrita sobre magia cerimonial. Robert Wentworth Little (Magus, como pseudónimo) funda a Societas Rosicruciana in Anglia (SRIA), que só admitia no seu seio mestres maçons. Da SRIA surgiu em 1888 a Golden Dawn (Aurora Dourada), que teve como mestre McGregor Mathers, e pela qual passaram personagens como Aleister Crowley, o poeta irlandês William Butler Yeats, ou Bram Stoker (autor da novela *Drácula*)²⁰. Para todas estas sociedades foi determinante a busca do oculto e da sabedoria arcana na sua forma de magia cerimonial.



Também neste século, França é palco daquilo que nos meios foi chamada "guerra das rosas" entre os eruditos personagens e suas respectivas ordens rosacruz: Stanislas de Guaita, fundador da Ordem Kabalística da Rosacruz, e Joséphin Péladan, um artista e místico católico, que fundou a Orden da Rosa Cruz Católica e Estética, muito co-

nhecida por ter sido a promotora dos famosos Salões Rosacruz, que em 1893 expunham obras de diversos pintores, entre os quais Delacroix. O movimento estético rosacruz de Péladan, inspirou também os *Concertos Rosacruz* de Eric Satie²¹.

A herança ocultista e cerimonial do século XIX passará ao século seguinte, principalmente através da Ordem Rosacruz AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosacruz), fundada em 1909 nos Estados Unidos por Harvey Spencer Lewis por incumbência de um movimento rosacruz de Toulouse e inspirada na herança egípcia de 1350 a.C. O simbolismo da Rosa e da Cruz é explicado na AMORC, na sua iniciação ao primeiro grau, do seguinte modo: “A vida é representada pela Luz; o anelo é representado pela Rosa e Cruz; e a morte pelas trevas. Disto podemos aprender que o anelo – o anelo por actuar, servir, realizar, dominar e, por fim, alcançar – é possível pelo karma (cruz) que devemos sofrer e pela evolução (rosa) que realizamos através dele”²².

Spencer Lewis procurou também demonstrar princípios universais de harmonização verificáveis através de instrumentos e aparelhos de sons e cores que ele próprio criou para o efeito. Harmonização com o Cósmico é uma das linhas fundamentais do ensinamento de Lewis.

Não há religião superior à Verdade

No período do final do século XIX e início do século XX, é perceptível uma in-

tensificação da actividade espiritual de busca da verdade universal. Neste panorama destaca-se o nome de Helena Petrovna Blavatsky. Por inspiração dos “mestres” escreve importantes obras como *Ísis Sem Véu* e *A Doutrina Secreta*. Foi Blavatsky que introduziu os mistérios de iniciação orientais no mundo ocidental e mostrou com isso que os ensinamentos de sabedoria do oriente e do ocidente contêm as mesmas ideias universais²³. Em 1875, H.P.B. funda com Henry Olcott e William Judge a Sociedade Teosófica. Pouco tempo antes, Blavatsky faz uma



anotação importante que esclarece o trans-fundo sobre o qual é fundada a Sociedade Teosófica: “M.: [=Mestre Moria] dá ordens para que se funde uma sociedade, uma associação secreta, como a loja dos rosacruzes. Ele prometeu ajudar-me nisso”. E três semanas antes da sua morte, em 1891, explicou, numa carta dirigida a uma convenção de teósofos a sua devoção à Fraterni-

dade: “se cada membro da Sociedade se contentasse em servir a uma força impessoal, indiferente a elogios ou críticas, enquanto servisse os fins da Fraternidade, os avanços alcançados assombrariam o mundo”.

A Ciência Espiritual: Filosofia da liberdade e Antroposofia

E é precisamente no seio da Sociedade Teosófica onde aparece uma nova linha de pensadores rosacruz, que tem como primeira figura Rudolf Steiner, fundador da Sociedade Antroposófica. A monumental obra de Steiner está cheia de referências rosicrucianas. Através da sua Escola Superior de Ciências Espiri-

tuais, a tripartição social, a renovação da agricultura, da pedagogia e da medicina, e com os impulsos que deu à música, à linguagem e à dança, Steiner insere-se na tradição reformista dos rosacruz, caracterizada por se basear na visão espiritual direta. Insere-se também nesta tradição o seu impulso para uma renovação religiosa no seu *Quinto Evangelho*²⁴ e nos cursos que dá aos sacerdotes da Comunidade de Cristãos.

No Congresso de 1907 da Sociedade Teosófica em Munique, Steiner desenvolve numa série de conferências a sua *Theosophie der Rosenkreuzers* (a Teosofia dos Rosacruz). Com isso pretende estabelecer uma união entre a filosofia e a mística oriental, por um lado, e a teosofia cristã dos rosacruz, por



outro. Recolhe a herança da rosacruz clássica e actualiza-a numa ciência espiritual adaptada à consciência moderna. Nesse congresso são exibidos também os sete selos desenhados por Steiner para reflexão e meditação. O sétimo selo traz o axioma rosacruz enunciado no início deste artigo (originário da *Fama Fraternitatis*), que Steiner denomina “a oração original da humanidade”, e que explica do seguinte modo:



“*De Deus Nascemos*, é a antiga sabedoria que o vidente obtinha através da revelação. Cristo, que abandonou os mundos espirituais, une a sabedoria com o amor. Desde então, só aquela parte da sabedoria que está penetrada pelo amor é de valor para o mundo. Perseguir o amor abnegado é o *Em Jesus Morremos*. A perfeição espiritual e o amor devem

circular fortemente na humanidade e despertar o espírito que se encontra encerrado na matéria: *Pelo Espírito Santo Renascemos*”²⁵.

Vale a pena assinalar que para Rudolf Steiner Christian Rosacruz representa o impulso que no século XIII se deu no nível esotérico, e no século XIV no plano exotérico, primeiro pela radiação da loja dos sábios, e mais tarde pelas lições de Christian Rosacruz nas suas viagens pelo mundo²⁶. Com isso, segundo Steiner, Christian Rosacruz, enquanto protótipo, converteu-se no centro de uma futura religião que um dia abarcará todas as religiões antigas e actuais. Uma religião de carácter exclusivamente interior, baseada numa cooperação consciente do plano divino, e orientada para a aplicação consciente da sabedoria na prática da vida. O que acabará por levar à ressurreição consciente do homem no campo de vida divino²⁷.

Unificar cabeça e coração: “Mente Pura, Coração nobre e corpo São”

Em 1909 Max Heindel (verdadeiro nome Louis Fredrik Grasshof, nascido em 1896 na Dinamarca) funda em Seattle, Estados Unidos, a *Rosicrucian Fellowship* (Fraternidade Rosacruz). Tendo emigrado em 1896 para os Estados Unidos e tornado membro da Sociedade Teosófica em 1904, conhece Rudolf Steiner, então presidente da secção alemã da ST, em 1907, através de uma amiga comum, Alma von Brandis. Depois de frequentar as conferências de Rudolf Steiner, diferenças de ponto de vista afastam-no de Steiner, o que provoca uma rotura

entre Alma von Brandis e Heindel e, mais tarde, com o próprio Steiner. Na primeira edição da magistral síntese do cristianismo esotérico, *O Conceito Rosacruz do Cosmos (Rosicrucian Cosmo-conception)*, Max Heindel abre com uma dedicatória de gratidão e amizade a Rudolf Steiner. Mais tarde esta dedicatória é retirada das posteriores edições.

Na sua declaração *Porque sou um Rosacruz*²⁸, Heindel escreve: “O ensinamento dos rosacruzes dá uma explicação clara e lógica do mundo e da humanidade. Desperta a atitude de questionar em vez de condenar, de modo que o buscador da verdade espiritual encontrará uma satisfação racional plena. As suas explicações são tão puramente científicas como altamente religiosas [...] Por isso seguimos mais o ensinamento dos rosacruzes do que o de outros sistemas, pois a sua filosofia lógica dá satisfação à alma, e por isso convidamos a investigá-la todos os que queiram receber as suas bênçãos ²⁹”. No *Conceito Rosacruz do Cosmos*, Heindel escreve sobre Cristão Rosacruz: “O seu nome só por si já é uma personificação da maneira e dos meios necessários para transformar o homem actual no superhomem divino. Este símbolo – Cristão Rosacruz, Rosacruz Cristã – mostra-nos a meta final da evolução humana, o caminho que temos de percorrer e os meios com que se alcança esta meta” ³⁰.

Procurando tornar mais perceptível a verdade profundamente oculta no ser

humano, Max Heindel declara ainda que “Não se podem desvelar os segredos da verdadeira iniciação. Não é nenhuma cerimónia exterior, mas sim uma experiência interior” ³¹.

A Escola Rosacruz: uma oficina alquímica

A busca espiritual de Jan van Rijckenborgh (pseudónimo de Jan Leene 1896-1968) leva-o, em 1924, a juntar-se à Rosicrucian Fellowship de Max Heindel. Na secção holandesa – da qual assumirá a liderança - dedica-se ao estudo aprofundado das obras de H.P. Blavatsky, Max Heindel e Rudolf Steiner. Investiga, traduz e comenta os Manifestos R.C., as obras de Comenius, Paracelso e Jacob Böhme – referências espirituais do seu futuro desenvolvimento – afirmando que “o que liberta não é a Filosofia, mas sim o Acto”. Em 1930 integra a colaboração de Catharose de Petri (pseudónimo de Henriette Stok-Uizer) e a partir de 1935 a secção holandesa da Rosicrucian Fellowship segue o seu próprio percurso tornando-se no Lectorium Rosicrucianum – Escola Internacional da Rosacruz Áurea, na tradição das “Escolas dos Mistérios”. Durante a 2ª Guerra Mundial a Escola Rosacruz é proibida e encerrada pelas forças alemãs de ocupação nos Países Baixos. Mas um pequeno grupo continua o trabalho na clandestinidade, submergindo-se no estudo do Corpus Hermeticum e nos ensinamentos de Hermes Trismegistos, nos escritos maniqueus e de outros grupos gnósticos e na História dos Cátaros. Neste período van Rijckenborgh escreve o livro “*Dei Gloria Intacta*”, onde expressa as bases para o ensinamen-

to gnóstico do século XXI e no pós-Guerra, a Escola Rosacruz ressurgiu — agora com tónica assente na convicção de que a humanidade inteira, cada ser humano, irá viver, mais tarde ou mais cedo, “o confronto com a vocação divina que traz no seu interior”.

Van Rijckenborgh e Catharose de Petri publicam dezenas de livros onde procuram tornar claro o ensinamento da “Transfiguração”. Parte das obras são alocuções destinadas aos alunos da Escola nos anos 50 e 60 contendo marcas de oralidade e da época e circunstâncias em que foram lidas, mas onde perpassa o apelo à reunificação com o Espírito sem intermediários pessoais ³², realizada através da auto-iniciação.

Num esforço de síntese da tradição esotérica universal, ressuma das suas obras o objectivo de libertação de toda a humanidade, sem excepção. O ensino da transfiguração, proveniente da alquimia dos rosacruzes clássicos, adquire também significado actual. Pois ela implica a criação de uma escola enquanto oficina alquímica, fundamentada na constatação de que: “No coração de cada ser humano existe um núcleo espiritual em estado latente. Quando este desperta para a actividade, torna-se possível empreender o caminho de renascimento espiritual”. Na página web da Escola Rosacruz podemos ler: “Porque o Fogo do Espírito está presente na sua esfera de acção, a Escola Rosacruz propicia o renascimento espiritual disponibilizando o seu *campo*



de força onde pode dar-se o nascimento e desenvolvimento do ser espiritual. Por outro lado, faculta o ensino da adequada utilização das possibilidades despertadas por este Fogo: o ensino da Transfiguração” ³³.

Um Campo de busca e de investigação

Em 1957 Joost Ritman funda em Amsterdão a *Bibliotheca Philosophica Hermetica*. Nas décadas seguintes, esta biblioteca pública tornar-se-á o repositório com o maior acervo do mundo em obras de hermetismo e rosacruz, com originais dos manifestos rosacruzes, de Paracelso, de Jacob Böhme, entre muitos outros. Durante esse período juntar-se-á ao projecto Carlos Gilly, professor da Universidade de Basileia e investigador de renome mundial, que aceita dirigir

todo o trabalho de classificação e organização e também o trabalho de edição de fac-símiles e traduções, assim como no de investigação, em colaboração com a Universidade de Amsterdão e diversos institutos de investigação. Esta Biblioteca, também conhecida como “Ritman’s Library” em referência ao seu fundador, conta ainda hoje com o apoio de investigadores em todo o mundo entre os quais ressaltava o nome de Umberto Eco. O exemplo estava lançado e em centros de investigação universitários começa a surgir a noção da importância do estudo do hermetismo em geral e do hermetismo cristão em particular para a compreensão da História ocidental. A rejeição preconceituosa por um lado, e a abordagem apologética e indutiva por outro, tinham aberto um vazio nos estudos hermetistas. Neste contexto, na viragem do século XX para o XXI surgem em Espanha, em Portugal e na Alemanha, fundações que de um modo neutro procuram investigar e a divulgar as fontes históricas antigas e modernas relativas ao hermetismo e à Rosacruz. É exemplo em Portugal da Fundação Rosacruz, que se constitui em 2007 como um fórum aberto, em colaboração estreita com as instituições académicas, sociais e artísticas, onde volta a estar presente o “espírito de Fez” de que fala Cristão Rosacruz, um espírito que impulsiona os homens e reunir-se e a partilhar os mútuos conhecimentos descobertos, para assim melhorar a sociedade em que vivem.

Notas:

1. É onde foi lançada a edição de um álbum, com artigos de investigação e imagens, (*Sabedoria do Silêncio – Hermetismo e Rosacruz no Pensamento Humanista Ocidental*, Lisboa, 2012, Fundação Rosacruz);
2. Francisco Casanueva Freijo. *Sabedoria do Silêncio – Hermetismo e Rosacruz no Pensamento Humanista Ocidental*, Lisboa, 2012, Fundação Rosacruz
3. *Ibid.*
4. Frans Smit, *La LLamada de la Rosacruz – Cuatro siglos de Tradición Viva*, Fundación Rosacruz ;
5. Frances Yates, *O Iluminismo Rosacruz*; ed. Cultrix;
6. Frans Smit, *La LLamada de la Rosacruz: Cuatro siglos de Tradición Viva*, Fundación Rosacruz;
7. *Ibid.*
8. *Ibid.*
9. *Ibid.*
10. Frances A. Yates (1899-1981), *O Iluminismo Rosacruz*;
11. Rui Lomelino de Freitas. *Sabedoria do Silêncio – Hermetismo e Rosacruz no Pensamento Humanista Ocidental*, Lisboa, 2012, Fundação Rosacruz;
12. *Ibid.*
13. *Ibid.*
14. No pavimento da Catedral de Siena encontra-se a imagem de duas figuras em que uma entrega as tábuas da Lei à outra, com a seguinte legenda “*Hermes Mercurius Trismegistus contemporâneo de Moisés*”.
15. Eduard Berga. *O Catarismo na Tradição Espiritual do Ocidente*. Lisboa, 2012, Fundação Rosacruz.
16. *Adv. Haer.* I.25,1. In Slavenburg, Jacob. *A Herança Perdida de Jesus*, Lisboa 2012, Marcador.
17. *Filip.* 55. In Slavenburg, Jacob. *A Herança Perdida de Jesus*, Lisboa 2012, Marcador .
18. Frans Smit, *La LLamada de la Rosacruz: Cuatro siglos de Tradición Viva*, Fundación Rosacruz .
19. *Ibid.*
20. *Ibid.*
21. *Ibid.*
22. *Ibid.*
23. *Ibid.*
24. Rudolf Steiner, *O Quinto Evangelho*, Editorial Antroposófica.
25. Frans Smit, *La LLamada de la Rosacruz: Cuatro siglos de Tradición Viva*, Fundación Rosacruz
26. *Ibid.*
27. *Ibid.*
28. Heindel, Max [Carl Louis Fredrik Grasso], *Waarom ik een Rozekruiser ben* (Porque sou um Rosacruz?), Zeist, sem data, Amsterdão, Bibliotheca Philosophica Hermetica.
29. Frans Smit, *La LLamada de la Rosacruz: Cuatro siglos de Tradición Viva*, Fundación Rosacruz.
30. Heindel, Max. *Conceito Rosacruz do Cosmos*, Lisboa, Fraternidade Rosacruz de Portugal.
31. Frans Smit, *La LLamada de la Rosacruz: Cuatro siglos de Tradición Viva*, Fundación Rosacruz.
32. <http://www.goldenrosycross.org/>
33. <http://www.goldenrosycross.org/>

Rui Lomelino de Freitas

(Texto adaptado de

<https://www.ruilomelinodefreitas.com/artigos-cient%C3%ADficos>)

Homo simbolicus

Não há transformação exterior sem antes ocorrer a interior. A dificuldade é compreender essa mudança, interpretá-la e tirar conclusões.

As mudanças começam sempre pelo íntimo de cada um de nós. Só assim as forças centrífugas desse movimento interno interferem na realidade colectiva. Só assim há poesia. Só assim as mutações são permanentes e duradouras. Só assim a revolução humana é possível. Só assim é possível ordenar o mundo exterior em acampamentos metafóricos que nos lembram reflexos de vidas anteriores, onde se cruzam linhas ambigualmente flectidas para dentro, finas e etéreas, onde há destinos que se cruzam, onde há halos de cores que se prolongam pela cor principal que nos remata o instante, onde há símbolos que se misturam, que têm existência própria, que

vivem das entranhas memoriais do plasma humana, que respiram, não o vento das montanhas mas o vento do destino, como se fossem um indicativo, um pressentimento da verdade.

Para melhor compreender esses símbolos dirijo-me à janela da intuição, onde as reacções são mais sincréticas. Vou em busca de figuras mitológicas, de florestas de números, de lendas, de ritos, pontes, desertos, miragens, que me integram no universo percorrido, onde cada um desses arquétipos perdidos em mim representam uma floresta, mas, simultaneamente, uma hipótese de descoberta. Vou esperançado de um dia conseguir chegar ao acto do renascimento e, finalmente, conseguir ler os desígnios do Mundo, nem que um pedaço de mim tenha de morrer.

Sei das suas existências, mas não os consigo ver. São como sonhos, vivem nos meus espaços vazios, longe da memória, enrodilhados nas esquirolas do Ser e sempre ensopados em ideias. Sei das suas existências, mas não os ouço. Sei das suas existências, mas não os consigo tocar. Sei, também, que sou muito mais do que os senti-



dos apreendem e, por isso, percorro todos os córregos da existência, nunca as autoestradas, sempre espelhados em folhas de papel em branco.

Insatisfeito vou para outro ângulo para observar melhor os campos siderais das estrelas humanas. As montanhas vão surgindo lavadas pelo sol da manhã, os grãos de memória que a compõem estrebucham no seu ventre e, a corcunda das sombras projectada na onda seguinte, diluem-se no mar das sensações e tudo me parece belo e intangível. Faz-se novamente noite, e outro dia sucessivamente. E, no lusco-fusco da Lua, descubro a incessante recriação e a conseqüente transformação. Hoje, já tudo me parece diferente. A complexa associação de imagens, que não controlo, alteraram o meu comportamento emocional. Sei apenas que amanhã, à Luz do Sol, as montanhas erguer-se-ão novamente neste meu, nosso, plasma metafórico existencial, mas sem a beleza de ontem.

Descubro-me simbólico. Vejo aquilo que sou, neste instante. A visão, carregada de imagens deste mundo virtual, canalizada para esses mundos etéreos, alterou-me a sensibilidade e a poesia não acontece. Saem-me apenas palavras reais, sem as ambigüidades, sem a polissemia de que tanto gosto, sem metáforas, sem sinédoques, a humanidade parece-me em risco.

Não passamos de meras representações simbólicas. Felizmente não há determinismo nessa estrutura simbólica que nos está a derrotar e a alterar a caminhada que, lentamente, fomos trilhando. Talvez tenhamos de voltar ao início, talvez tenhamos de encontrar novamente o "outro" nesse nosso labirinto ritualístico e simbólico, talvez tenhamos de refazer o caminho que nos trouxe até

aqui, talvez tenhamos de nos libertar da ditadura da imagem, mas, insisto não há determinismo, tudo dependerá de nós. Sim, de nós, dessa capacidade única no reino animal de representar simbolicamente o Mundo e que o poder da imagem vai obscurecendo. Teremos de recriar a memória do tempo, provavelmente, teremos de edificar as lendas que ainda cintilam suspen-



sas nos universos criados, sim, teremos de procurar novamente o mistério que somos e fazer dele uma campanha histórica, sim, olharmo-nos novamente nus ao espelho, perscrutar os interstícios ocultos do nosso universo simbólico, também, mas, no fim, a humanidade dos tempos futuros renascerá.

Resisto. O meu dever é resistir, pois um dia triunfarei.

António Lopes, 32º

O Dever do Dever

Em maçonaria o Dever assenta num natural compromisso de um aperfeiçoamento individual, que acontece com a correcção do que carece ser corrigido através do trabalho e não da certificação ou graduação como força motriz impulsionadora. Quando somos iniciados somos impelidos a trabalhar, mandam-nos produzir as chamadas “pranchas de grau” como uma materialização de um merecimento de aumento.

É mais larga que comprida a estrada que o maçom trilha e é bom que não se confunda com um passeio no parque, mas antes com uma missão interna incessante, que tem como inspirações a busca de conhecimento, o combate às grilhetas dos vícios e o contraponto ao obscurantismo associado ao aperfeiçoamento

moral. Com mais deveres que benefícios, o maçom escolhe cumprir impulsionado pelo dever imposto pela sua consciência.

O dever maçónico é um imperativo ético, em que só após o cumprimento dos deveres implícitos à ordem, os direitos são desbloqueados, porque estes são o retorno respectivo aos deveres que se completam. Desta forma, a execução do dever e do compromisso é o prelúdio do compromisso associado ao trabalho.

É esta atitude que se contrapõe ao facilismo e ao hedonismo tão difusos na nossa sociedade, que insidiosamente vão influenciando as existências mais débeis ou mais distraídas.

Ao contrário do que se possa levemente pensar, desde a mais tenra idade que o indivíduo tende a valorizar mais o que esforçadamente conquista e trabalhosa-mente obtém, do que aquilo que arrecada sem empenho, fonte porventura de deleite imediato, mas arbúscula sem raiz



resistente para agarrar interesse por um considerável período. Ao educarmos uma criança verificamos que, ao contrário do que as próprias julgam, elas não apreciam tanto assim a liberdade total, a possibilidade de fazerem o que querem, quando querem, como querem. O discípulo de Freud, médico psiquiatra e psicanalista Jacques Lacan, desenvolveu uma teoria assente no conceito “Le nom du père” uma relativização, que se inicia por ocasião da primeira proposta de pluralização dos Nomes-do-Pai, e se torna passível de ser completada quando, no âmbito da topologia do nós, o simbólico claramente perde a preeminência em relação aos outros registos associado ao trocadilho “nome do pai e o não do pai”. Desta forma pretendo defender que se tal for impossibilitado à criança, esta poderá extasiar-se perante a ausência de limites, ainda que, passado algum tempo, seja provável que esta procure o aconchego, a segurança, a certeza das fronteiras, dos limites, das restrições - contra as quais tanto retorquem, porque o dever dá sentido e segurança. Afinal de contas, quando não há limites, como se pode desobedecer? Como se pode impelir uma barreira inexistente para ir além dela? E o desenvolvimento, o crescimento humano, tanto da criança como da espécie, é feito de infracções, de ultrapassagens de barreiras, de partidas para o fortuito apenas permissíveis porque se sabe que, se e quando forçoso, se pode recuar e voltar para o certo e seguro.

O dever é, pois, essencial para a espécie humana. Para o cumprir e, por vezes, para o contrariar, aceitando os riscos e

sequelas, mas também procurando o além para lá do horizonte...



Os direitos promovem satisfação e conforto, mas são redutores, balizadores, meras interrupções simpáticas, claramente necessárias, mas afinal factores de regulação, não de conseguimento ou evolução. Os direitos desfrutam-se e, ao serem saboreados, estaca-se não se avança. É no cumprimento do dever, com o esforço e o custo subjacente ao caminho, que se desenvolve, se conquista, se edifica, se vai além.

Aproveitar os direitos é claramente benéfico e promotor de bem-estar. Mas, bem vistas as coisas, cumprir os deveres, ainda que tal implicando trabalho, custo, esforço, é melhor. Porque no fim do cumprimento do dever acaba por estar sempre um prémio. Por vezes de simples, mas saborosa, satisfação. Outras vezes com vitórias, com prazeres, com ganhos que não teria, se se tivesse mantido no simples gozo dos direitos que já se tinha, sem mais nada fazer. A áurea mediocridade pode ter brilho - mas não deixa de continuar a ser mediocridade.

Os maçons defendem o Dever, dão atenção aos seus deveres, cumprem os seus deveres. Não por serem masoquistas.

Bem pelo contrário, por compreenderem que é assim que conseguem a realização pessoal.

A lei da superfície não é algo sobre o qual a maioria das pessoas tenha que pensar normalmente, mas explica muito sobre nós. A lei diz simplesmente que, à medida que o volume do objecto cresce, a sua área de superfície relativa diminui. Vamos fazer o exercício de pensar num balão. Quando o balão está vazio, é basicamente borracha com uma quantidade comparativamente pequena no exterior. Quanto mais encher mais o interior domina o todo.

A missão e o dever são determinantes na existência humana. Por exemplo, o espermatozóide tem um dever consideravelmente relevante no processo de concepção.

É constrangedor e difícil saber o que pensar dos espermatozoides. Eles são quase heróicos, como navegadores ou astronautas da biologia humana, as únicas células concebidas com a missão e o dever de sair do nosso corpo e “explorar outros mundos”. Por outro lado, são idiotas desorientados, que quando vão parar ao útero, parecem curiosamente mal preparados para o único dever que a evolução lhes atribuiu. Nadam muito mal e com um terrível sentido de orientação. Sem ajuda, um espermatozóide pode demorar 10 minutos a percorrer um espaço da largura de uma das palavras deste balaústre.

Já as mulheres são dotadas de um enorme possibilidade reprodutora. Um facto curioso é que todas as mulheres nascem já com um importante dever, o forneci-

mento de óvulos (dentro de si). Formam-se quando a mulher ainda está no ventre e ficam nos ovários anos e anos antes de o dever os chamar à acção.

“Numa visita presidencial a uma quinta, a senhora Coolidge (primeira dama do 30º presidente dos EUA) perguntou ao guia quantas vezes o galo copulava diariamente cumprindo assim o seu dever. “Dezenas de vezes” foi a resposta. “Por favor, diga isso ao meu Presidente”, Pediu a senhora Coolidge. Quando o presidente passou no galinheiro e foi informado em relação ao galo, perguntou: “Sempre a mesma Galinha?”. “Oh, não, senhor Presidente, com uma galinha diferente de cada vez.” O Presidente acenou lentamente com a cabeça e disse: “Diga isso à senhora Coolidge”.

Alexandre Bogalho, 4º



O Maçom e a essência da sua auto-imagem

Segundo a reestruturação da sabedoria antiga levada a cabo pelo grande estudioso e iniciado austríaco Rudolf Steiner, algumas passagens do Génesis de que as tradições paralelas, como a egípcia e a grega, se interessaram e abriram o caminho à forma de interpretar ou descodificar a Bíblia pelos neoplatónicos, pelos primeiros cabalistas, sendo, mais tarde, elucidada por grupos como os Rosacruz, já os antigos tinham curiosidade pelo entendimento da evolução da Humanidade e do mundo através do estudo da sequência das constelações do Zodíaco. *“Para eles, a História do mundo estava escrita nas estrelas”*.

Se aquela época foi marcada por uma notável concordância no que tocava às imagens associadas à sequência das constelações, a nossa memória colecti-

va da Matriz, como um termo alquímico, explica e descreve a impressão de matéria sólida como resultado de um ser formado pelo poder da imaginação concentrada que pode obter uma vida própria e, em circunstâncias especiais, tornar-se visível e até tangível. Assim o escreveu Paracelso, mago suíço, no século XVI.

Também há quase duas décadas, mais precisamente em Fevereiro de 2005, no «Sunday Times», saiu uma manchete que questionava - *“A Vida é só um sonho?”* - e cujo autor Sir Martin Rees, astrónomo real britânico, era um interessado pela evolução “telemática” dada a capacidade dos computadores em simular mundos virtuais cada vez mais detalhados e até mesmo mais complexos do que aquele em que, ainda hoje, pensamos viver. Filosoficamente, esta abordagem via os seres humanos como as criações dentro dessas simula-

ções e o próprio Universo como uma espécie de abóbada celeste em vez da realidade.

É o fascínio pelo extraordinário grau de ajustamento necessário ao ser humano para poder evoluir que tem levado a questionar a própria realidade em filmes de ficção plenos de sabedoria iniciática relativamente a estados alterados e a dimensões paralelas. Exemplos são os filmes *“Blade Runner - Perigo Imminente”* e *“Relatório Minoritário”*. Mas o



maior de todos foi *“Matrix”* onde encontramos um reflexo preciso dos ensinamentos das escolas de Mistérios e das sociedades secretas.

A capacidade e a maneira de olhar o Cosmos e decifrar o seu código desde a antiguidade é um sinal encorajador e *“explica como a nossa experiência do Universo vem a ser como é”*. Visto da perspectiva da filosofia esotérica, o ser humano necessita de uma série extraordinária de equilíbrios emocionais saudáveis e não apenas fortes, para estruturar e consolidar a sua própria experiência, pensar livremente, exercer o livre-

-arbítrio e agir em consciência em torno da sua própria vida interior.

O ponto central é que o ser humano é parte de uma humanidade que respeita tudo o que a rodeia. Não conhece limites, mas estabelecerá limites naturais a si mesmo. Quando colocado no centro da terra e olhando em volta pode comodamente descortinar tudo o que se encontra no mundo e ser o criador de si mesmo e esculpir-se de qualquer forma que preferir. Esta é uma perspectiva surgida no Renascimento e que continua a ser influente nos dias actuais.

É pois fácil perceber que o Maçom não foge a essa regra e não se mistura a dogmas de qualquer natureza. Objectiva antes as suas energias na evolução moral, social e espiritual quer individual quer colectiva. E esta busca de aperfeiçoamento determina a conduta do Maçom e a sua prática contínua de valores como o amor, a fraternidade, a solidariedade, a caridade, a compaixão, a justiça, a lealdade, a temperança na palavra e, sobretudo, a verdade.

Reconhecendo também a tolerância como algo intangível, o Maçom sabe que isso pode, infelizmente, não passar de um capricho e exigí-la apenas do outro, quando ele próprio a não consegue praticar. Não raras vezes, julga e transfere ao outro tudo o que marca a sua personalidade mesmo em vícios e defeitos como que atribuindo-lhe as suas próprias fragilidades.

E, assim, em pontos mais elevados da experiência humana, ao Maçom são exigidos equilíbrios ainda mais delicados. É então que a experiência humana comum, se não universal, permitirá entender qual é a coisa certa a fazer com a sua vida e a dos outros usando toda a inteligência e o coração, exercitando a paciência e a humildade para decidir em tempo e de forma

certa.

Por isso ao Maçom coloca-se a necessidade de gerir as suas atitudes no dia-a-dia de forma a perceber os constrangimentos que precisa de corrigir. Obriga-se a reconhecer a sua imperfeição e a vencer o próprio orgulho interior que o impede, na ausência de lucidez, de

O Maçom sabe que a Natureza resistirá na procura do equilíbrio mas que, na sua justa lei, lhe permitirá esgotar todas as oportunidades de ser feliz.

perceber os seus defeitos e de ser senhor de si mesmo, perante questões éticas e morais e consequente escolha entre a razão e a emoção.

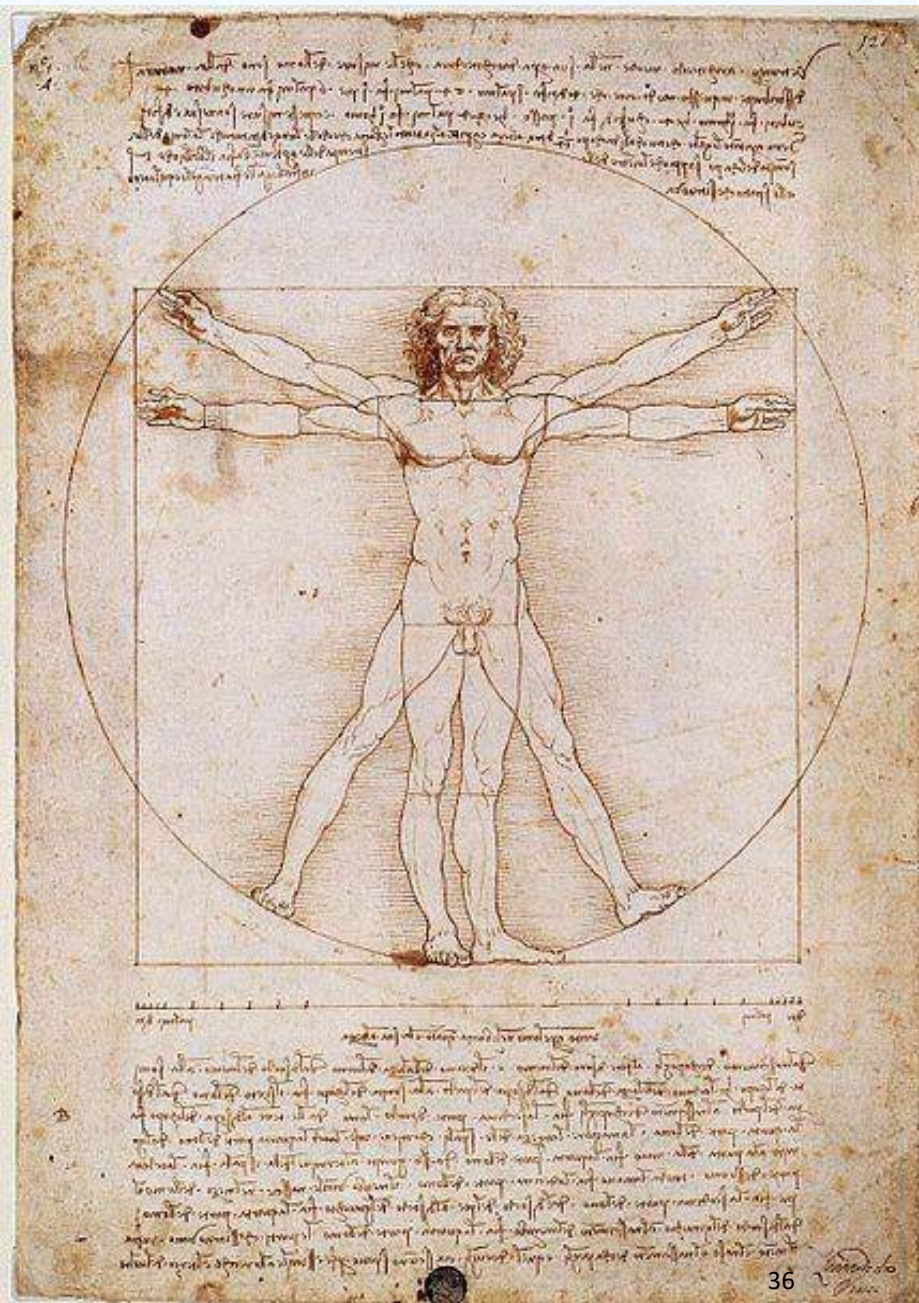
Dito isto, ao Maçom é essencial sabedoria e lucidez para enfrentar os acontecimentos que a Vida lhe coloca e que, no limite, o ensinam a não temer a Morte porque ambas são o mesmo em matéria de valor. Ele *“será sempre um equilibrista na corda bamba da existência”*. Mas, optando pela Vida, o Maçom apreciará a beleza em tudo e, com coragem e calma, esgotará todas as possibilidades de viver em comunhão com a Natureza. Será sempre um homem lúcido de causas naturais e de luta nas adversidades e até nas doenças.

O Maçom sabe que a Natureza resistirá na procura do equilíbrio mas que, na sua justa lei, lhe permitirá esgotar todas as oportunidades de ser feliz. Descobrirá que, no preciso momento em que a fé parece perdida, a felicidade é descoberta do outro lado do desespero, ou que dentro do ódio se esconde o germe cres-

cente do amor. Ficarà na memória a sua resiliência face aos infortúnios, a sua capacidade de planeamento e de realização. Sobressairá a bondade e a solidariedade; o fazer o bem à humanidade e a certeza de que na sua Vida os acontecimentos favoráveis estarão sempre em maioria.

Espera-se do Maçom que opte sempre pela Vida e que tenha a capacidade de transformação da sua personalidade e do seu comportamento melhorando, consequentemente, a essência da sua autoimagem.

Raul Amado, 33º



Reflexão sobre a JUSTIÇA

Ouvimos frequentemente como a aplicação da lei difere da aplicação da justiça em vários pontos. Nenhum acto deve ser retirado do contexto em que é cometido, motivo pelo qual a lei é interpretada por homens, à luz da moral vigente, do contexto social, e a justiça é administrada, implicando a aceitação das medidas, que têm um carácter simultaneamente punitivo e reabilitativo.

Alguém poderia pensar que, ao fim de 31 graus, estaríamos dispostos a aplicar juízos sobre as outras entidades com as quais nos envolvemos. É difícil não o fazer. Se por esta altura o Maçon construiu o seu edifício/templo e se ergue sólido, e se consegue ser imparcial e objectivo nas suas interpretações da realidade, estaria disposto a exercer julgamento sobre os seus semelhantes? Até que ponto conhecê-los-á?

Se a justiça emana da divindade, conforme está escrito em Deuteronomio 17; 8-11, é dos homens que emana o juízo. Entende-se a partir desta passagem que se o juiz, bem como os sacerdotes, determinam a conduta do consulente, este assim fará, como se o juízo tivesse emanado da própria divindade.

Qual a relação entre Justiça e o símbolo do grau? O principal símbolo deste grau é o Tetrachtys. Por ter 3 lados, como nos ensina Pike em *Morals and Dogma*, formando um triângulo equilátero, cada um

desses lados representa os 3 atributos da divindade que presidem à construção do Templo Maçónico: Sabedoria, Força e Beleza. Por outro lado, esta forma contém no seu interior uma multitude de outras formas, nas quais se pode incluir um hexágono que, na sua forma tridimensional, representa na realidade um cubo com as

Escreverás sobre as pedras-todas as palavras desta Lei, de forma bem clara.

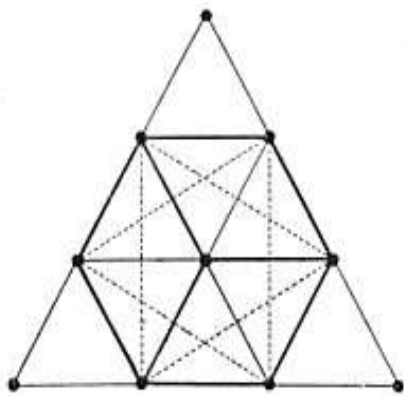
Deuteronomio, 27: 9.

suas 6 faces. Este cubo, diz Pike, não é visível com facilidade, o que nos ensina a ter fé nas coisas que são invisíveis. Mas as 6 faces do cubo, ou os 6 lados do hexágono, falam-nos das 6 bases que são o pilar da formação do homem Pitagórico: as 4 Virtudes Cardinais - Temperança, Força Moral, Prudência e Justiça -, o Amor e a Beleza.

Para os Pitagóricos, as 4 virtudes cardinais têm uma hierarquia. Como o Tetractys, o Homem é formado pelo Corpo, pela Alma e Espírito. Cada um destes corresponde a um lado do triângulo, e no topo deste, o quarto componente, a Sabedoria. A Temperança é a virtude das forças do Corpo e das suas paixões; a Força moral é a virtude das forças da Alma e das suas paixões; e a Prudência é a virtude das forças do Espírito e das suas paixões.

A Justiça é a virtude que emana da Sabedoria; só a Sabedoria pode gerar Justiça e só ela pode permitir ao indivíduo criar em si a capacidade de realizar juízos. Mas para poder adquirir Sabedoria que lhe permita exercer Justiça, tem de conseguir dominar as

Virtudes inferiores: à medida que o indivíduo progride espiritualmente, aproximando-se cada vez mais da divindade. É a Justiça a



maior dessas Virtudes, e aquela que simboliza a viagem realizada para trás pelo iniciado.



Divagando um pouco, é inegável a relação entre o Tetractys e o Delta luminoso dos nossos templos simbólicos. Colocando as letras do Tetragrammaton substituindo os pontos, obtemos um símbolo muito semelhante ao nosso Delta;

substituindo as letras *yod hé vav hé* pelos seus números correspondentes (respectivamente 10, 5, 6 e 5) e somando-os, obtemos o número 72 – que corresponde ao nú-



mero de inefáveis nomes de Deus, de línguas faladas na torre de Babel, dos poderes do Inefável Nome de Deus, etc.

Passamos então à representação tridimensional do Tetractys, desta feita em forma de Cubo. Não preciso de vos lembrar do que para nós significa a Pedra Cúbica. Mas se tomarmos o Tetractys como o lado de uma pirâmide, obtemos aquilo que é, para nós, segundo Pike, uma representação de um edifício que, pelas suas características, nos serve de exemplo de rectidão. *“As pirâmides, plantadas firmemente, com os seus vértices apontando para os pontos cardeais, imunes às agressões dos homens e do tempo, transmitem-nos o ensinamento de como devemos manter-nos firmes e inabaláveis, com os nossos pés plantados na mais sólida verdade”.*

Mas, dizem-nos os Pitagóricos, podemos ir mais longe. O Tetractys tridimensional com o seu cubo integrado, pode ser incluído no interior de uma esfera, que é o símbolo da perfeição, uma vez assimilada a verdadeira sabedoria. Também se

relaciona com a Árvore da Vida, ou Sefiroth. Mas divagamos demasiado...

Entendo que é a partir deste ponto (sabedoria, perfeição...) que estaríamos capacitados a julgar e a administrar Justiça. Através de uma posição de firmeza, com os pés plantados no chão, firmados sobre uma verdade universal, que só poderá emanar do Grande Arquitecto do Universo

Mas seria pouco humilde da minha parte reconhecer que o nosso objectivo é capacitar-nos de julgar e aplicar juízos sobre os nossos semelhantes. A mensagem do grau provavelmente não é essa. Da mesma forma que os pitagóricos acompanhavam os ensinamentos sobre o Tetractys com a locução “conhece-te a ti mesmo”, este grau ensina-nos “**julga-te a ti mesmo**”

Pedro N. S. Moreira, 32º

Porque se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.

1 Coríntios, 11:32

Divagando, não é possível encontrar o fim das relações entre os nossos símbolos.

Pontifex

“«Eu sou o caminho, a verdade e a vida», respondeu Jesus. «Ninguém pode chegar ao Pai sem ser por mim.»».

João, 14: 6

Assim respondeu Jesus Cristo à preocupação manifestada por Tomé que, mostrando ignorância sobre para onde se dirigia o Mestre, tinha desabafado e interrogado: *“nós nem sequer sabemos para onde é que tu vais! Como é que podemos saber qual é o caminho?»”*. Pergunta cândida na aparência, à qual sucedeu uma resposta aparentemente não menos simples.

Simplicidade! Desengane-se o hermeneuta, com o seu domínio da arte de interpretar os textos bíblicos pois, como o próprio Apóstolo São Pedro o admitiu, nas Escrituras há certas coisas que são difíceis de entender, não somente pela forma como foram ditas, mas sobretudo quanto ao seu alcance e ao caminho a trilhar para as alcançar.

Quão maravilhoso seria termos a capacidade de, com os olhos da Razão ou da Fé, enxergarmos de forma cristalina o significado integral das Palavras de Cristo, que consubstanciam a Verdade Eterna e Imutável.

Nesta Vida, não passamos de simples peregrinos na Jerusalém Terrestre, almejando um dia alcançar a Terra dos Bem-Aventurados e, quem sabe, aquela Verdade tão desejada, defendida por Guardiães que a ocultam dos olhares profanos, e que teima em permanecer invisível e inacessível, mas apenas para

os que não possuem as qualificações necessárias para entendê-la ou nela penetrar.

A localização daquela Verdade deverá ser entendida em sentido literal ou tomada somente como simbólica? A esta indagação respondemos sobriamente que os factos históricos, políticos, antropológicos ou religiosos têm, como todos os outros, um valor simbólico que em nada lhes retira a sua realidade enquanto factos, antes conferindo-lhes, para além dessa realidade imediata, um significado superior.

Veja-se tão-só um pequeno, embora grande, exemplo. Jesus Cristo nasceu em Belém e morreu crucificado por Roma em Jerusalém. Dois factos históricos e geográficos que envolvem a vida do fundador do Cristianismo, do Jesus enquanto personagem histórico, que quase nenhum investigador ousa negar. Mas desaparecido o nevoeiro que paira sobre aqueles mesmos factos, atentemos:

- A) Jesus nasceu em Beith-Lehem, que em hebraico significa *“Casa do Pão”*, outrora Beith-El, que significa, também em hebraico, *“Casa de Deus”*, nome dado por Jacob ao lugar onde o Senhor se lhe manifestou através de um sonho;
- B) Jesus foi imolado em Jerusalém, em hebraico *“Yerushalayim”* que significa a *“cidade perfeita”*, ou *“a cidade daquele que é perfeito”*.

Aqui jaz a verdade sob a aparência, tema tão bem explanado por Platão na sua Alegoria da Caverna. Somos, co-

mo este Autor aludiu, como um prisioneiro libertado, atordoado pelo brilho do Sol, que fica surpreso ao descobrir a verdade sobre a realidade. Espíritos tímidos, limitados na compreensão daquilo que nos rodeia por ideias preconcebidas, somos então chamados a soltar as amarras que nos tolhem o intelecto em ordem a atingirmos o real significado dos

Mas o que significa ser “*Grande Pontífice*”? Na sua obra “*Tractatus de Moribus et Officio Episcoporum*”, São Bernardo de Claraval, Doutor da Igreja, homem de santidade e sabedoria reconhecidas, autor da Regra da Ordem dos Templários e primo de D. Afonso Henriques, esclarece-nos que, derivando da palavra latina *Pontifex*, o Pontífice consubstancia uma



factos que nos circundam. E não tenhamos medo de o fazer pois como um dia afirmou Einstein, “*os domínios do mistério prometem as mais belas experiências*”.

A Maçonaria encontra-se, pois, velada em Alegoria, sendo ilustrada por Símbolos que enlaçam esta Escola de Mistérios, cabendo a cada um de nós a tarefa de raspar e ver o que se encontra por debaixo da sua superfície, interpretando-os à luz do conhecimento do momento, hoje enquanto “*Grandes Pontífices*”, título magnífico, que alude ao sacerdócio que conduz à Jerusalém Celeste pela destruição da serpente do Mal das três cabeças, simbolizadas na Mentira, na Ignomínia e na Intolerância.

espécie de “*ponte entre Deus e o Homem*”. Literalmente, significa “*construtor de pontes*”, sendo *Pontifex* um título romano, de alguém que possuindo características pessoais especiais exercia uma função de mediador, estabelecendo uma via de comunicação entre este mundo e os mundos superiores.

Na Antiguidade Clássica, Roma era governada por um Rei-Sacerdote, encarnando em si os poderes real e sacerdotal, que, entre outras funções, presidia às principais cerimónias religiosas. Mas sendo uma sociedade impregnada pelo sentido do sagrado, a Religião ocupava nela um lugar fulcral, dominando os sacerdotes todas as áreas da vida social, desde a feitura anual do Calendário,

à interpretação dos *mores maiorum*, o código não escrito que os antigos romanos aplicavam para alcançarem a Justiça nos casos concretos e que deu origem ao Direito Romano e, portanto, ao nosso Direito.

Naquela tarefa de interpretação dos *mores maiorum* tinha importância crucial o Colégio dos Pontífices, chefiado pelo *Pontifex Maximus*, a mais alta dignidade na religião romana, o supremo construtor de pontes, título posteriormente assumido pelo Bispo de Roma, enquanto titular da cadeira de Pedro, chefe do Co-



Nero, como
Pontifex Maximus

légio dos Apóstolos, a quem Jesus Cristo entregou as chaves do Reino dos Céus: *“Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares a terra será desligado no Céu.”* (Mt. 16: 18-19).

Enquanto Grandes Pontífices somos, pois os guardiões das Chaves, os fiéis depositários das verdades legadas pelos espíritos elevados que nos antecederam, que guardam a antecâmara da Verdade Suprema, tendo simultaneamente como ferramentas e desígnios fundamentais a *“Justiça”* e a *“Paz”*. Existe no texto bíblico uma frase que designa de forma esplendorosa este último desiderato: *“Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis”*.

A Paz! Tão ilusiva nos tempos que correm, tão frágil, tão premente. Quão difícil é erguer a bandeira da Paz, num mundo onde parece triunfar a mentira, o equívoco, as paixões materialistas e o relativismo. A Verdade, necessária à Paz, deixou de existir enquanto conceito inequívoco, dando origem a várias verdades, àquelas que a cada um mais convém.

Que tarefa árdua temos pela frente enquanto Grandes Pontífices...

Temos que nos constituir como o último bastião da Paz, da Verdade, da Honra e da Caridade, conhecer o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim de todas as coisas, e trabalhar para elevar e enobrecer a Humanidade. Se falharmos neste propósito nobre que somos chamados a concretizar, o Homem regressará ao seu estado primitivo e ignorante, envolvido novamente que será pelo obscurantismo e pela superstição.

O tempo urge. Como diziam os Pontífices na Roma Antiga, *“Oráculos terríveis anunciam já que os tempos estão chegados”*.

Pedro Correia Gonçalves, 19^o

Liberdade e Razão

“De modo algum creio no livre arbítrio em sentido filosófico. Toda a gente atua não só sob coação externa, mas também de acordo com uma necessidade interna. O que Schopenhauer afirmava ao dizer que “um homem pode fazer o que deseja, mas não pode desejar o que quiser” foi para mim uma verdadeira inspiração desde a juventude, um consolo constante diante das dificuldades quer da minha vida quer das dos outros, foi uma fonte incalculável de tolerância”.

A.Einstein; *Ideas and opinions*, The World As I See It, Dell Pub. Co., Inc; USA, 1973. p. 20

No século XII, o poeta e pensador sufi Jalalu'ddin Rumi escrevia que “Há uma discussão entre os partidários da necessidade e os defensores do livre arbítrio que perdurará até que o género humano se levante de entre os mortos,”¹

Vários séculos depois, David Dume considerava a “questão da liberdade e da necessidade [como] a mais controvertida questão da metafísica, a ciência mais controvertida”².

Esta questão, provavelmente uma das mais discutidas ao longo da história do pensamento humano, reside, fundamentalmente, na resposta à pergunta: temos livre arbítrio?

O debate continua, dado que, até à presente data, não há, de todo, consenso à vista, levando a crer que o pensador sufi Jalalu`diin Rumi tinha razão!

A questão da existência, ou não, do livre

arbítrio surge quando o ser humano desconfia de que as suas acções possam ser determinadas por factores que desconhece e que não controla.

*De acordo com o determinismo (causal), o que sucede em cada momento da história do universo é necessário que suceda (não pode não suceder), dado o estado anterior do universo e as leis da natureza*³.

Se este determinismo causal cosmológico, que exige a tese ontológica de um universo causalmente contínuo, em que não há lugar para o acaso, para a contingência nem para a finalidade transcendental, for verdadeiro, o que sucede em cada momento da história do universo é necessário que suceda, dado o estado anterior do universo e as leis da natureza, ou seja, tudo possui uma razão necessária para ser como é.

Assim, só um ser onisciente, que conheça por completo o estado do universo num determinado momento e tenha, simultaneamente, o conhecimento perfeito das leis da natureza, poderá saber, utilizando um raciocínio dedutivo, qual seria o estado do universo em qualquer outro momento. Se esse determinismo for, de facto, verdadeiro, então, teremos que aceitar que os seres humanos, não sendo oniscientes, estão submetidos a essa cadeia de acontecimentos determinados. Teremos que aceitar que nada acontece por casualidade.

Partindo deste pressuposto, o determinismo físico implicaria o determinismo em relação a qualquer decisão e ação humana, ou seja, há a necessidade de atuar de uma maneira determinada por não existir outra possibilidade. A ser assim, *“a liberdade humana não é propriedade da vontade, pois, não sendo esta uma causa livre, liga-se à essência e ao que dela decorre”* ⁴.

A ser assim, é necessário reflectir sobre as respectivas consequências na nossa liberdade, enquanto seres humanos, entendendo por liberdade a capacidade ou o poder de praticar certos actos de forma intencional com algum controlo sobre os mesmos, perante a existência de uma alternativa viável e o exercício de certo controlo volitivo-racional por parte do ser humano que detenha o controlo dos factores que conduzam à decisão.

Numa primeira abordagem, parece, pois, que este determinismo, a ser verdadeiro, é incompatível com a existência de alternativas ao alcance do ser humano,

dado que o mesmo corresponde à *“(...) a tese segundo a qual, em qualquer instante determinado, há exactamente um futuro fisicamente possível”*⁵ ou *“(...) a tese segundo a qual a conjugação do passado e as leis da natureza implica todas as verdades”* ⁶



Assim, se este determinismo for verdadeiro, mesmo que vários desenvolvimentos futuros do mundo sejam logicamente possíveis, dado o passado, só um deles é fisicamente possível, tendo em consideração as leis da natureza.

Desta forma, parece termos de concordar com Gary Watson quando diz que *“se o determinismo é verdadeiro, então, evidentemente, de alguma forma, não há possibilidades alternativas. Dadas as leis da natureza e as condições precedentes, não é possível que alguém fizesse outra coisa diferente da que realmente fez”* ⁷

Por conseguinte, e não querendo entrar na reflexão sobre o dualismo substancial ou metafísico de Descartes, se as actividades do cérebro humano forem propriedades emergentes da matéria que é o próprio cérebro, então, consequentemente, como referem alguns neurocientistas,

tistas, essas propriedades teriam, elas próprias, de estar submetidas às leis da natureza. A ser assim, a liberdade será



uma mera ilusão, dado que nós, seres humanos, estamos neurobiologicamente determinados nas nossas acções.

Sendo uma ilusão da consciência dos homens que se creem livres, porque conscientes das suas acções, daquilo que os leva a agir, mas ignorantes das causas que determinam os desejos e a vontade que conduz às mesmas, como poderá haver responsabilidade moral se, ao não sermos livres, nada é responsabilidade nossa? Esta questão da responsabilidade moral, pese embora seja um dos problemas decorrentes do determinismo, para não dizer o principal, não é o foco desta reflexão, podendo, assim, ficar para um próximo trabalho.

Será que, assim, nós, seres humanos, estamos, de facto, condenados a essa escravidão? Será que, de facto, nós, seres humanos, não temos alternativa de agir, de como agimos? Será que existe total incompatibilidade entre liberdade e determinismo, como referem os [libertistas](#), que defendem que as nossas acções são livres porque, na verdade, não estão causalmente determinadas e para os

quais, desta forma, a liberdade é incompatível com o determinismo, ou com referem os deterministas radicais, para os quais o determinismo é incompatível com a liberdade?

Para os libertistas, as leis causais, pese embora possam determinar o que vai suceder, não têm implicações nas decisões huma-

nas, tal como o demonstra a experiência diária de cada ser humano. Desta forma, de acordo com os libertistas, o ser humano pode agir de forma distinta à que agiu, ou seja, tem alternativas possíveis de escolha e decisão. Caso não fosse assim, como nos poderíamos sentir contentes ou tristes com os nossos êxitos ou os nossos fracassos, respetivamente?

A ser assim, teremos de acreditar que existe livre arbítrio, ou seja, podemos actuar diferentemente do que fizemos. Contudo, e ainda que este argumento nos pareça psicologicamente inescapável, será que estamos perante conhecimento ou perante uma crença que consideramos verdadeira?

A física moderna, a denominada física quântica, ao introduzir no debate o indeterminismo e a probabilidade no mundo físico, demonstrando que o comportamento das partículas subatómicas não é totalmente previsível mas sim probabilístico, ou seja, não totalmente determinista, veio reforçar a corrente dos libertistas. Contudo, e caso o comportamento das partículas seja probabilístico, contra-

por o livre arbítrio ao determinismo com base neste argumento não parece um argumento muito sólido, dado que as nossas acções dependeriam da probabilidade, ou seja, do azar ou da sorte, e não do livre arbítrio, com todas as consequências ao nível da responsabilidade moral, principal problema apontado pelos libertistas aos deterministas, dado que sempre se poderia argumentar “não fui eu, foi o acaso”. Desta forma, se o livre arbítrio não é compatível com o determinismo, também não é certo que o possa ser com o indeterminismo.



Chegados aqui, será que podemos questionar se a liberdade é a possibilidade de fazer diferente do que se fez ou será que estamos a confundir liberdade com graus de liberdade, ou seja, com a capacidade de qualquer ser vivo ter diversas opções de escolha e/ou decisão? A ser assim, os seres vivos, ao terem diversas opções de escolha, têm determinados graus de liberdade que podem depender da complexidade do cérebro do ser vivo

em questão, de forma que, enquanto seres humanos, temos mais graus de liberdade que os demais seres vivos que conhecemos. Contudo, será que isso significa que as nossas decisões são livres? Será que a existência dessas alternativas explica o porquê de se optar por uma delas? Será que a sensação de liberdade tem origem na existência dessas diversas opções à disposição do nosso cérebro?

Tendo em consideração esta noção de graus de liberdade, questionemo-nos, novamente. Será que nós, seres humanos, estamos, de facto, condenados ao fatalismo? Será que determinismo é o mesmo que fatalismo? Não parece. O fatalista não vê a possibilidade de se alterar o rumo dos acontecimentos. O determinista sabe que esse rumo pode ser alterado com base em circunstâncias que podem determinar a conduta humana.

Dadas estas dúvidas, será que existe, como muitos defendem, compatibilidade entre determinismo e liberdade? Esta corrente de pensamento, denominado compatibilismo, não questiona o determinismo. Defende, contudo, que algumas acções humanas, pese embora estejam determinadas, ao não serem constringidas, ou seja, ao não serem forçadas a realizar-se, são livres. *“Podemos resumir a ideia básica do compatibilismo dizendo que «livre» não significa «não causado» - significa antes algo como «isento de coerção». Assim, o facto de o nosso comportamento ser ou não ser livre não depende de se é ou não é causado, depende apenas do modo como é causado.”*⁹

Desta forma, o livre-arbítrio exige o determinismo, dado que num mundo aleatório e caótico, ninguém seria livre; mas num mundo que opera de forma ordenada, segundo leis causais, as ações livres e racionais são sempre possíveis quando não se verifique qualquer tipo de coerção, pois nesse mundo aquilo que a pessoa fizer será controlado pelo seu carácter e pelos seus desejos.¹⁰ Contudo, o compatibilismo tem um problema grave, ao afirmar que somos livres se as ações decorrerem do nosso carácter e dos nossos desejos não manipulados. O problema é que, em última análise, o nosso carácter e os nossos desejos são causados por forças que não controlamos. Este facto é suficiente para colocar em dúvida a nossa «liberdade»¹¹.

Aristóteles, na sua *Ética a Nicómaco*, referia que uma pessoa actua livremente, ou seja, voluntariamente, sendo responsável pelos seus actos, quando não exista constrangimento, coerção ou ignorância das circunstâncias que determinam a acção.

É precisamente a última questão, a ignorância das circunstâncias que determinam a acção, que me conduz, embora muito modestamente, ao pensamento de Espinosa, o qual, creio, e pese embora muitos, ainda hoje, o considerem determinista radical, nos pode ajudar a encontrar alguma luz para esta reflexão.

É o desconhecimento das causas que nos leva a pensar que somos nós a causa das nossas acções. Se há algo exterior a nós que nos leva agir, a fazer escolhas, a determinar aquilo que queremos e não

queremos fazer, então não somos livres.

De facto, Espinosa, na *Ética*, parte IV, explica que o homem livre é aquele que, ao agir por necessidade da sua natureza e não por causalidade da vontade, se esforça, conduzido pela potência da razão, por fazer aquilo que é de sua real utilidade, para a sua autopreservação e o bem-estar (*conatus*) individual e colectivo, “como uma tentativa de evitar o inevitável e regressar assim ao equilíbrio”¹². Portanto, a liberdade que o homem po-



Aristóteles: Estagira, 384 a.C. - Atenas, 322 a.C.)

de alcançar tem como base o conhecimento e a compreensão, ainda que parcial, das causas que o determinam necessariamente e da sua capacidade, a partir da razão, para produzir efeitos em si e fora de si.

“Passo, por fim, à outra parte da ética, que trata do modo, ou seja, do caminho que conduz à liberdade. Nesta parte, tratarei, pois, da potência da razão, mostrando qual é o seu poder sobre os afectos e, depois, o que é a liberdade ou a

beatitude da mente”¹³.

“Pelo exercício da razão podemos compreender a necessidade da ordem natural das coisas, podemos mesmo desejar aquilo que nos advém pela necessidade. Compreender essa necessidade é estar livre. (...).

O desejo de conservação do ser, da auto-preservação, se pretende ser considerado virtuoso, perpassa necessariamente pela compreensão racional dessa conservação, pois que, quando nos deixamos guiar pela razão jamais desejamos imoderadamente.

(...) Esse poder é dado ao homem. Necessário faz-se tão somente o esforço interior no caminho do conhecimento. Aí poderá ser encontrada a liberdade humana; aí se circunscreve o campo da “vontade”¹⁴.

É esse poder, não de forma absoluta, que poderá permitir ter “(...) um acesso intuitivo ao entendimento, como uma capacidade acima de todos os outros instrumentos intelectuais e cujas bases são o conhecimento abundante e a reflexão aturada. (...). Mas a intuição só pode ocorrer depois de acumularmos conhecimentos e de termos utilizado a razão para os analisar”¹⁵.

Não estar submetido à força das paixões, podendo impor-lhes algum controlo, não estar sob a dependência das coisas externas, conhecer o que é que nos faz sentir perante determinada coisa exterior a nós é o que dá sentido à ideia de liberdade em Espinosa.

Enquanto não conseguirmos controlar

racionalmente essas paixões, estamos presos a elas, somos levados por elas a fazer as coisas de forma passiva, não somos autores e actores das nossas vidas, mas antes espectadores ausentes da nossa própria vida. Assim, não teremos liberdade em nós mesmos, sendo determinados por algo que não controlamos.

Como refere António Damásio, “A solução Espinosa gira à volta do poder mental com que podemos controlar as emoções, um poder que depende, por sua vez, da descoberta das causas das emoções negativas e de um conhecimento dos mecanismos e acção das emoções”¹⁶. “A solução Espinosa pede ao indivíduo para reflectir sobre a sua vida, com o auxílio do conhecimento e da razão, na perspectiva de eternidade e não na perspectiva da imortalidade de cada um. E a liberdade é um dos resultados da solução de Espinosa, não a espécie de liberdade que habitualmente contemplamos em discussões sobre o livre-arbítrio, mas sim uma liberdade radical, uma redução da dependência em relação aos objectos de que somos escravos”¹⁷.

Para isso, mais do que tentarmos mudar o que está à nossa volta, é importante mudarmo-nos a nós mesmos através de uma compreensão racional daquilo que somos e do nosso papel no mundo. Compreender aquilo que somos capazes de fazer para nos tornarmos mais poderosos e aumentar a nossa capacidade de persistir na existência. Assim, as nossas paixões serão cada vez menos passivas e mais activas, menos irracionais e mais racionais, menos determinadas e mais livres.

“Liberdade não é a ausência de causa, mas a necessidade da causa interna, necessidade de ser aquilo que se é”. Liberdade é agir adequadamente para a conservação e ampliação da nossa potência de conhecer, existir e agir.”¹⁸

“Quanto mais nos conhecermos e descobriremos como a natureza à nossa volta interage connosco, mais podemos escolher aquilo que aumenta a nossa potência e efetuarmos bons encontros. Liberdade é conveniência entre as partes e o todo, tomar parte no sistema de concordâncias, coerências e conveniências da natureza é, pela potência do pensamento, encontrar o que é útil nas relações necessárias. (...) Então, é preciso uma análise profunda dos afetos a da natureza deles, compreender os afetos, aproximar razão e emoção.”¹⁹

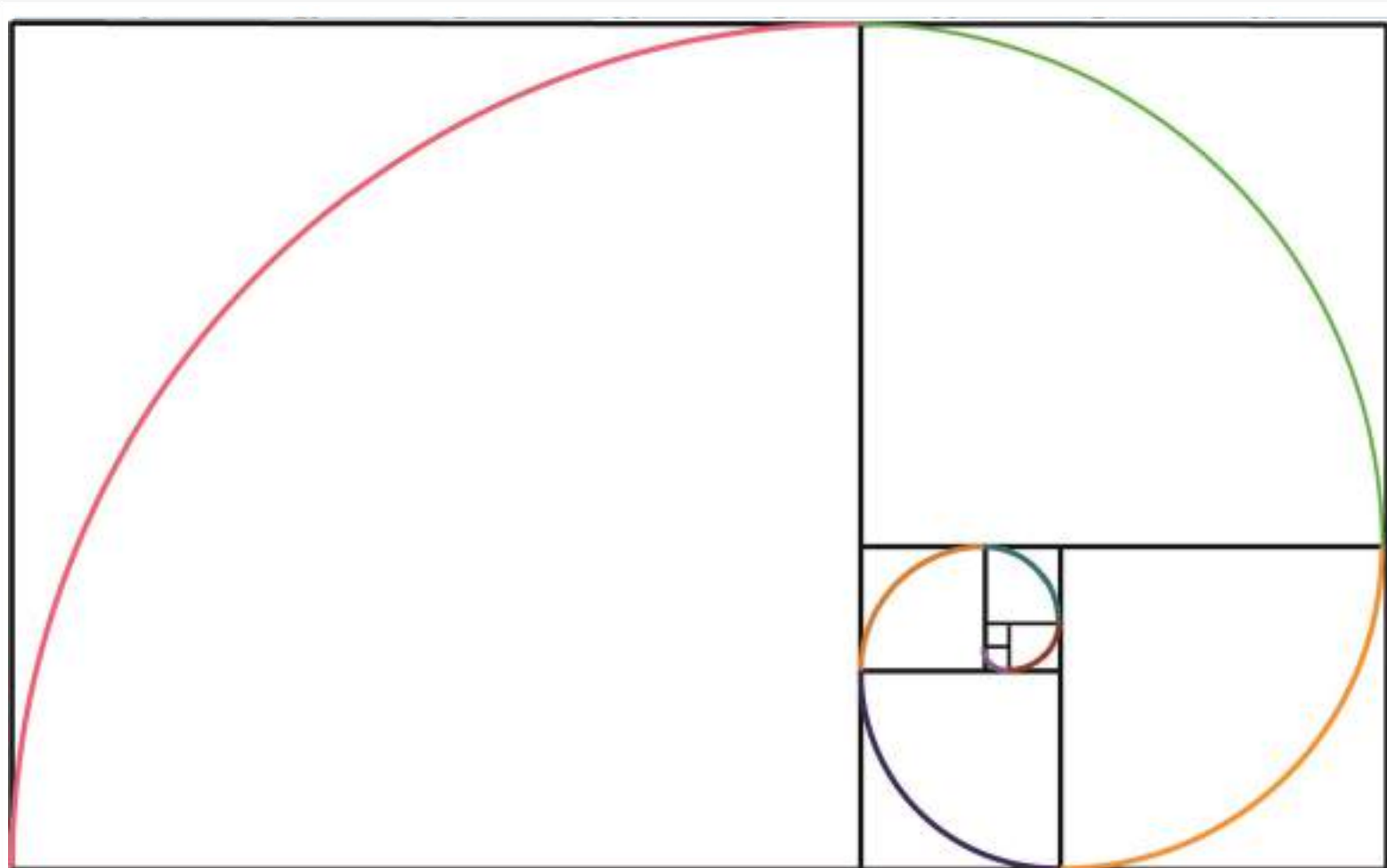
Para isso, mais do que tentarmos mudar o que está à nossa volta, é importante mudarmo-nos a nós mesmos através de uma compreensão racional daquilo que somos e do nosso papel no mundo. Compreender aquilo de que somos capazes de fazer para nos tornarmos mais poderosos e aumentar a nossa capacidade de persistir na existência. Assim, as nossas paixões serão cada vez menos passivas e mais ativas, menos irracionais e mais racionais, menos determinados e mais livres. (vídeo...) Desta forma tornamo-nos cada vez mais livres.

Notas:

1. “Free Will and the Dialectic of Selfhood: Can We Make Sense of a Traditional Free Will Requiring Ultimate Responsibility?”, *Ideas y Valores*, 58, pp. 25-43 (página 26);

2. Hume, David, *Investigación sobre el entendimiento humano* (tradução Vidarte Sanfélix y Carmen Ors Marqués), Madrid: IEd. Istmo, 2004, pg. 215;
3. Carlos J. Moya, , *Libertad, Determinismo y Responsabilidad Moral*, Universidad de Valencia, pg. 1 <https://roderic.uv.es/bitstream/handle/10550/80290/Libertad,%20determinismo%20y%20responsabilidad.pdf?sequence=1>
4. *Revista Conatus – Filosofia de Espinosa*-Vol. 9-n.º 17, Julho de 2015, pg. 14;
5. Van Inwagen, Peter *An Essay on Free Will*, Oxford: Clarendon Press, (1983), pg. 3;
6. Warfield, Ted A. (2000), “Causal determinism and human freedom are incompatible: a new argument for incompatibilism”, *Philosophical Perspectives* 14, (2000), pp. 167-180, pg. 173;
7. Watson, Gary, “Free action and free will”, *Mind* 96, (1987), pp. 145-172, pg. 154;
8. Por exemplo Benjamin Libet (12 de abril de 1916 – 23 de julho de 2007);
9. James Rachels, *Problemas da Filosofia*, Lisboa: Gradiva, 2009, p. 193;
10. *Idem*, p.p. 195-196;
- 11- *Idem*, p.p. 192-196;
12. António Damásio, *Ao Encontro de Espinosa*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2004, pg. 288;
13. Espinosa intitula a Parte V de “Da potência do intelecto ou da liberdade humana” e inicia o Prefácio se propondo a tratar da potência da razão contra os afetos, como caminho necessário para explicar o que é a liberdade;
14. Luizir de Oliveira, “Espinosa e a tradição estoica: breves considerações sobre a noção de vontade” *in Revista Conatus . Filosofia de Espinosa*, Vol 2, Nº 4, Dezembro de 2008, página 67-72 (página 72);
15. António Damásio, *Idem*, p. 292;
16. António Damásio, *Idem*, p. 293;
17. António Damásio, *Idem*, p. 294;
18. Espinosa e Liberdade, Razão Inadequada (<https://razaoinadequada.com/2014/10/29/espinoza-e-a-liberdade/>)
19. *Ibidem*.

O. Vicente, 18º



O “Número” em Almada Negreiros segundo Lima de Freitas ou a eterna busca do “módulo”

*É a essência do Número que ensina a compreender tudo o que é obscuro e desconhecido (...) A verdade só convém à natureza do Número e nasceu com ele*¹.

Philolau

Introdução

O interesse pelo estudo da Numerologia e, especialmente, pelo da Matemática e da Geometria Sagradas, só despertaria verdadeiramente, em Portugal, com os ensaios de Mestre Lima de Freitas, tendo por base o trabalho artístico do *geómetra pitagorizante* Almada Negreiros e da sua especial concepção de Número.

Almada et le Nombre, inicialmente publicado no número 6/7 da revista francesa *Exil*, (1976) transformar-se-ia, final-

mente, em *Almada e o Número*, no que constituiria o elemento fundacional do estudo da numerologia em Portugal. Esgotada a primeira edição que A Arcádia publicou em 1977, seguir-se-lhe-ia, treze anos depois, uma outra enriquecida com um Prefácio contextualizador, em que sobressai a sua concepção de «número», como factor de ordem organizadora da realidade². Pela mesma altura, a Imprensa Nacional – Casa da Moeda publicava *Pintar, o sete: ensaios sobre Almada Ne-*

greiros, o Pitagorismo e a Geometria Sagrada, trabalho que seria coroado, em 2003, com a obra 515 - o lugar do espelho: arte e numerologia.

Todo este trabalho ímpar de reflexão se baseava, no entanto, como afirmei, nos estudos que Almada Negreiros desenvolvera sobre a permanência de um cânone de matriz matemática nos painéis ditos de Nuno Gonçalves.

Estava bastante bem informado (...) das tendências de Malevitch, Kandinsky, Paul Klee, Mondrian, cubistas, enfim, de todas as feições tomadas pela arte moderna depois da fantástica revolução dos impressionistas. E, por outro lado, pelo géometra Hambidge e pelos arquitectos Ernest Mossel e Lund. Simplesmente todos esses nomes que acabo de citar me tinham francamente elucidado, em arte, da expressão exacta do movimento impressionista. O movimento impressionista foi um ponto final e não um ponto de partida - o ponto de partida seria depois do ponto final (...). Não era exactamente um resultado sobre os painéis a que eu me acometia, mas exactamente àquilo que buscava a arte moderna depois dos impressionistas. Isto é, ir ao encontro de um cânone. Eis a razão fundamental de todo o meu trabalho.

(NEGREIROS cit. in FREITAS, 1990, pp. 27 - 28)

1. O Número em Almada Negreiros e em Lima de Freitas

Do que afirmei, infere-se claramente que Lima de Freitas compreendia a verdadeira amplitude do pensamento de Almada, percebendo que o estudo dos painéis não fora mais que um simples instrumento para compreender a arte na sua essência, enquanto manifestação da chispa de inspiração divina, corporizada através de um cânone imune ao decorrer do tempo cronológico e se mantinha transversal às mais diversas culturas, numa representação do arquétipo primordial.

Almada foi ainda mais longe - foi à raiz da nossa angústia, da nossa carência, da nossa incompletude, interrogou o mistério dos princípios, do fundamento mesmo do que somos, pensamos e sentimos, redescobrimo aí o mito e o símbolo, bem como a língua «sem opinião» do «Número» e do traçado geométrico, que fala directamente às potências mais altas do espírito na sua pristina evidência transversal, mito, alegoria, símbolo, número que os antigos utilizaram para transmitir memória, saber, beleza, verdade.

(FREITAS, 1985, pp.154 -155)

De facto, Almada entendia o Número (*Numen*) e as figuras geométricas segundo a perspectiva pitagórica, como representação do mundo das ideias, como os primevos hieróglifos pelos quais os deuses transmitiram os mitos fundacionais aos homens, antes que estes os tivessem contaminado pelo *logos*.

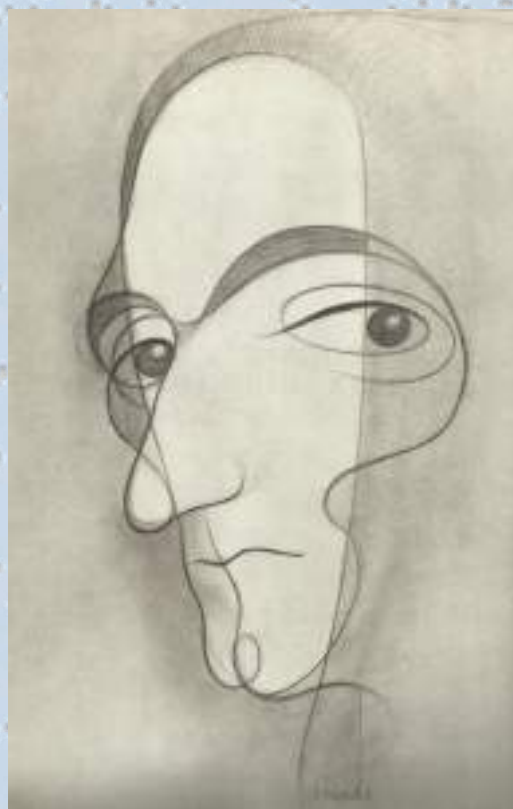
Aristóteles, na sua metafísica (III, 5) - que Almada Negreiros cita no opúsculo A chave diz e no Ver - dá a saber que os pitagóricos faziam do Número a Substância e o Ser e que para eles o Número é o Ser em todas as suas categorias, ao mesmo tempo matéria e forma. Da mesma maneira que o Número, não este ou aquele número mas o número universal, é o princípio de tudo, os números, na sua diversidade, são os princípios de todas as regularidades singulares; tal como declara Aristóxenes, «o Número é a inteligência de todos os números». (...) Filolau, o mais célebre discípulo de Pitágoras, afirma que «sem o Número nada pode ser pensado nem conhecido: o Número ensina-nos tudo o que era desconhecido e incompreensível».

(FREITAS, 1985, p.161)

Também nos fragmentos de Philolau de Crotona⁴ Mestre Almada bebeu os princípios pitagóricos que o levariam a estabelecer a dicotomia entre o belo, nas suas palavras identificado com a *sabedoria poética*, e a *sabedoria pro-*

priamente dita, que faz corresponder a uma *sabedoria reflectida*.

(...) sabedoria poética e sabedoria reflectida têm entre elas a fronteira irreductível do número. A sabedoria poética encontra o número, enquanto a sabedoria reflectida é do número que parte. (...) E isto significa que há duas definições de harmonia: uma em que o número é ingénuo e está no mundo da relação, outra em que o número é inteligível e o seu mundo é o da proporção. Ambas são número e separa-as a frontei-



ra irreductível do número, como legítimas representantes que são do Mito e do Logos

(NEGREIROS, 1948, p.17)

No entanto, essa dicotomia estava destinada a transformar-se em harmonia dos opostos, por meio de um ajustamento das dissemelhanças através do número (*numen*), que redundaria numa proporção matemática, cujo conhecimento é fundamental para a compreensão de toda a existência.

A harmonia ('harmóchtê') é a unificação de muitos elementos misturados e a concordância dos discordantes (...) O igual e o semelhante não exigem a harmonia; mas o que não é igual nem aparentado, e desigualmente ordenado, necessita ser unido por tal harmonia que possa ser contido em um Kosmos. (Philolau, Fragmentos 4)

se associaria a essência do número, incognoscível, invisível, matriz do mundo visível pelo concurso da harmonia sem intervenção da qual *teria sido impossível a constituição do Kosmos (Philolau, Fragmentos 4).*

Quando Almada afirmava que o *invisível não é só o que ainda não está visível, é também o que nunca será visível mas cuja posição pode ser contornada perfeitamente pelos mesmos limites do visível, como o cheio e o vazio num todo, isto é: o invisível é a descoberta feita pelo visível (NEGREIROS, 1943, p.29),*

tinha certamente em conta o texto de Philolau, segundo o qual a natureza do número dá conhecimento; é guia e mestre para cada um em tudo o que lhe é duvidoso e desconhecido. Se não fosse o número e a sua essência, nada das coisas seria manifesto a ninguém, nem em si mesmas, nem em suas relações com outras. Agora, porém, ao harmonizá-las,

o número torna todas as coisas cognoscíveis, harmonizando também as suas relações mútuas... (Philolau, Fragmentos 4).

Esta constatação torna-se mais clara, ainda, se tomarmos em conta o parágrafo seguinte do texto de Almada e que Lima de Freitas tem necessidade de transcrever:

No olhado primeiro, anterior a visto, no ingénuo, o visível e o invisível estão confundidos um com o outro, e se a sabedoria reflectida do visto os distingue, isto não é ainda tudo, falta ainda o ingénuo, tal qual, seja levado a fim, que não fique vencido e convencido pelo exacto do visível que o ultrapasse e entre nas contas onde o visível e o invisível são um e o mesmo, como quando chegámos pela primeira vez à

Veria Mestre Almada, nesta dicotomia entre o belo e a sabedoria, a tradicional oposição entre mito (μῦθος) e logos (λόγος), sem a qual não teria sido possível o pensamento racional, tal como foi entendido pela filosofia grega pós-socrática? Em qualquer dos casos, na pegada dos pitagóricos, Almada Negreiros entendia *que todas as coisas conhecidas têm número, pois, sem ele nada se pode pensar ou conhecer (Philolau, Fragmentos 4).* O belo resultaria da hipóstase correspondente às ideias puras, em contacto directo, ainda que intermitente e fugaz, com a mente cósmica, a Maat egípcia, enquanto a sabedoria seria o resultado da corporização das ideias que esses números representavam. Ao belo

natureza, ingênuos: com a sabedoria sagrada que não prevê a sabedoria refletida por não a necessitar (FREITAS, 1990 – 1, pp. 29 -30.)

Certamente era ao «Número» que Almada se referia ao afirmar que *o invisível é a descoberta feita pelo visível*, tal como o *philósofo* (pitagórico), ao traçar as linhas com que se desenha um polígono, para além das linhas e ângulos que traçou vê as suas propriedades, a sua lei, a sua regra, enfim, a sua essência.

2. Mytos (μῦθος) e Logos (λόγος)

Referi no ponto anterior a dicotomia existente entre *mytos* (μῦθος) e *logos* (λόγος), como fazendo parte da estrutura mental de Almada Negreiros, partindo

Nicómaco de Gerasa, de Jámblico ou de Diógenes Laércio.

Creio, no entanto, que terá sido no *Timeu* de Platão que mestre Almada bebeu a sua inspiração pitagórica:

Na verdade, antes de isto acontecer, todos os elementos estavam privados de proporção e de medida; na altura em que foi empreendida a organização do universo, primeiro o fogo, depois a água, a terra e o ar, ainda que contivessem certos indícios de como são, estavam exactamente num estado em que se espera que estejam tudo aquilo de que um deus está ausente; a partir deste modo e desta condição, condição, começaram a ser configurados através de formas e de números.

Timeu, 53b

Tal como em Philolau, também no *Timeu* o mundo é formado a partir dos quatro elementos primordiais, colocados em harmonia através da proporção.

Foi por causa disto e a partir destes elementos – elementos esses que são em número de quatro – que o corpo do mundo foi engendrado, posto em concordância através de uma proporção; e a partir destes elementos obteve a amizade, de tal forma que, tornando-se idêntico a si mesmo, é indissolúvel por outra entidade que não aquela que o uniu.

Ora assim, a constituição do mundo tomou cada um destes quatro elementos na sua totalidade. Foi a partir da totalidade do fogo, da água, do ar e da terra que aquele que constituiu o mundo o constituiu, não deixando de fora parte alguma nem propriedade alguma, pois este era o seu desígnio: em primeiro lugar, que fosse, acima de tudo, um ser-vivo com-



dos princípios da cosmogonia pitagórica transmitida através dos fragmentos co-

pleto e perfeito, constituído a partir de partes perfeitas (Timeu, 32c – 33a) ⁵.

Não me deterei na análise da polissemia intrínseca ao conceito de mito, numa perspectiva diacrónica, remetendo-me apenas ao entendimento que dele tinham os gregos durante o período homérico, tendo como raiz *meudh-/mudh*, associada à ideia de “pensamento”, “reflexão” e, muito especialmente, de “memória”, passando em fase posterior a reflectir a materialização da conceptualização anterior, associando-se à ideia de “palavra”, enquanto instrumento de transmissão de algo ⁶. Na sua origem, o mito, (*μῦθος*) está profundamente ligado à ideia de transmissão oral, da memória transmitida de geração em gera-

ção, transmitida de acordo com as capacidades dos receptores aos quais se exigia uma formação especial, geralmente culminando numa qualquer iniciação.

Tal é a tradição egípcia, provavelmente anterior a Hermes Trimegisto, *o três vezes grande*, fundador da religião e dos mistérios dos povos do Nilo, mas provavelmente anterior ao surgimento da escrita hieroglífica, o que poderá estar na origem da tradição que afirma ter o faraó ficado profundamente desalentado, quando o informaram da “invenção” da escrita.

- Trágica é essa inovação, pois com ela perderá a humanidade a sua capacidade de memória, terá contestado aos sacerdotes.

De alguma forma, esta lenda que a tradição gosta de enfatizar, traduz a dicotomia, desde sempre existente entre os dois conceitos e es-



pecialmente visível na cultura grega, cuja influência egípcia ninguém hoje contesta, a partir dos filósofos “racionalistas” pré-socráticos.

Teremos o mesmo cuidado de evitar as polissemias inerentes ao termo *Logos*, (λόγος) especialmente os que o identificam com a noção de “razão” ou “capacidade racional”.

Na Grécia, fazendo jus à lenda da tradição egípcia, a dicotomia entre os dois conceitos anda associada ao surgimento da escrita alfabética, momento a partir do qual, perdeu o seu valor simbólico para ficar reduzida à dimensão do signo que remete directamente para uma representação única do representado.

Ora esta questão remete-nos, de novo, para o conceito de *mitos* (μῦθος), de transmissão oral consubstanciada em símbolos,⁷ cuja interpretação exige uma preparação cuidada e elitista. Os “acontecimentos” que lhe dão corpo ocorrem num tempo mítico, primordial e independente do tempo cronológico. Tal como o tempo, também as personagens e as ocorrências em que se envolvem correspondem a um mundo intangível e sobrenatural, apesar de constituírem a base da corporização do mundo real.⁸ Afinal, esses mitos têm como objectivo narrar, relatar a génese do universo e o surgimento do homem e o mundo tal como existem, uma vez que a sua intemporalidade apenas é constatável por quem o analisa do exterior, ao “racionalizar” a estrutura interna que lhes dá conteúdo e o símbolo sob o qual se revelam, regressando a *um tempo anterior à cisão em sobrenatural, natural e*

humano (RICOEUR, 1960, pp. 158-159).

Mas, porque decorrendo numa outra dimensão, os mitos necessitam do concurso de uma



linguagem simbólica para que os possamos apreender *permitindo-nos dar o salto e estabelecer a ponte de união com o outro lado daquilo por que ansiamos*, o que faz com que tenha *pretensão de transcendência* (MARDONES, 2005, p. 5). É essa ânsia que subjuga o homem e o conduz em busca de algo com o qual deve unir-se, talvez porque, embora lhe sendo estranho, dele necessita para encontrar a harmonia entre si e o universo, colocando-lhe o problema ontológico que Ricoeur justifica pelo facto de *estarmos situados entre uma origem e um fim e não conseguirmos, por um lado, compreender essa origem nem esse fim e, por outro lado, de nos estar vedada a capacidade de englobar origem e fim* (RICOEUR, 1960, p. 32 e LOPES, (2009, p. 32).

A linguagem simbólica a que me refiro implica a existência de símbolos que, embora

aparentados com os signos, deles se distinguem claramente.

À medida que o signo foi suplantando o símbolo, numa evolução em que a escrita foi substituindo a memória oral, o lo-

História. Se aquela explica o universo e o homem exclusivamente por recurso a causas naturais, esta tenta registrar apenas o que pode ser observado directamente ou por interposta pessoa.

Os pré- socráticos, em aliança com Heródoto e Tucídedes, desencadeiam o processo que conduzirá à racionalização dos mitos.

Mas, terão estes desaparecido do espírito humano, ou ter-se-ão propagado de geração em geração, protegidos por um núcleo que ia mantendo a tradição da sua transmissão oral, ao mesmo tempo que transmitia a chave que permitia decifrar o que se escondia para lá dos signos que os revelavam?

Apostamos, claramente, nesta hipótese, tal como muitos ao longo de gerações que garantiram a sua transmissão consubstanciada num cânone que Mestre Almada buscou como os cavaleiros na demanda do Graal, mas que só alguns eleitos conseguem almejar.

gos (λόγος) foi relegando o *mytos* (μῦθος) para a penumbra do esquecimento. A inspiração das musas, filhas da deusa Mnemósine, que conferiam a Hesíodo a capacidade de descrever a memória dos arquétipos, narrando as origens através de um discurso codificado, em que ele apenas representa o papel de hermeneuta (Hesíodo, *Teogonia*, 31 – 34), cede progressivamente o lugar à “Verdade”, que tenta descrever a realidade tal como pode ser empiricamente observada e analisada, explicando-a numa relação de causa – efeito. O Símbolo cede definitivamente o lugar ao signo com o aparecimento da Filosofia e da

A ela se refere Almada como a Sabedoria reflectida, já anteriormente citada, *porque nela a Luz é a Sabedoria mesma, a sagrada, esta que cada pessoa recebe inteira e unicamente pela sua legítima ingenuidade, precisamente a que tem olhos e não vê, a que tem ouvidos e não ouve* (FREITAS, 1990 – 1, p. 30). Trata-se da mesma ideia já formulada por Platão quando afirmava que *o número é o próprio conhecimento*, onde se encerra o princípio unificador do universo, o *cânone*. Ou, para utilizar as palavras de Lima de Freitas, *o Número, Logos, para os gregos, Tao para os Chineses, Brama para os Hindus, para os cabalistas o nome secreto de Deus...*(FREITAS, 1990 -1, p. 65).

(Continua pag. 59)

Cânone que se revela uma permanência constante transmitida de geração em geração e aplicada até aos nossos dias por aqueles que sabem ver o que se encontra velado.

"Cânone e relação nove/dez são uma e a mesma coisa.

A relação nove/dez é uma constante do cânone. Através da história do número, e é de número que se trata, tem havido várias expressões, várias palavras que significam o cânone. Por exemplo, a começar pela primeira: número, década, theleon (na citação de Vitruvius quando diz: «o número perfeito a que os gregos chamam theleon»); e parece que foi Pitágoras quem primeiro usou os termos «número perfeito».

Mas para que entendamos bem como a Humanidade estabeleceu continuidade neste conhecimento citaremos esta frase célebre de Clemente de Alexandria: «Arquitas de Tarento deu a Platão o livro de Filolau». Esta frase de Clemente de Alexandria estabelece bem a continuidade do conhecimento imutável - porque imutável em conhecimento só pode ser o cânone. O cânone permanece, isto é, continua.

Outras expressões mais recentes também são significados da constante relação nove/dez. Por exemplo: «número de ouro», que se pode considerar uma expressão do Renascimento. Simplesmente, há aqui uma coisa que não podemos imediatamente comunicar e que é: a separação do número em duas grandes divisões - número em cálculo e número sem cálculo. Evidentemente, o cânone é sem cálculo; as interpretações do cânone são invariavelmente cálculo ou não cálculo. Mas «número de ouro», é cálculo a cavalgar o cânone mesmo (...) Ora o número perfeito desconhece o «número de ouro» e a inversa é impossível. São dois sistemas do mesmo número, paralelos entre si, e por sua vez paralelos ao número imane. A este e a todos os sistemas rege-os «a unidade, isto é, o ponto não espacial» (Aristóteles)"

(NEGREIROS, citado in FREITAS, 1990 - 1, pp. 67 - 68)

3. Génese do Número

No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.

Deus disse: «Faça-se a luz». E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas.

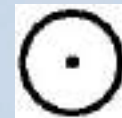
Génesis, 1, 1 – 4

A harmonia pitagórica entre o infinito e o finito poderá entender-se como a relação entre o Criador e a criatura, tal como no *Timeu* se distingue aquilo que “é eternamente daquilo que está sempre sujeito ao devir e, por isso, nunca chega a ser”. Mas, se a criatura não pode existir sem o criador, em que consiste a “qualidade, pré-existente à sua vontade, para que, da sua acção, resulte a criatura?”

Na minha opinião, temos primeiro que distinguir o seguinte: o que é aquilo que é eternamente e não devém, e o que é aquilo que devém sempre, sem nunca ser? Um pode ser apreendido pelo pensamento com o auxílio da razão, pois é imutável, enquanto que o segundo é objecto da opinião e da irracionalidade dos sentidos e, porque devém e se corrompe, não pode ser nunca. Ora, tudo aquilo que devém é inevitável que devesse por alguma causa, pois é impossível que alguma coisa devesse sem o contributo dum causa (...) (Timeu, 28a)

Esta qualidade em potência, que de alguma forma podemos comparar ao “caos” antes que a vontade divina o tivesse ordenado, transformando-o em “cosmos” identifica-se com o ponto cósmico da

potencialidade. Ele é o absoluto, o ilimitável que contém todos os números, sendo o primeiro número do cosmos. Sobre ele se exerce a primeira força do universo, Deus, o Verbo, a Mónada pitagórica.



Ponto cósmico

Fig. 1

Representado por um círculo com um ponto, é a potência que necessita de ser vivificada para se reproduzir, transformando-se no “um”, de modo que tal como o “um” é o símbolo aritmético da unidade, o ponto seja a imagem geométrica do Ser. Pode conceber-se como o ponto criado pela ponta de um compasso que se apoia num plano.



Um

Fig. 2

Mas ao apoiar-se a segunda ponta do compasso estabelece-se a polarização da unidade, originando um binário. O segmento de recta que une esses dois pontos transforma-se na projecção unidimensional da relação estabelecida entre eles e o plano em que são traçados, originando o 2.



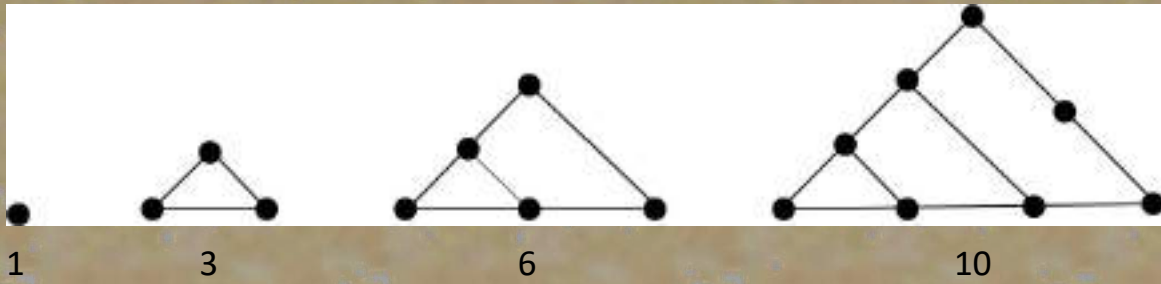
1

2

Linha

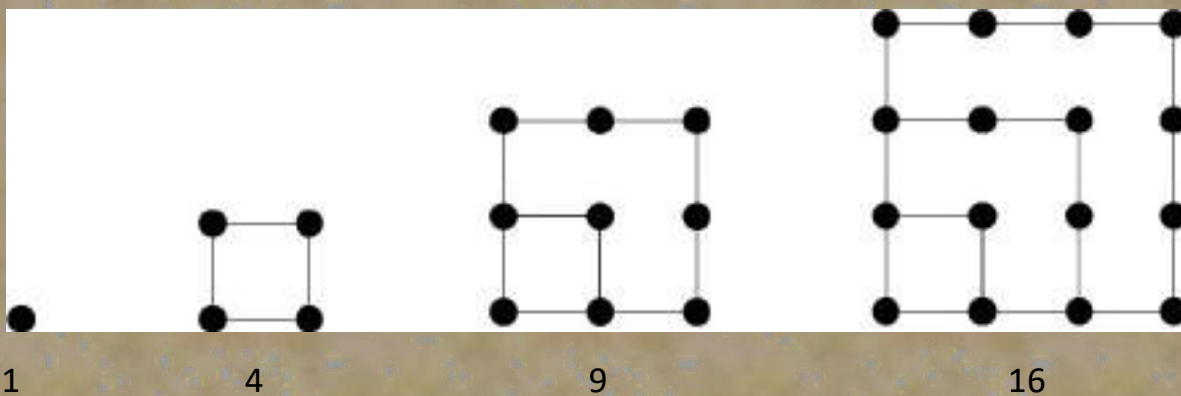
Fig. 3

Todos os outros números foram concebidos com recurso a método idêntico, exprimindo-se como reunião de pontos de uma determinada figura geométrica, o que acabaria por se traduzir na concepção de números triangulares, quadrados e pentagonais.



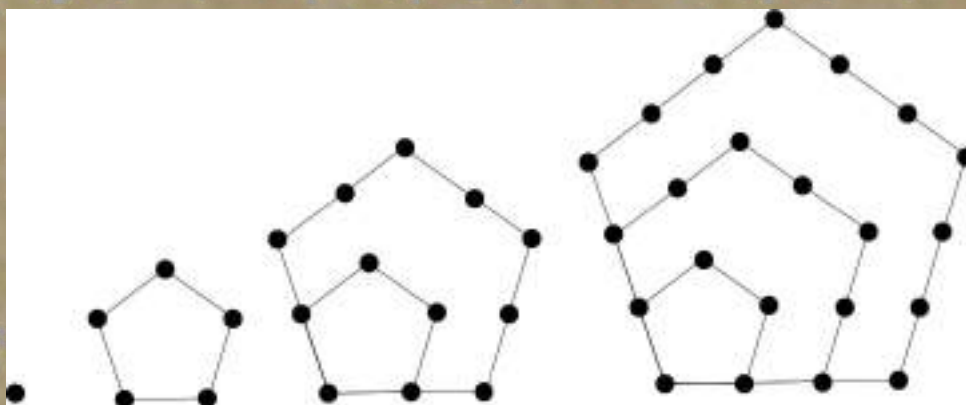
Números triangulares

Fig. 4



Números quadrados

Fig. 5



Números pentagonais

Fig. 6

O tipo de relação que acabei de apresentar mostra como a matemática é concebida simultaneamente numa perspectiva física e ontológica, partindo do mundo sensível para chegar a explicações filosóficas.

Segundo a tradição, Pitágoras terá tido acesso a esses conhecimentos a partir da sua iniciação nos mistérios órficos¹², mas também dos que adquiriu na sua longa preparação iniciática nos templos egípcios, com cuja sabedoria mostra estar bem familiarizado.

Não será, portanto, de estranhar que a matemática tenha sido utilizada por Pitágoras e Platão, essencialmente nas suas perspectivas geométricas e estereométricas, cujas constantes, traduzidas num *cânone*, Lima de Freitas tão bem analisou na pegada de mestre Almada. Na sua mente não deixava de estar sempre presente a ideia pitagórica, transmitida por Platão no *Timeu*, de que a cada elemento correspondia uma figura estereométrica, em função das suas propriedades cinéticas, numa visão macroscópica do que hoje pode constatar-se com recurso a observações possíveis pela nanotecnologia.

Segundo essa perspectiva, à terra, o elemento que se move mais lentamente, corresponderia o cubo¹³, o icosaedro à água¹⁴, o octaedro ao ar¹⁵ e o tetraedro ao fogo¹⁶. O dodecaedro, associado ao céu e à cosmogonia, não é expressamente mencionado por Platão no *Timeu*, embora refira que *há uma quinta combinação, mas deus aplicou-a ao universo para o adornar* (55c), tal como Paccioli fará na *Divina Proporção* (Cap. V).

É com base nestes elementos que se chega à noção de proporção, conceito fundamental em Matemática e a todas as suas aplicações.

É forçoso que aquilo que deveio seja corpóreo, visível e tangível; mas, separado do fogo, sem dúvida que nada pode ser visível, nem nada pode ser tangível sem qualquer coisa sólida e nada pode ser sólido sem terra. Daí que o deus, quando começou a constituir o corpo do mundo, o tenha feito a partir de fogo e de terra. Todavia, não é possível que somente duas coisas sejam compostas de forma bela sem uma terceira, (31c) pois é necessário gerar entre ambas um elo que as una. O mais belo dos elos será aquele que faça a melhor união entre si mesmo e aquilo a que se liga, o que é, por natureza, alcançado da forma mais bela através da proporção⁸¹. Sempre que de três números, sejam eles inteiros ou em potência⁸², (32a) o do meio tenha um carácter tal que o primeiro está para ele como ele está para o último, e, em sentido inverso, o último está para o do meio como o do meio está para o primeiro; o do meio torna-se primeiro e último e o último e o primeiro passam ambos a estar no meio, sendo deste modo obrigatório que se ajustem entre si e, tendo-se assim ajustado uns aos outros entre si, serão todos um só.

Timeu, 31c, 32a

A formação do mundo organizado a partir dos quatro elementos obedece inevitavelmente à proporção, isto é, à relação

matemática, nada se lhe podendo subtrair, incluindo o próprio demiurgo, entendido como a entidade una, eterna e transcendente que criou o mundo.

Ora, se o corpo do mundo tivesse sido gerado como uma superfície plana, não tendo nenhuma profundidade, um só elemento intermédio teria sido suficiente para o unir aos outros termos (32b); mas convinha que o mundo fosse de natureza sólida, e, para harmonizar o que é sólido não basta um só elemento intermédio mas sim sempre dois¹⁷. Foi por isso que, tendo colocado a água e o ar entre o fogo e a terra, e, na medida do possível, produzido entre eles a mesma proporção, de modo a que o fogo estivesse para o ar como o ar estava para a água, e o ar estivesse para a água como a água estava para a terra, o deus uniu estes elementos e constituiu um céu visível e tangível. Foi por causa disto e a partir destes elementos – elementos esses que são em número de quatro – (32c) que o corpo do mundo foi engendrado, posto em concordância através de uma proporção; e a partir destes elementos obteve a amizade⁸⁵, de tal forma que, tornando-se idêntico a si mesmo, é indissolúvel por outra entidade que não aquela que o uniu.

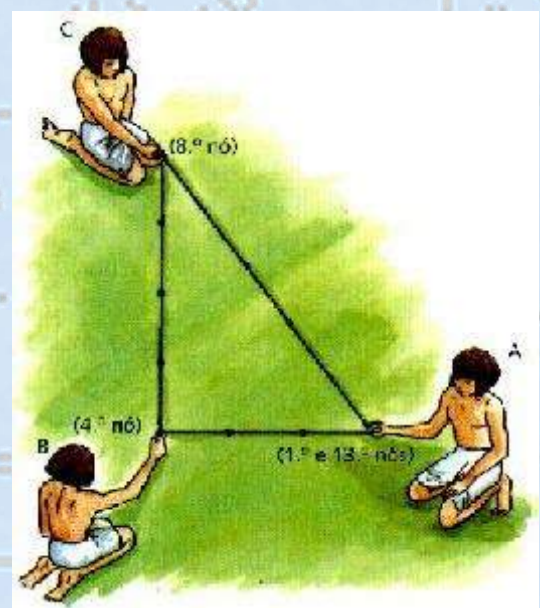
Ora assim, a constituição do mundo tomou cada um destes quatro elementos na sua totalidade⁸⁶. Foi a partir da totalidade do fogo, da água, do ar e da terra que aquele que constituiu o mundo o consti-

tuiu, não deixando de fora parte alguma nem propriedade alguma, pois este era o seu desígnio: em primeiro lugar, que fosse, acima de tudo, um ser-vivo completo e perfeito⁸⁷, constituído a partir de partes perfeitas;

Timeu, 32b 32c

Quando Platão pressupõe que se o corpo do mundo tivesse sido gerado como uma superfície plana, não tendo nenhuma profundidade, um só elemento intermédio teria sido suficiente para o unir aos outros termos, referia-se certamente à duplicação do quadrado, como se depreende do *Diálogo de Ménon*¹⁸.

O próprio quadrado resultava, aliás, da aplicação da simetria, outro conceito fundamental no pensamento pitagórico, do triângulo rectângulo. E para desenhar este bastava a corda de treze nós, utilizada desde a mais alta antiguidade egípcia até aos últimos construtores de catedrais.



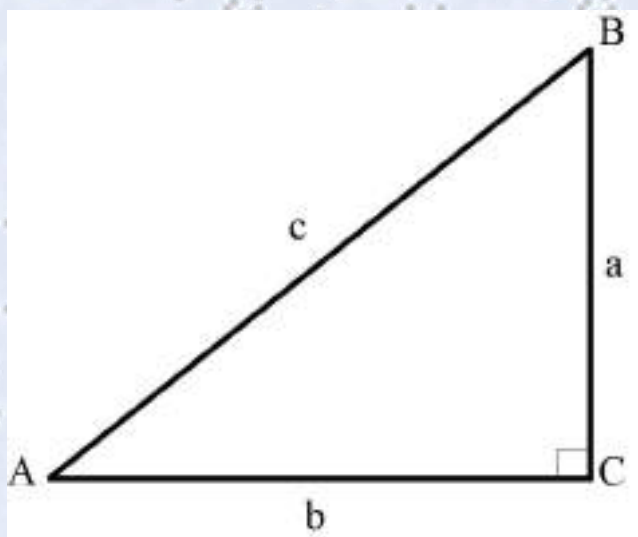
Triângulo pitagórico

Fig. 7

Na corda eram dados treze nós equidistantes, originando doze unidades de medida, correspondendo cada unidade ao espaço entre dois dos nós consecutivos. Ao unir-se o primeiro nó com o último e esticando a corda poderia construir-se um triângulo rectângulo cujos lados mediriam 3, 4 e 5 unidades., o primeiro triângulo racional, ou seja, o primeiro triângulo rectângulo cuja hipotenusa

Desta técnica empírica resultou a generalização matemática conhecida por Teorema de Pitágoras que, pela ampla divulgação me escuso de aqui desenvolver, limitando-me a descrever o seu enunciado:

Num triângulo rectângulo, o quadrado do comprimento da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos comprimentos dos catetos. *Em todo o triângulo retângulo o quadrado feito sobre o lado oposto ao ângulo reto, é igual aos quadrados formados sobre os outros lados, que fazem o mesmo ângulo reto* (EUCLIDES, Prop. XLVII, 1944, p. 28).



$$c^2 = a^2 + b^2$$

Teorema de Pitágoras

Fig. 8

Desenhado o quadrado, a partir do triângulo rectângulo, e tendo por base o conceito de proporção geométrica, (A está para B, assim como C está para D ou, se reduzirmos a proporção a três termos, A está para B assim como B está para C) surgem dois novos conceitos, mais complexos, que terão, através dos tempos, uma ampla aplicação na arte.

A proporção anterior também representada por $A/B = C/D$ ou $A/B = B/C$ implica um novo conceito, o de *ratio*, expresso pela fracção A/B na qual, tanto A como B correspondem a magnitudes medidas pela mesma unidade. Proporção, era segundo Euclides, a equivalência ou a igualdade entre duas *ratios*, tal como acabei de a apresentar¹⁹, assentando no conceito pitagórico de simetria, transmitido, entre outros, por Vitruvius, Galeno e Plotino.

Convém, no entanto, frisar que “simetria” correspondia a um conceito distinto do que hoje vigora. Então, representava «a concordância das proporções obtida entre os elementos e o todo, pelo uso correcto da proporção geométrica ou *analogia*». *This symmetry is regulated by the modulus, the standard of common measure for the work considered, which the Greeks and Romans called “The Number”*²⁰.

Tratava-se de uma relação harmónica entre o microcosmos, o Homem, e o macrocosmos, o Universo, aceite pelos mestres-construtores, mas também pelos alquimistas e pelos cabalistas.

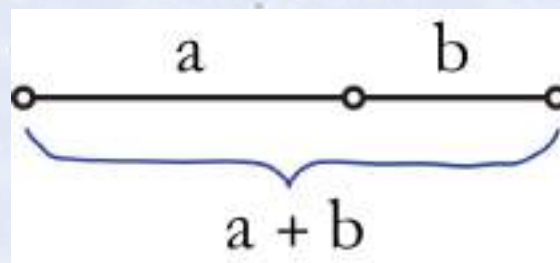
Ghyka (1949, p. 94) utiliza a expressão *symphonic composition* para descrever o

conceito, aproximando-o intencionalmente da teoria platônica das proporções em que a música se relaciona com a astronomia. Na interpretação de Lopes (2009, p. 22) *os astros, tal como os sons, circulam juntos a diferentes distâncias uns dos outros – os astros em espaço, os sons em tempo, mas de acordo com uma mesma relação numérica que determina a harmonia do conjunto (...) a (...) que, segundo Aristóteles, os Pitagóricos chamavam “a música das esferas”*.

Mas, nem Platão nem os seus discípulos deviam ignorar as experiências pitagóricas sobre as escalas musicais, através da vibração de uma corda cujo tom ia sendo modificado, à medida que se alterava o seu comprimento. *Se a corda representava um contínuo indefinido de fluxo tonal, o poder limitador do número permitia dividir o seu comprimento em partes determinadas e obter os diversos tons da escala*²¹. Provavelmente continuaremos a ignorar até que ponto as diversas relações proporcionais da escala musical terão contribuído para a descoberta de proporções cada vez mais complexas, mas não devem ter sido alheias à confissão de Vitruvius: *difficilesque symmetriarum quaestiones geometricis rationibus et methodis inveniuntur*, (*De architectura*, 1. 1.4). Referia-se certamente à constatação euclidiana de que todas as rectas mensuráveis em longitude são mensuráveis em quadrado, mas nem todas as rectas mensuráveis em quadrado são longitudinalmente. Implicitamente, estava a falar de números irracionais, de que o caso mais paradigmático é a diagonal do quadrado.

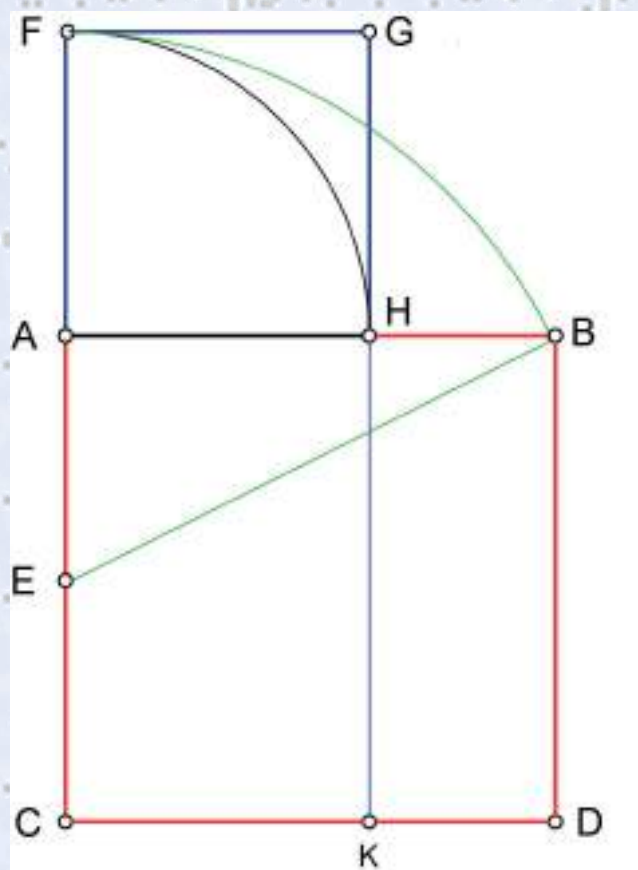
4. Φ O Número de Ouro

O número de ouro é o número irracional correspondente à *ratio* entre dois segmentos de recta, de modo que $a+b/a = a/b = F$ (fi).



Proporção áurea
Fig. 9

Para determinar essa relação, socorro-me novamente dos *Elementos de Geometria* de Euclides (Prop. XI) *Dividir uma linha reta de sorte que o retângulo da tóda e de uma parte seja igual ao quadrado da outra parte*²².



Proporção áurea
Fig. 10

Dado o segmento CD, constrói-se o quadrado CDBA. Sobre o lado AC marca-se o ponto médio E. Prolonga-se o segmento CA e desenha-se a circunferência de centro em E e raio EB. A intersecção da circunferência com a semi-recta CA define o ponto F que permite construir o quadrado de lado AF. O prolongamento do lado GH permite definir o ponto K no segmento CD seccionando-o na *ratio* pretendida, F.

A simplicidade e a beleza da proporção e da fórmula que a consegue demonstrar, desde cedo foram interpretadas como significando uma íntima relação entre a matéria e o divino. Fr. Luca Paccioli denominou-a de *divina proporção*, (2008), Cap. V, *Sobre el título del tratado*), vindo também a ficar conhecida por proporção áurea ou número de ouro, F, em honra de Fídias que a utilizou no rectângulo que contém a fachada do Parténon de Atenas.

Mas a sua aplicação prática vinha da noite dos tempos, sendo conhecida dos egípcios que a aplicam na Grande Pirâmide, onde a *ratio* entre a altura de uma face e metade do lado da base é igual ao número de ouro, certamente a mesma «*ratio sagrada*» já mencionada no *Papiro de Rhind*.

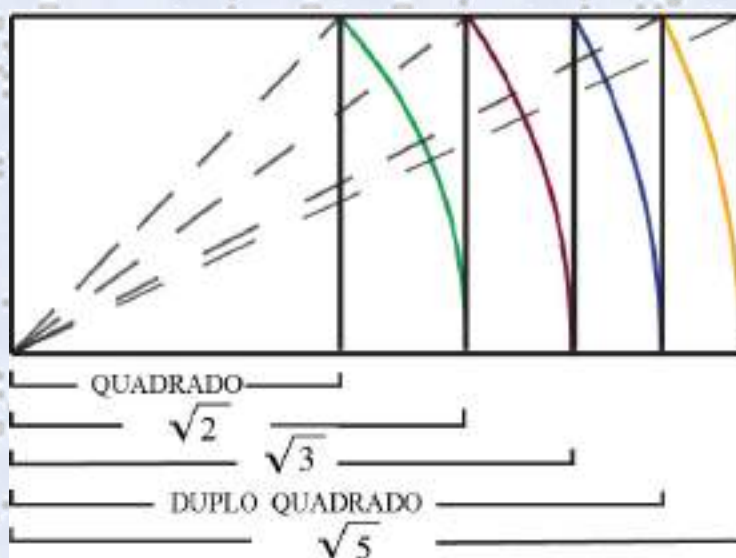
Segundo Heródoto, o quadrado da altura da pirâmide é igual à área de qualquer das suas faces triangulares, o que resulta numa proporção que nos conduz a F.

No entanto, os pitagóricos não se limitaram a «descobrir» o número de ouro, ao enunciar logicamente os princípios que os egípcios conheciam, pelo menos, de

forma empírica.

Pelo contrário constataram que ele correspondia a um sem número de proporções de que a mais conhecida é, como já afirmei o teorema de Pitágoras, uma vez que a diagonal de um quadrado se corresponde a um número incomensurável, sempre proporcional a $\sqrt{2}$

Essa terá sido, também, certamente a origem dos números rectangulares, representados proporcionalmente aos respectivos quadrados. Os números rectangulares obtinham-se multiplicando dois números naturais $a \times b$, sendo $a \neq b$, o que resulta na proporção $\frac{a}{c} = \frac{c}{b} \Rightarrow c = \sqrt{ab}$

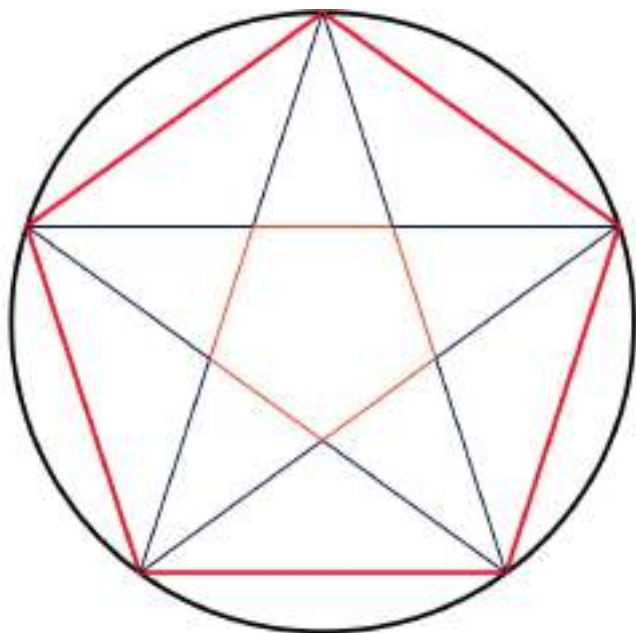


Números rectangulares

Fig. 11

Foi através dele, também, que se tornou possível o traçado do pentagrama e do dodecaedro, uma vez que a *ratio* entre o lado do pentagrama e o lado do pentágono regular inscritos numa circunferência correspondia à mesma proporção, o que fez com que o pentagrama se transformasse no símbolo secreto dos iniciados pitagóricos. Não surpreende que o segredo do seu traçado fosse ainda mais

reservado do que o do triângulo rectângulo.



Pentágono regular e pentalfa inscritos na circunferência

Fig. 12

É certo que só mais tarde terá sido possível calcular o seu valor numérico através de cálculos algébricos, traduzidos no número irracional, $\frac{\sqrt{5}+1}{2} = 1,618 = \Phi$, mas tal não invalidou que a sua beleza harmónica cativasse todos os artistas ao longo dos séculos.

Aplicado desde a antiguidade, todas as civilizações o utilizaram como número sagrado e proporção divina, definidora da beleza e harmonia do cosmos, associado ao dodecaedro, o poliedro regular cujas faces pentagonais estão reguladas

pelo número Φ , ao qual se comparava a harmonia do corpo humano que Leonardo celebrou no *Homem Vitruviano*, numa clara alusão à existência de um *módulo* que servisse de suporte a toda a concepção artística, de acordo com as proporções que o engenheiro militar romano definira no Livro III da sua *De Architectura* (Liv. I, Cap. II).

Independentemente do seu valor, o módulo determina a correspondência das partes entre si e destas com o todo, garantindo a ordem, a proporção e a harmonia a que se refere Vitruvius.

Não abordarei as diversas explicações que, sobre o módulo, foram sendo tecidas desde Vitruvius, passando pelos pensadores do *Quatrocento*, como Paccioli e Leonardo da Vinci. Limitar-me-ei a referir a sistematização elaborada por M. Ghyka (Cap. III, 1992) e que Mestre Almada mostra conhecer profundamente, com destaque para o sistema de Hambidge, para quem o módulo consistia num número irracional, à semelhança dos pitagóricos e de Platão, e para os sistemas de Lund e de Moessel, para quem o pentágono ou o decágono regulares estão na base de toda a construção artística.

Sobre as três teorias, Ghyka elabora a seguinte síntese: *à luz dos textos matemáticos gregos que se ocupam da proporção, e do texto de Vitruvius, parece-me que cada um contém uma parte do segredo das sinfonias arquitectónicas egípcias, gregas e góticas e que no conjunto das três se contém toda a Verdade e se desvela todo o Segredo...* (1992, 9. 119).

Relacionado com o valor de F, através do pentágono, ou com a *década*, outro número sagrado²³, a *ratio* transformada em *módulo* tinha o significado da transposição para a *obra* do símbolo do universo e do cânone da criação.

Também assim o entendeu Mestre Almada ao dissertar sobre a razão 9/10:

Cânone e relação nove/dez são uma e a mesma coisa. A relação nove/dez é uma constante do cânone. Através da história do número, e é de número que se trata, tem havido várias expressões, várias palavras que significam o cânone. Por exemplo, a começar pela primeira: número, década, theleon (na citação de Vitrúvio quando diz: «o número perfeito a que os gregos chamam theleon); e parece que foi Pitágoras quem primeiro usou os termos «número perfeito».

Mas para que entendamos bem como a Humanidade estabeleceu continuidade neste conhecimento citaremos esta frase célebre de Clemente de Alexandria: «Arquitas de Tarento deu a Platão o livro de Filolau». Esta frase de Clemente de Alexandria estabelece bem a continuidade do conhecimento imutável - porque imutável em conhecimento só pode ser o cânone. O cânone permanece, isto é, continua.

Outras expressões mais recentes também são significados da constante relação nove/dez. Por exemplo: «número de ouro», que se pode considerar uma expressão do Renascimento. Simplesmente, há aqui uma coisa que não podemos imediatamente co-

municar e que é: a separação do número em duas grandes divisões - número em cálculo e número sem cálculo. Evidentemente, o cânone é sem cálculo; as interpretações do cânone são invariavelmente cálculo ou não cálculo. Mas «número de ouro», é cálculo a cavalgar o cânone mesmo (...) Ora o número perfeito desconhece o «número de ouro» e a inversa é impossível. São dois sistemas do mesmo número, paralelos entre si, e por sua vez paralelos ao número imanente. A este e a todos os sistemas regos «a unidade, isto é, o ponto não espacial» (Aristóteles)"

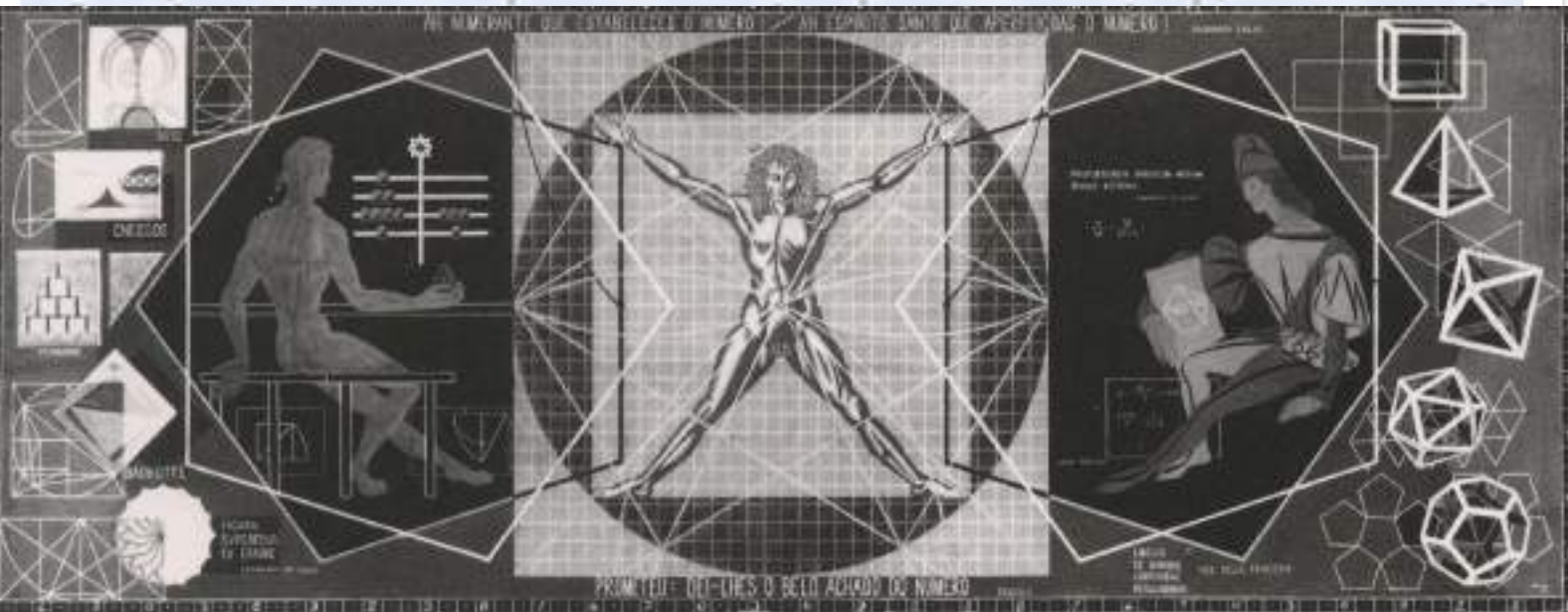
(NEGREIROS *cit. in* FREITAS, 1990, p.68)

5. Almada e a *ratio hermética*

Já em 1954 mestre Almada tentou condensar todo este pensamento em *O Número*, tapeçaria elaborada para o tribunal de Contas. Aí surgem o mito, através da cosmogonia associada aos poliedros pitagóricos, a alegoria pelo recurso a Prometeu, estabelecendo a relação entre o fogo sagrado que deu aos homens e o número, por meio da frase que faz representar fundo da tapeçaria. Finalmente, o símbolo por meio do homem vitruviano, ao centro, ladeado por duas figuras humanas, um grego, à esquerda, simbolizando a origem do conhecimento e um homem do Renascimento, símbolo da redescoberta, à direita²⁴.

Coroando a tapeçaria emerge um pensamento de Raimundo Lullo:

Ah Numerante que estabelece o Número/ Ah Espírito Santo que aperfeiçoas o



O Número de Almada Negreiros (1958)

Fig. 13

Almada realizou em 1958 uma tapeçaria intitulada «O Número» em que o motivo central é uma figura de homem de braços e pernas abertos, à maneira do célebre desenho de Leonardo, inscrito num quadrado que se inscreve num círculo, o qual por seu turno se inscreve num quadrado. (...)

Aí vemos, à esquerda do motivo central - que no painel «Começar» viria a ser a estrela pitagórica - as «descobertas» de Almada que marcaram a sua vocação aritmológica: o Vaso de Susa, o pormenor do friso do Palácio de Cnosos, a Tetraktis pitagórica, o traçado com que Almada procura determinar o Ponto da Bauhütte e a Figura superfula ex-errore colhida em Leonardo Da Vinci. Estes cinco motivos são equilibrados simetricamente, à direita de quem olha, pelos cinco «corpos regulares» de Platão.

(FREITAS, 1985, p.171)

Com *Começar*, Mestre Almada lega-nos uma espécie de testamento. Terminado em 1968, só no ano seguinte seria inaugurado, tendo o artista falecido em 1970, com a certeza da existência de uma *ratio hermética*, perdida ao longo do tempo, mas que urge buscar pereneamente. Talvez seja essa a justificação para a frase que desenha sob o círculo da esquerda onde inscreve três pentágonos: *Kant m'apprit qu'il n'y a point de nombres et qu'il faut fair eles nombres chaque fois qu'il faut les penser.*

Dirigindo-se a Jorge de Sena, após uma conferência proferida pelo poeta, na Gulbenkian, em 12 de Fevereiro de 1969, Almada Negreiros afirma: *vou simplesmente dizer o título da obra que eu concluí, que é uma obra síntese de tudo o que eu fiz na minha vida: é a Geometria. O título é "Começar..."*²⁵. Mas para compreender verdadeiramente o objetivo da obra e o seu fim último devo conceder novamente a palavra a Mestre

Almada, através da sua entrevista ao *Diário de Notícias* de 16 de Junho de 1960:

ainda, o diâmetro é igual a duas vezes o lado do eneágono regular mais o lado do decágono regular (2007, p. 33), que tra-

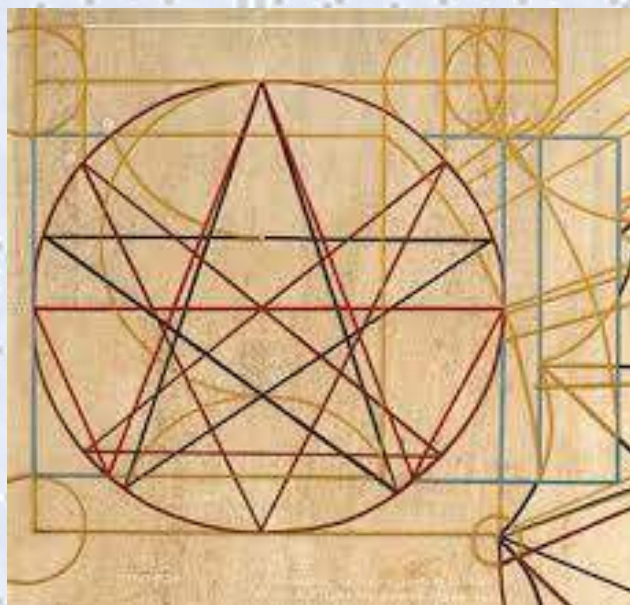
Nós não pretendemos senão encontrar o cânone e não supusemos nunca que determinada época fosse a exclusiva. E assim é que, hoje, uma vez terminado o trabalho, uma vez chegado ao resultado, assim acontece. O cânone não está exclusivamente nos exemplos da Idade Média, não está só nos exemplos da Suméria, não está só nos de Creta, Gregos, Bizantinos, Árabes, Hebraicos, Romanos ou Góticos. Ele está sempre e é por isso mesmo que ele é cânone. E cada época tira do cânone as suas regras. As leituras feitas de documentos antigos confirmam o que eu digo.

O círculo da esquerda a que me referi anteriormente, sobreposto a três rectângulos definidos por nonas partes da circunferência, tem inscritos três pentágonos, um dos quais um pentalfa a negro, resultante da divisão da circunferência em cinco partes iguais, encontrando-se por essa forma relacionada com a divisão em dez partes.

Do seu traçado, concluiu Almada, segundo a opinião de Luís Reis, que *o diâmetro é igual a duas vezes a corda da nona parte mais a corda da décima parte, ou*

duziu pela fórmula matemática:

$$2R = 2 \times \frac{\delta}{9} + \frac{\delta}{10}$$

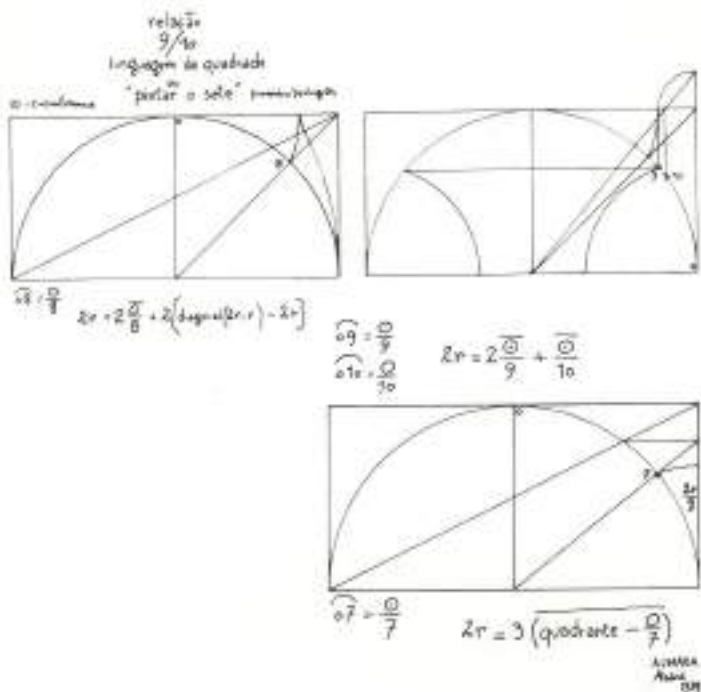


«Relação 9/10», in *Começar*
Fig. 15

Segundo o mesmo autor, esta terá sido a justificação para que Mestre Almada usasse a expressão «relação nove/dez» tanto para designar uma constante canónica como para designar o próprio cânone, pois, embora com uma margem de erro mínima, quase desprezível, se trata de um valor aproximado, mas não totalmente exacto.

Ao tomar as cordas pelos arcos na divisão do círculo cometem-se erros. Porém, os erros absoluto e relativo vão diminuindo com o arco. Quando se chega às

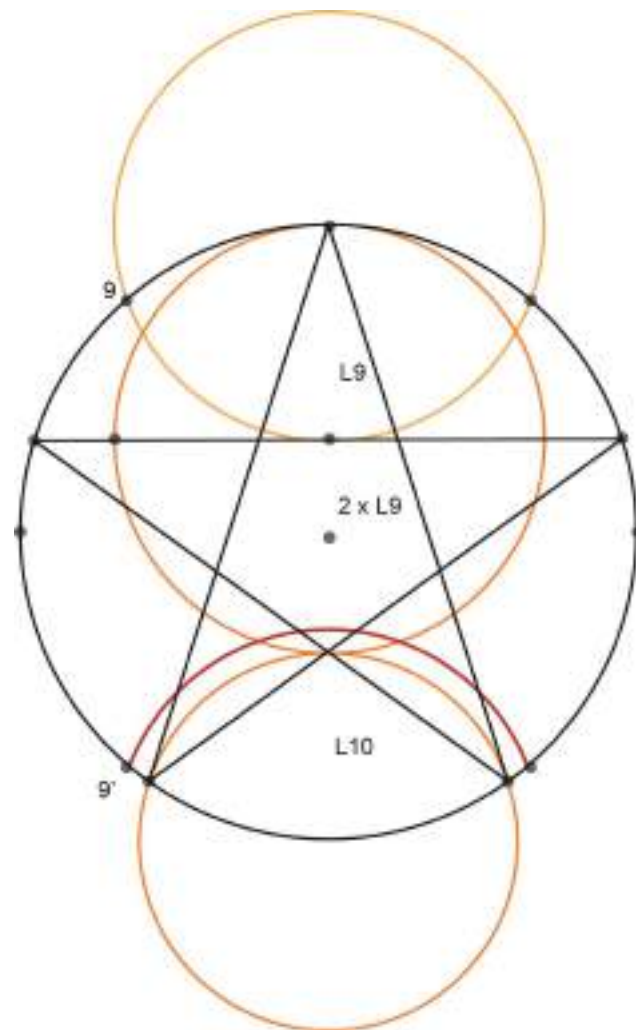
nona e décima partes do círculo, então a razão das cordas já é praticamente igual à razão dos arcos. Esta é 9/10; a das cordas pode-se dizer que é igual, com um erro inferior a 4%.



Relação 9/10

Fig. 16

Por isso Almada chamou ao seu sistema «relação nove/dez» em vez de «razão nove/dez», querendo frisar a diferença entre relação e proporção (REIS, 2007, pp. 33-34).

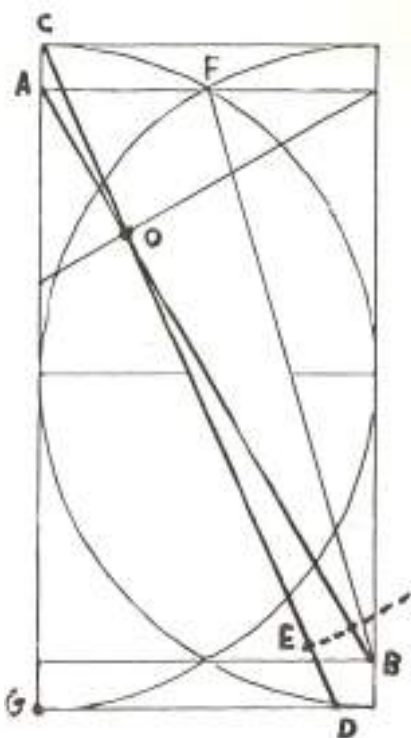


Relação 9/10, Adapta. de REIS, (2007), p.33

Fig. 18

No conjunto seguinte, Almada representa a *figura superflua ex-errore* de Leonardo, dividindo a circunferência em dezasseis partes iguais, recorrendo ao "Quadrado de Prata", mas mantendo a ligação com a secção anterior através dos arcos de círculo que unem as pontas da roseta, correspondendo á corda da nona parte do círculo do primeiro conjunto (REIS, 2007, p. 34).

O centro da composição é preenchido por um triplo pentalfa, símbolo máximo da escola pitagórica. Por detrás dos pentágonos temos três quadrados concêntricos, de lados horizontais e verticais, subdivididos em 16 quadrados iguais. Estes



A razão 9/10 in FREITAS, (1990 - 1), p. 109

Fig. 17

quadrados rodam 45º, mas os lados estão incompletos, junto dos vértices desenhados a azul, tornamos a encontrar o conjunto de rectângulos, $\sqrt{\phi}$, $\sqrt{2}$ e ϕ à semelhança do que sucede com os rectângulos da primeira composição sobre a relação 9/10, num conjunto que aparece enquadrado por um rectângulo (duplo quadrado) a preto, disposto a 45º, com um dos lados maiores tangentes à “Figura Superflua” (REIS, 2007, p. 34).

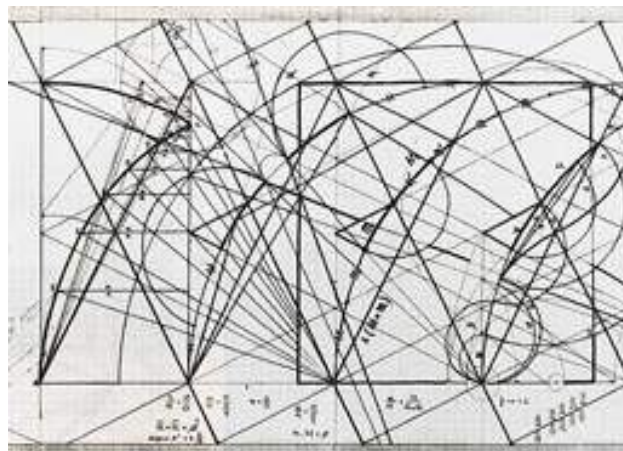


«Pentalfa», in *Começar*
Fig. 20

O conjunto à direita do painel engloba dois temas distintos, ainda que algo interpenetrados na mesma composição. Aí se destaca novamente a preocupação de representar a divisão do círculo em 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 38 e 76 partes, talvez movido pela sua, eventualmente, excessiva preocupação pelos problemas relacionados com a impossibilidade da divisão exacta do círculo e que Coelho (1994) analisa pormenorizadamente.

Essa preocupação parece ainda mais acentuada com a pretensão de calcular

chamado *Ponto de Bauhütte*, associado aos segredos da divisão do círculo em sete partes.



«Divisão do círculo», in *Começar*
Fig. 21

A *Bauhütte*, segundo Lima de Freitas, foi uma federação ou associação autónoma e secreta que uniu as lojas de pedreiros e construtores do Santo Império Germânico, incluindo as da Suíça e dos países limítrofes de língua germânica, correspondendo o *Ponto de Bauhütte* à senha de identificação entre pedreiros nas suas deslocações em busca de trabalho. (FREITAS, 1990, p.45).

Ainda segundo Lima de Freitas, o *Ponto da Bauhütte* é aquele a que se refere uma quadra transmitida tradicionalmente pelos entalhadores de pedra da época gótica e que fala de «um ponto que está no círculo e se coloca no quadrado e no triângulo:

*Conheces este ponto?
Tudo irá bem.
Não o conheces?
Tudo será em vão»*
(FREITAS, 1985, p.174).

Ora, na opinião de Luís Reis, acontece que o ponto a que a quadra se refere é precisamente um que determina $\Theta/7$.

Esse ponto e o extremo $\Theta/7$ determinam-se reciprocamente. E esse ponto e o extremo $\Theta/7$ dividem o diâmetro respectivamente em 10 e nove partes iguais, e também em cinco e em três partes iguais (REIS, 2007, p. 34).

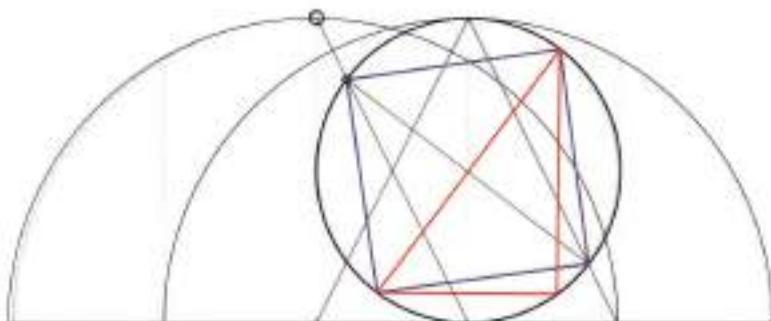


«O ponto de Bauhütte» in Começar

Fig. 22

No entanto, segundo Mestre Lima de Freitas, Almada Negreiros, apesar de se ter aproximado do objecto do seu estudo, não o alcançara, ainda, com precisão.

«O ponto de Bauhütte» segundo Almada Ne-



greiros, adapt. de FREITAS, (1990 - 1)

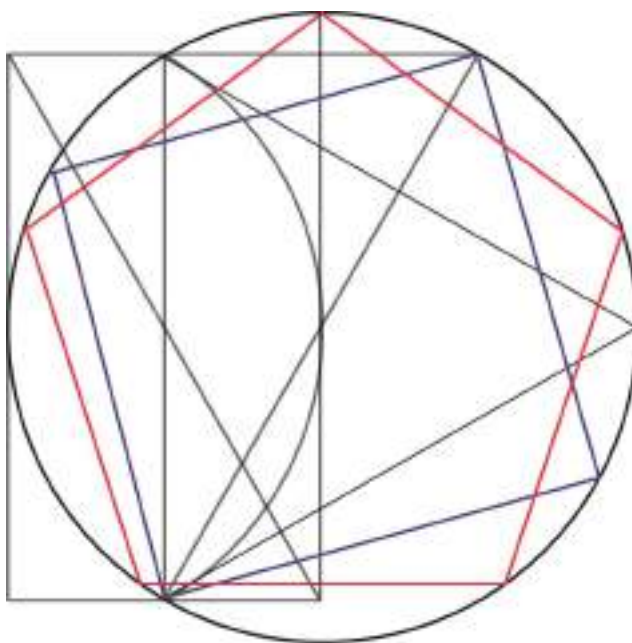
Fig. 23

É ele mesmo quem o afirma: *O traçado achado por Almada para determinar o ponto da Bauhütte constitui, quanto a*

mim, uma meritória aproximação, mas não responde inteiramente às exigências postuladas pela célebre quadra (...) O ponto de Almada comanda, de facto, a construção do quadrado e do triângulo no círculo, contudo não está no círculo; por outro lado, o triângulo obtido não é equilátero e não corresponde, portanto à perfeição do Três.

(FREITAS, 1990, p.55

«O ponto de Bauhütte» segundo



Lima de Freitas

Fig. 24

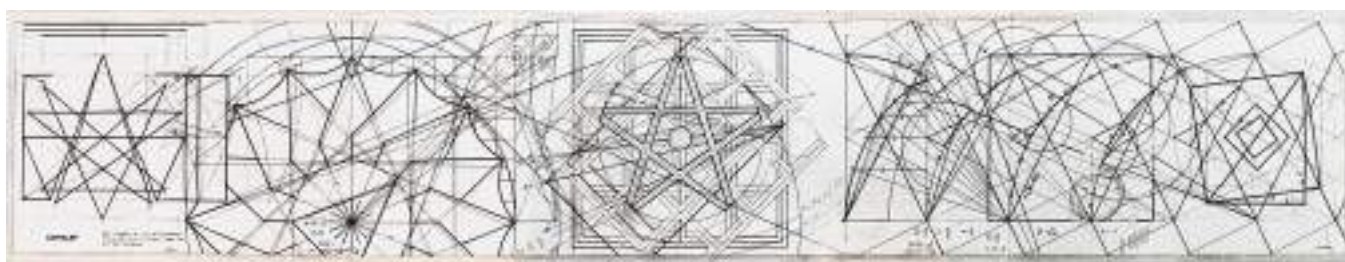
De alguma forma, Lima de Freitas complementa o trabalho de Mestre Almada que, aliás, lhe reconhece nunca ter deixado de buscar, nas suas «reminiscências platônicas, o arquétipo original em que assentava o primordial conhecimento humano:

Podemos afirmar que Almada «relembrou muita coisa», voltou frequentemente ao «mundo das ideias» e, apesar de não ter encontrado o seu ponto, não desistiu da sua busca, apenas a interrompeu por motivos de ordem maior... FREITAS, 1990 (1), p.56

Em síntese, poderei afirmar que, na sua permanente busca da essência do número pela qual se rege todo o Universo, Almada Negreiros recorreu ao seu «panteão mítico», agregando personagens como Pitágoras e Platão, Fr. Luca Pacioli e o seu tratado *De Divina Proportione*, o seu aluno Leonardo da Vinci, por quem tinha uma autêntica obsessão, Francisco de Holanda, e Matila Ghyka, contemporâneo de Mircea Eliade. Todos eles se revelaram auxiliares preciosos para o entendimento da génese do painel «Começar» e dos seus traçados geométricos.

Afinal, que melhor forma encontraria para terminar a sua vida material que o *Começar*, por ele próprio definido como *esta certeza (que) é a minha cegueira com a qual parto para toda a parte. Para a luz. Para a plenitude.*

(NEGREIROS *cit. in* de FREITAS, 1985, p.175)



Estudo de Almada Negreiros para *Começar*
Fig. 25

NOTAS

1. Citado por CHARPENTIER, 1987;
2. FREITAS, (1990, p. 12 e nota nº 3);
3. FREITAS (1990, p. 11);
4. Os fragmentos conhecidos da obra de Philolau de Crotona encontram-se reproduzidos em KIRK, RAVEN e Schofield, (1994);
5. Neste trabalho é utilizada a tradução do *Timeu* (LOPES, 2009);

6. LOPES, (2009, p. 31);
7. MARDONES, (2005, p. 39);
8. ELIADE, (1989, pp. 12 -13);
9. Ricoeur 1969, pp. 285-286;
10. *Epinomis*, citado por GHYKA, 1949, p. 92 e FREITAS, 1990 (1), p. 62;
11. LOPES, 2009, p. 49;
12. Proclo, na sua *Theologia Platonica*, 1.25.26., refere que Pitágoras terá recebido estes conhecimentos de Aglaofemo, um iniciado de Orfeu;
13. *Timeu* 55d;
13. *Timeu* 55d - 56^a;
14. *Timeu* 55d - 56^a;
15. *Timeu* 55a - 56^a;
16. *Timeu* 55d;
17. Trata-se de uma referência à duplicação do cubo, conseguida pelos egípcios na grande pirâmide onde a dita «Câmara do Rei» corresponde exactamente ao cubo duplo do dito «sarcófago» vazio que nela se encontra. Pelo contrário, os gregos ainda desconheciam o seu cálculo no tempo de Péricles, a avaliar pela sua incapacida-

de de duplicar o cúbico altar de Apolo, para dar cumprimento ao seu oráculo de Delos, de modo a eliminar a peste que grassava em Atenas;

18. **Sócrates:** *Responde-me: não é esta a figura do nosso quadrado cuja área mede quatro pés quadrados?*
Escravo: - *É.*
Sócrates: - *A este quadrado não poderemos acrescentar este outro, igual?*
Escravo: - *Podemos.*
Sócrates: - *Que múltiplo do primeiro quadrado é a grande figura inteira?*
Escravo: - *O quádruplo.*
Sócrates: - *E devíamos obter o dobro, recordas-te? Escravo:* - *Sim.*

Sócrates: - *E esta linha traçada de um vértice a outro de cada um dos quadrados interiores não divide ao meio a área de cada um deles?*

Escravo: - *Divide.*

Sócrates: - *E não temos assim quatro linhas que constituem uma figura interior?*

Escravo: - *Exactamente.*

Sócrates: - *Repara, agora: qual é a área desta figura?*

Escravo: - *Não sei.*

Sócrates: - *Vê: dissemos que cada linha nestes quatro quadrados dividia cada um pela metade, não dissemos?*

Escravo: - *Sim, dissemos.*

Sócrates: - *Bem; então quantas metades temos aqui?*

Escravo: - *Quatro.*

Sócrates: - *E aqui?*

Escravo: - *Duas.*

Sócrates: - *E em que relação aquelas quatro estão para estas duas?*

Escravo: - *O dobro.*

Sócrates: - *Logo, quantos pés quadrados mede esta superfície?*

Escravo: - *Oito.*

Sócrates: - *E qual é seu lado?*

Escravo: - *Esta linha.*

Sócrates: - *A linha traçada no quadrado de quatro pés quadrados, de um vértice a outro?*

Escravo: - *Sim.*

Sócrates: - *Os sofistas dão a esta linha o nome de diagonal e, por isso, usando esse nome, podemos dizer que a diagonal é o lado de um quadrado de área dupla, exactamente como tu, ó escravo de Ménon, o afirmaste.*

Escravo: - *Exactamente, Sócrates;*

19. GHYKA (1949), p. 95;

20. GHYKA (1949), p. 93;

21. Philolao, *Fragmentos*, 4;

22. Mantenho a grafia brasileira da edição utilizada;

23. Os antigos consideraram sagrado o número dez, porque dez são os dedos da mão (...) e prova a Platão chamar perfeito a esse número... , (Vitruvius, *De architectura*, Liv. III, Cap. I);

24. Conf. nota nº 3;

25. Citado por Luís Reis, 2007, pp. 32 – 35;

BIBLIOGRAFIA

BORNHEIM, Gerd A., «Filolau de Crotona» in *Os filósofos pré-socráticos*, São Paulo: Cultrix, 1967, pp. 85 -88.

BRANDÃO, Jacyntho Lins, «As musas ensinam a mentir (Hesíodo, *Teogonia*, 27-28), in *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, nº 2, Aveiro: Universidade de Aveiro, 2000, pp. 7 – 20;

CHARPENTIER, John, *L'Ordre des templiers*, Paris: Tallandier, 1987;

COELHO, João Furtado, «Os Princípios de "Começar"» in *Colóquio artes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Nº 100, 1994, p. 8-23

ELIADE Mircea, *Aspectos do mito*; trad. Manuela Torres; Lisboa: Edições 70, imp. 1989;

EUCLIDES, *Elementos de Geometria* dos seis primeiros livros do undécimo e duodécimo da versão latina de Frederico Commandino adicionados e ilustrados por Robert Simson Prof. de Matemática na Academia de Glasgow, S. Paulo: ed. Cultura, 1944;

FERRÃO, Hugo Martins Gonçalves, *Pintura como hipertexto do visível: Instauração do tecno-imaginário do citor*, Tese de doutoramento em belas-artes especialidade de pintura, Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2007;

FREITAS, Lima de, Almada e o número, 2ª ed. Revista e aumentada com novos traçados geométricos, Lisboa: Ed. Soctip, 1990 (1);

Pintar, o sete: ensaios sobre Almada Negreiros, o Pitagorismo e a Geometria Sagrada, Lisboa : Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990 (2);

515 - o lugar do espelho: arte e numerologia, Lisboa : Hugin, 2003;

FREITAS, Lima de *et al.*, *Almada*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

GHYKA, Matila C., *The Geometry of Art and Life*, USA: Sheed & Ward, Inc., 1946

«The Pythagorean and platonic scientific criterion of the beautiful in classical western” in *Ideological differences and world order: studies in the philosophy and science of the world's cultures*, coord. by F. S. C. Northrop, new Haven, Yale Univ. Press, 1949, pp. 90 -116;

http://library.du.ac.in/dspace/bitstream/1/9782/11/Ch.05-20Ch.06%20%28Ideological_Differences%29.pdf
(26 - Out. - 2010)

Estética de las proporciones en la naturaleza y en las artes, Buenos Aires: Ed. Poseidón, 1953;

Philosophie et mystique du nombre, Paris: Payot 1952;

El número de oro, Barcelona: Ed. Poseidón, 1992;

HAWKING, Stephen W., *Dios creó los números: los descubrimientos matemáticos que cambiaron la historia*, 6ª ed. Barcelona: Crítica, S. L., 2009;

KIRK, G.S.; RAVEN, J.E. & SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*, 4ª ed. trad. C.A. Louro Fonseca. Lisboa: Calouste Kulbenkian, 1994;

MARDONES, J. M., *O Retorno do Mito*, tradução do Castelhana por Anselmo Borges, Coimbra: Almedina, 2005;

NEGREIROS, José de Almada (1943) *Ver*. Lisboa: Arcádia, 1943;

Mito, alegoria, símbolo: monólogo autodidacta na oficina de pintura, [s.l. : s.n.], imp. 1948 (Lisboa: Of. Gráf. de Bertrand);

LOPES, Rodolfo Pais Nunes, *O Timeu de Platão: mito e texto - Estudo teórico sobre o papel do mito-narrativa fundacional e tradução anotada do texto*, (Dissertação de Mestrado em Cultura Clássica, na especialidade de Cultura Clássica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação das Professoras Doutoras Maria do Céu Fialho e Maria Luísa Portocarrero), Coimbra: Faculdade de Letras, 2009;

PACCIOLI, Luca Fr., *De Divina Proportione*, Tradução anotada e comentada por Fábio Maia Bertato, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008

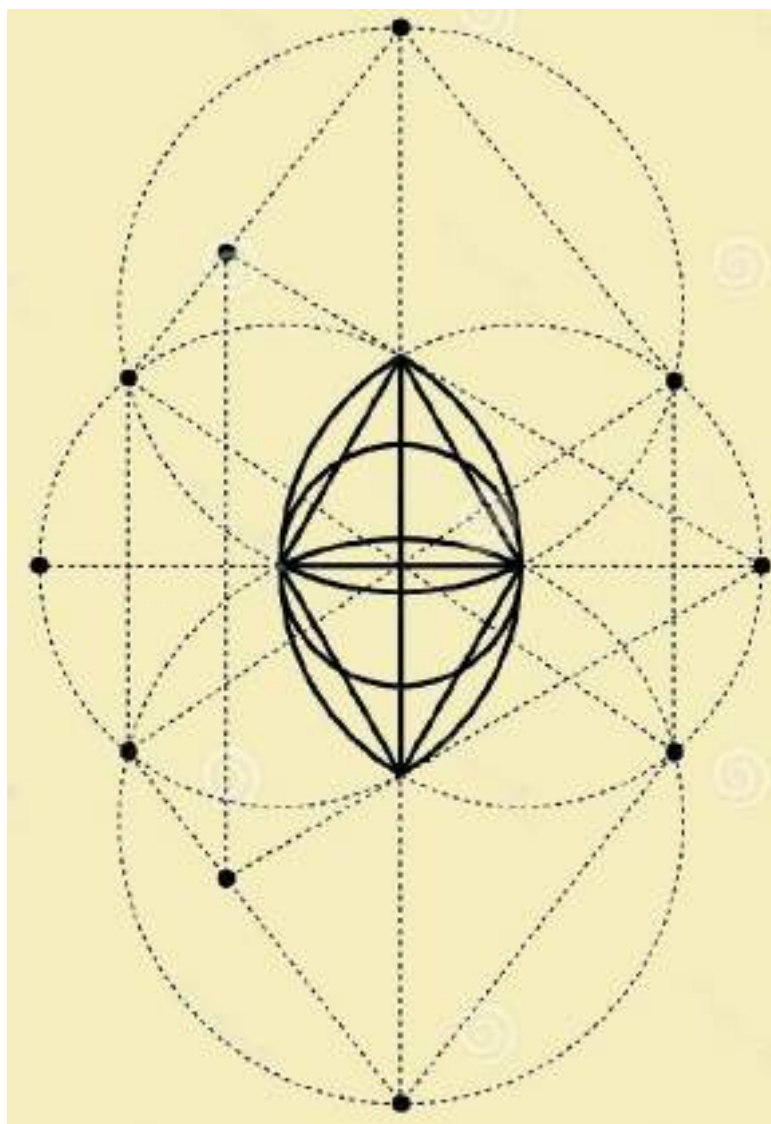
REIS, Luís, «Começar por Almada Negreiros ou Ode à Geometria», in *Educação e Matemática*, Lisboa: Associação dos Professores de Matemática, nº 92, Março – Abril de 2007.

RICOEUR, P., *Philosophie de la Volonté*. Tome II: *Finitude et Culpabilité*, Paris, Aubier, 1960;

De l'Interprétation: Essai sur Freud, Paris: Éditions du Seuil, 1965;

Le Conflit des Interprétations: Essais d'Herméneutique, Paris, Éditions

A. S., 33°



A Sombra

A Sombra é indissociável da exposição à Luz. Enquanto conceito Junguiano, a Sombra pode ser entendida como a face oculta, a parte inferior, menos exposta da personalidade, do EU. A Sombra é assim o inconsciente que trabalha em cada

dizer que, à medida que evoluo, a minha Sombra evolui comigo; à medida que me ilumino como ser, a minha Sombra também evolui. Reconhecer e perceber a sua própria Sombra “requer um esforço e uma considerável firmeza moral” sublinha Jung.

Na verdade, reconhecer a nossa Sombra (ou seja, a existência real dos aspectos obscuros da nossa personalidade) é o ponto de partida e o fundamento neces-

sário para o autoconhecimento. Para conhecer a nossa Sombra temos de descer às profundezas do nosso ser (ao nosso Inferno, tal como Orfeu). No fundo, quer na Maçonaria quer na Psicoterapia, trabalhamos aceitando a dialéctica da Luz e da Sombra; do EU e do Inconsciente, procurando afinal a concretização de uma das mais célebres máximas inscritas no frontão do Templo de Delfos: *Gnôthi Sauton* – Conhece-te a ti próprio.

um de nós e que se redefina à medida que a personalidade se desenha, se desenvolve e se ilumina.

A “Sombra” existe não apenas numa perspectiva individual (o inconsciente individual), mas também como um dos arquétipos humanos de Jung, fazendo parte do Inconsciente Coletivo. Escreve Jung: “Os conteúdos do Inconsciente pessoal são aquisições da vida individual, enquanto aqueles do Inconsciente colectivo são arquétipos que têm uma existência permanente e à priori”. Quer isto

Este trabalho, ao mesmo tempo desafiador e apaixonante, é moroso, exigente enquanto explorador do Eu e da Sombra e da sua relação com os Outros. Não se julgue que a Sombra é a simples silhueta que alguém forma contra a Luz. A Sombra toma muitas vezes o aspecto do personagem velado, vago, indistinto. É uma omnipresença plena de ambiguidades.

A confrontação com a Sombra é, em psicanálise, um difícil e trágico duelo entre o analisado e lado sombrio de si mesmo.

Não julguemos também que a Sombra personifica o Mal; é antes de mais o recalçado. Há na Sombra componentes positivas e negativas. Se as tendências recalçadas da Sombra fossem apenas más, não existiria nenhum problema. A Sombra contém, em si própria, qualidades primitivas susceptíveis de embelezar a existência Humana. A Sombra é indissociável da Luz e tem uma dupla polaridade simbólica. A Sombra não é apenas a oposição à Luz, mas deve ser entendida como o reflexo e o jogo do fugidio e do efêmero, do irreal, do que se transforma. Na Bíblia a “Sombra” é frequentemente usada como atributo Divino.

Recordemos a bela imagem do *Salmo 17:8*: “Guarda-me como à pupila dos teus olhos; esconde-me à sombra das tuas asas”. Consideremos ainda a Anunciação do Anjo à Virgem (*Lucas 1:35*): “(...) e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua Sombra”.

A Sombra e a Alma são indissociáveis em certas culturas. Não esqueçamos que, na simbólica tradicional, o Homem que vende a sua Alma ao Diabo perde a sua Sombra. Pelo contrário, para alguns gnósticos, a Alma humana não tem mais Sombra quando atinge a Luz plena e sobrenatural. (O Cristal não tem Sombra apenas reflexos). Assim, se tentarmos analisar a sombra sem a ocultar, caminhamos no sentido da própria compreensão do Eu. Tanto na Psicologia como no Trabalho Maçónico se procura aperfeiçoar o Eu, devolver a Sombra à sua consciência (do EU) através da simbologia, da introspecção e da análise especulativa. O Símbolo é revelador, pedagó-

gico, didático. Toda a simbólica é dinâmica permitindo transitar, passar de um sentido a outro sentido. A postura iniciática maçónica e a psicologia das profundezas do Eu e da Sombra travam um mesmo combate e ambas têm grande analogia. Proceder como se a Sombra não existisse, ignorá-la ou menosprezá-la, ou, ainda, acreditar que a Sombra e o EU são um só é arriscado e abre porta a perigosas dissociações. Para o Maçom, evoluir e trabalhar com as ferramentas simbólicas é o caminho para a reconcilia-



ção consigo mesmo, decantar o Eu e trabalhar sobre si próprio para se poder incorporar num edifício comum. Consequentemente, na análise, a Sombra, próxima dos instintos, tem de ser tida em consideração contínua. Se a Alma pode

ser apaziguada é pela aceitação e apreensão inteligente da Sombra. A Sombra diz Jung “personifica tudo aquilo que o sujeito se recusa a admitir e que, no entanto, se lhe impõe”. É como a cauda do Sáurio do qual ainda não nos consegui-

A Sombra contém, em si própria, qualidades primitivas susceptíveis de embelezar a existência Humana.

mos livrar. A Sombra é essa personalidade recalcada, oculta, inferior e carregada de culpa, cujas ramificações mais profundas remontam aos reinos dos nossos ancestrais primitivos e engloba, assim, todo o aspecto histórico do inconsciente.

A confrontação com a Sombra é gradual e permanece o ponto comum, denso e essencial do círculo de busca em que gi-

ra o compasso simbólico, quer do maçom especulativo, quer do analisado. Neste território pouco conhecido, podemos encontrar também o alquimista do EU em busca da quintessência, ou o gnóstico em busca do conhecimento absoluto. Tanto o psicanalisado como o maçom serão, então, ambos, arqueólogos da Alma em diálogo constante com a Sombra. Nesta perspectiva de ascese e convergência, não é de estranhar que, quando morreu, a obra que Jung tinha na sua cabeça fosse o *Fenómeno Humano* de Teilhard Chardin, no qual Teilhard alvitra a existência do ponto Omega: sentido de ascese para o qual a Humanidade convergirá em busca da perfeição e da Verdade.

João Correia de Sá, 14º



O HOMEM VERSUS O TRANSHUMANISMO

O Transhumanismo está aí e a sua evolução é imparável.¹

A complexidade e a importância deste tema leva-me a abordá-lo de forma muito sintética nos seus aspectos essenciais.

Numa primeira parte descreverei, embora na generalidade, os conteúdos que julgo serem mais significativos do Transhumanismo e abordando as suas consequências na sociedade humana actual para, e em conclusão, esboçar o que poderá ser uma das muitas respostas possíveis e desejáveis a este imparável desafio.

Em termos clássicos, podemos dizer que a Medicina sempre se ocupou com a finalidade de curar ou prevenir o que não era concordante ou adequado com o bem-estar e com a saúde física e psíquica da pessoa. A sua finalidade de curar ou prevenir a doença, de reparar, na medida do possível, as suas consequências bem como as sequelas de traumas físicos ou mentais, de prevenir todo o tipo de males que nos possam afectar, foi sempre feita recorrendo às melhores soluções, científicas ou não, existentes na época considerada. Não está, por tal, em causa, na nossa época, manter-se um permanente e desejável recurso a tudo o que a evolução científica nos pode proporcionar para se alcançarem aqueles objectivos.

Luc Ferry, numa recente e magnífica obra, *La Revolution Transhumaniste*, exemplifica muito bem esta postura que diria clássica, com a retinite pigmentar, doença genética degenerativa que conduz inevitavelmente à cegueira: graças a investigação oriunda da Alemanha, com o recurso a um chip electrónico implantado atrás da retina e retomando o contacto com o nervo óptico, consegue-se evitar a cegueira. Os exemplos serão felizmente muitos, mas sempre na perspectiva de o ser humano recuperar, no seu todo ou em parte, aquilo que perdera. Melhorando. Mantendo-se como é, numa perspectiva que se dirá ser a natural, e que percebemos e apelidamos de humana. Seremos mais ou menos completos, mas continuando a ser humanos.

O Transhumanismo tem, porém, um objectivo muito diferente. Com o recurso aos NBIC ou seja às nanotecnologias, biotecnologias, à informática (big data e internet dos objectos) e ao cognitivismo (inteligências artificiais e robótica), visa-se “aumentar” as características do ser humano. Evolui-se do “melhorar” para o “aumentar”. Ultrapassa-se aquilo que antes se considerou ser de origem natural no homem. É um perfeccionismo sem fim.

Os progressos das variadas investigações, que sucessivamente se encadeiam de forma imparável e com um ritmo es-tonteante, levam, porém, a concepções

do Homem que Luc Ferry, e bem, apelida de revolucionárias. A Universidade da Singularidade da Google em Silicon Valley, com recursos financeiros abundantes, é um exemplo do que se está a fazer para que a origem e as qualidades dos seres humanos sejam diferentes por passarem a ser aumentadas e para lá do

rísticas somáticas e psíquicas do ser assim concebido, inclusive a sua inteligência, não são controláveis nem escolhidas pelos pais. As eventuais doenças genéticas, apesar de indesejadas e algumas evitadas, só poderão ser diagnosticadas ao longo da gestação. Mas note-se que isso se tem vindo a fazer cada vez mais



que se considerava natural.

A origem do ser humano deverá não ser por “acaso” (se os pais se encontrarem sexualmente num dia e não noutro qualquer, o ser concebido será então diferente porque o óvulo e o espermatozóide diferentes serão, pelo que se tem que dizer que o filho assim gerado o é por acaso na imensidade das hipóteses celulares). No presente, o sexo e as caracte-

cedo e com melhores resultados e com melhores previsões e terapêuticas, dado o recurso à ciência, mas mantendo sempre o que chamaríamos uma evolução natural.

A perspectiva transhumanista é outra: pretende-se atingir o “From chance to choice” ou seja, possibilitar aos progenitores a escolha das características do filho, desde os aspectos físicos como a al-

altura, a cor dos olhos, a capacidade muscular, etc., e as qualidades psíquicas como o nível da inteligência. O acaso do que o novo ser poderá ser converte-se, assim, numa livre escolha de como será.

novo ser, a partir de dois óvulos e um espermatozóide (o segundo óvulo permitirá um apuramento mitocondrial nos cromossomas) ou até de três óvulos sem nenhum espermatozóide, suprimindo de



Uma primeira questão deve ser levantada. A aceitação de como somos física ou psicologicamente, é um tema universal que sempre terá existido, competindo a cada um de nós (se essa questão for levantada) encontrar uma resposta se se aceita ou não como é. Causas? Só parcialmente poderão ser imputáveis aos pais, o que não acontecerá se tiverem sido estes a decidir na quase totalidade, a escolha dos aspectos essenciais do novo ser. Mas como será a relação progenitores/filho se assim acontecer? Os filhos poderão não gostar ou mesmo não aceitar as escolhas dos progenitores.

Outras questões, aliás, se devem ainda encarar como a concepção *in vitro* do

todo o papel do pai.

André Comte- Sponville, na sua obra *La vie humaine*, diz que antes de qualquer ser humano há sempre uma mulher, a mãe, e um pai, biologicamente necessários mas humanamente supérfluos (se forem consideradas as diferentes formas com que as diferentes sociedades actuais assumem a nossa origem), outra questão essencial que assim será posta em causa.

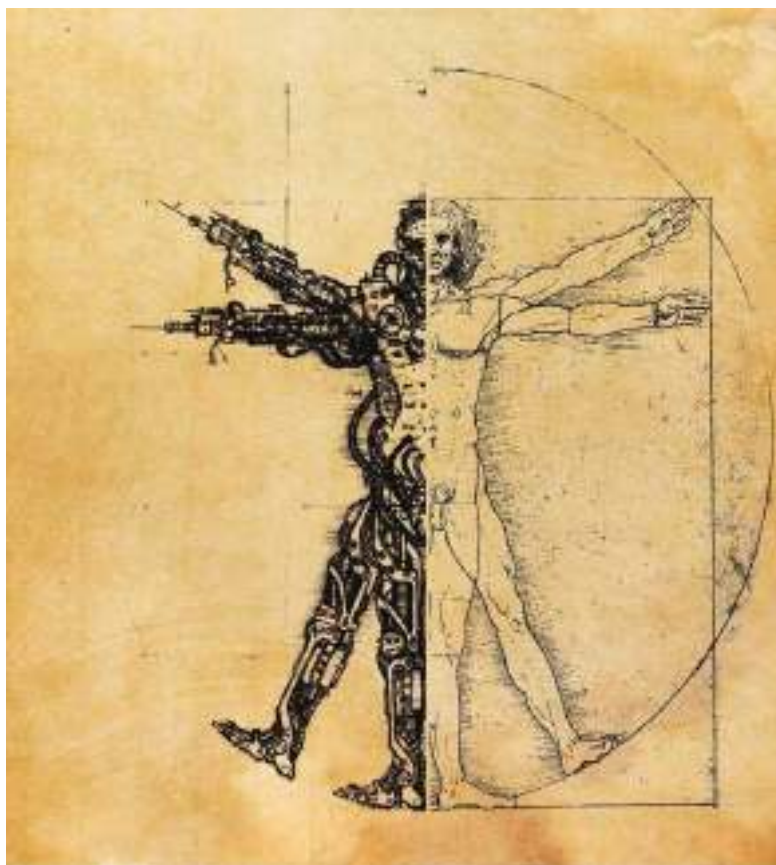
Mas o eugenismo transhumanista vai mais além. Visa também a hibridação homem/máquina. A conjugação das nanotecnologias, biotecnologias, informática, inteligência artificial e robótica, po-

poderá, num futuro muito próximo, construir ou reparar, a nível molecular, todos os tecidos do organismo vivo. Implantados no corpo humano, milhões de nanorobots, programados com algoritmos, poderão destruir vírus ou eliminar células cancerosas. Se isso tem a feição, digamos clássica, de melhorar a saúde do homem, provoca porém uma outra diferença, uma mutação (portanto mais do que uma mudança) naquilo que é a essência do ser humano: se um chip ligar o homem ao computador e este estiver conectado com a internet, como se prevê, existirão aumentos exponenciais de informação, das capacidades cognitivas e do estímulo da criatividade.

Bastar-se-á este aumento inimaginável, mas mecânico, para que o ser assim constituído possua um modo de agir como o humano? Poderá integrar-se nas sociedades actuais

A riqueza mental do homem coexistiu sempre nele como ser essencialmente social. No nosso cérebro, a harmonia do cognitivo e do afectivo permite ao homem pensar criticamente e, por tal optar e poder ser livre. O homem não é só ideia, raciocínio, não é só cognição. É também afecto, pleno de sentimentos e de emoção. É consciência de si. Não existe só o objectivo científico, racional, há também o desejo (afectividade) de conseguir atingi-lo, há também o maior ou menor investimento (afectividade) nesse trabalho racional da investigação. E se for possível criar um algoritmo, uma inteligência artificial que crie emoções (os restantes afectos serão de criação mais utópica), conseguirá ser compatível

com a recusa desse ser de o usar, tendo-o? Porque é humano optar-se livremente por aquilo que não é o melhor ou pelo que não está certo: esta opção dum interferência da afectividade no racional é essencial para que exista liberdade. Pode não ser desejável, mas é necessária, se o homem for, de facto, livre.

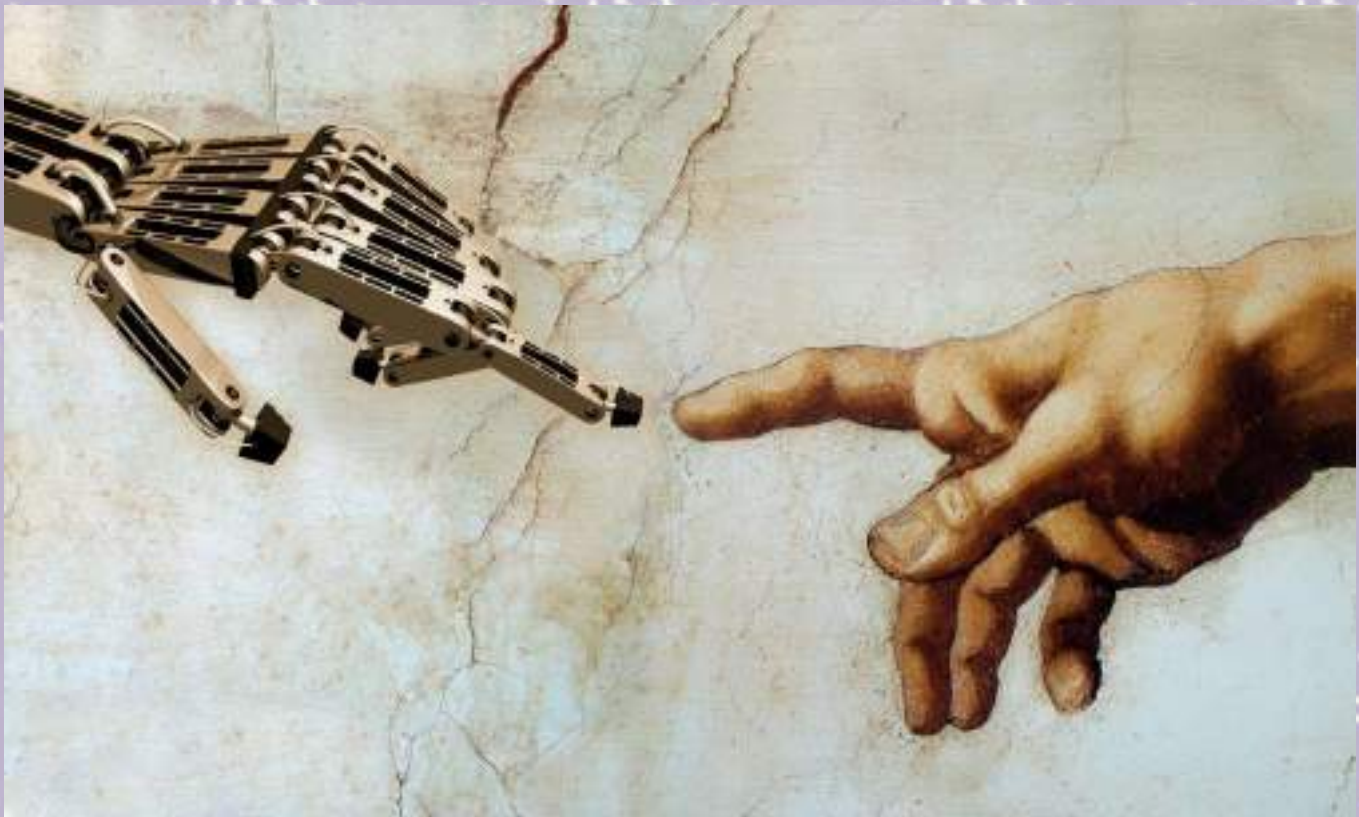


Para Augusto Comte, na sua obra *Cathecisme Positiviste*, na ordem vital, “cada função, vegetal ou animal, é declarada livre se ela se comporta conformemente às leis correspondentes, sem nenhum impedimento exterior ou interior.” O novo ser transhumanista não consegue ser assim, preso nos seus algoritmos irreduzíveis.

A problemática da morte sempre preocupou os seres humanos. A *Epopéia de Gilgamesh*, dezoito séculos antes da nossa era, já apresentava o ideal da “vida sem fim” numa configuração mitológica.

A vitória sobre o envelhecimento, a morte da morte, é outro importante objectivo transhumanista que, assim, traz para

convívio do ser humano diga-se “natural, clássico” com o novo ser mutante e híbrido? E se o computador tem



o âmbito da ciência o desejo mitológico da imortalidade.

Cabe, por tal, aqui falar da inteligência Artificial (IA).

A IA fraca, já existente, mima a inteligência humana mas só de forma incompleta, mecânica, sem afectividade. A IA forte, ainda utópica, terá a capacidade de, como o ser humano, ter dois elementos exclusivos do homem: a consciência de si mesmo e as emoções. Afectividade parcial. E o inconsciente? Haverá textura e harmonia mental sem um inconsciente mais do que um conjunto de mera informação do passado?

Como já antes aludi, o computador com IA forte, conectado com a internet, poderá ser conectado com um ser humano. Que consequências sociais advirão do

a inteligência “forte”, ou seja, pode auto-reparar-se, não tentará vencer o finito? Vencer a morte, vencer o finito. As questões que aqui poderão ser levantadas são muitas mais, inclusive na sua relação com as profundas mudanças na economia. Refiro-me, naturalmente, à economia colaborativa, uberizada, que também já está aí, mas que não posso agora abordar, à semelhança do que poderá questionar-se sobre o futuro da poesia, da beleza e das artes. Da cultura, que poderá ser algorítmica e objectiva, mas nunca subjectiva e livremente criativa, sem regras restritivas.

Sempre que a ciência tem levantado a possibilidade de importantes mutações, sejam de natureza social, espirituais, éticas ou do relacionamento dos

povos, a regulação, se possível universal, tem sido o recurso mais usado. Veja-se o que acontece com a regulação das armas nucleares ou com a eutanásia.

Será que, neste caso, isso pode resultar? Será que é possível regulamentar uma matéria tão complexa, expandida e variada? É evidente que se deve tentar, mesmo que se pense na complexidade das dificuldades que abarca e no caminho que já foi percorrido.

Foi este o motivo que me levou a propor este balaústre. Para incentivar uma reflexão muito necessária para se encararem estas mutações (e não mudanças), algumas já conseguidas e outras ainda utópicas, mas que levarão à criação do homem/robot.

Esperemos que os governos ensaiem hipóteses, o mais universais possível, para

harmonizar este caminho, que muitos consideram, e bem, como podendo ser fatal para a sociedade humana. Em 2004, a União Europeia emitiu um primeiro relatório oficial sobre esta matéria e, em 2009, o segundo resultou do Parlamento Europeu. Personalidades de valor moderno indiscutível, como Bill Gates, Stephen Hawking, Elon Musk, Sandel, Frances Fukuyama, Luc Ferry e muitos mais alertam para os aspectos desconstrucionistas desta ideologia e até mesmo para o perigo que pode originar-se na confluência da sociedade humana com estes seres mutantes.

Pouco se tem feito...



Acreditamos nos valores que ficarão sempre fora do alcance dos algoritmos das inteligências artificiais. O ADN do homem difere minimamente do do chimpanzé. A diferença de percentagem, mínima que seja, é porém grande e essencial: não me refiro ao facto de sermos o único mamífero que possui a oponência do polegar (o que tanto enriquece as habilidades da nossa mão e importou na evolução das civilizações) ou a outras características somáticas, mas antes ao de termos um espírito formatado verbal-

Evitar a aniquilação do ser humano deverá ser conseguido, quanto antes, pela mutação revolucionária da educação das novas gerações.

Revolução da educação *versus* revolução transhumanista. Aqueles meios que achamos revolucionários e possivelmente destruidores do homem, poderão, deverão ser usados por essas gerações para que se possam assumir mais fortes na adaptação ao que já acontece, mas sendo essencialmente livres.



mente que consegue atingir um desenvolvimento psíquico essencial de natureza humana: o juízo crítico e uma consciência de si, mas livre. Um dos períodos históricos mais importantes para o homem, a revolução filosófica das Luzes, ao libertar a ciência da religião, continua a influenciar a livre opção do que o homem opta por ser. Desconstruiu para reconstruir e permanece como fonte de inesgotável estímulo do pensamento em liberdade.

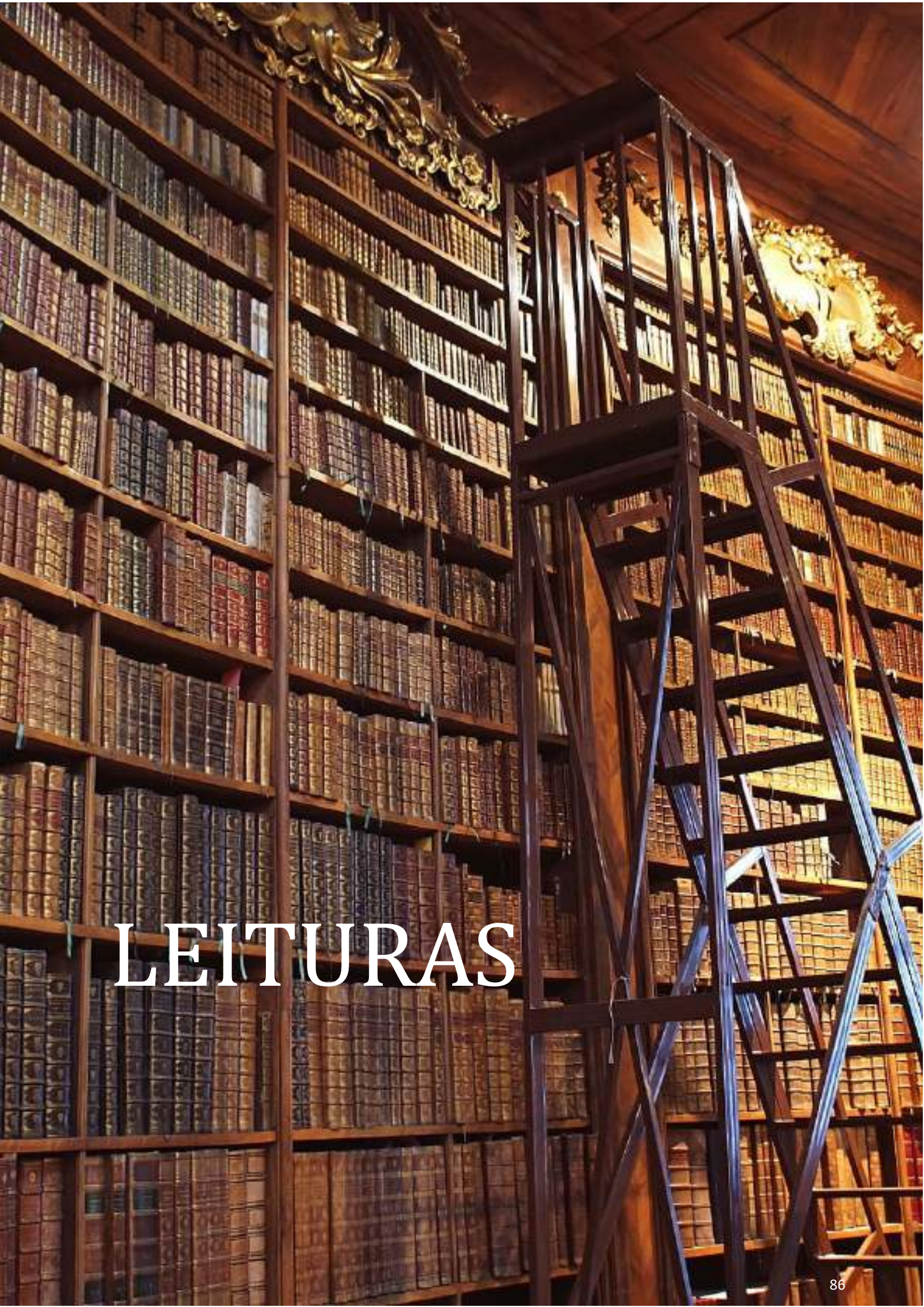
As inteligências artificiais e o mundo informático poderão melhor fundamentar a mudança inevitável do ser humano.

Como a História nos ensina.

Como nós tentamos ser.

Francisco Pólvora, 30º H .:

1. Tese a apresentar pelo Supremo Conselho para Portugal na XX Conferência Mundial de Supremos Conselho que se realizará em Assunção, Paraguai, de 25 a 30 de Julho de 2022.



LEITURAS



Ritual, Secrecy, and Civil Society

Vol. 9, No. 1 • Spring 2022



Ritual, Secrecy and Civil Society
Vol. 9. Nº 1—Spring 2022
Pierre Mollier, editor
Westphalia Press
ISBN: 978-1-63723-898-1

Esta nova edição de *Ritual, Secrecy and Civil Society* abre com um grande estudo de Antoine Faivre sobre J. Touzay Du Chenteau. Du Chenteau é mais conhecido como o autor de um extraordinário “Mapa Filosófico”, uma incrível compilação de desenhos esotéricos e “cabalísticos”. Ele também foi um maçom ocultista muito activo nos anos 1770-1780 com relacionamentos em toda a Europa.

É também uma forma de prestarmos homenagem ao grande estudioso Antoine Faivre (1934-2021) que faleceu recentemente. Originalmente um germanista, foi ele quem primeiro estabeleceu a história do esoterismo ocidental como um campo académico. Poliglota com grande inclinação para o intercâmbio, também teve um papel importante no reconhecimento do Esoterismo como campo de pesquisa em vários países, inclusive nos Estados Unidos. Antoine Faivre criou assim um espaço académico de pesquisa sobre a Maçonaria, que é um componente do esoterismo ocidental.

Destaque merecem também um belo e particularmente estimulante estudo de Zhenya Gershman sobre a influência do esoterismo em Dürer e um outro sobre as fontes do simbolismo maçónico que, como sabemos, em boa parte vêm das especulações herméticas do Renascimento.

Críticas na imprensa internacional

«Um livro magnífico que se lê como uma novela de aventuras. Embora a investigação seja assombrosa, destaca-se a visceral compreensão do autor do que constitui uma boa história»

The Times

«Um relato fascinante, pelo qual o autor converte a lenda em história.»

The Economist

«John Dickir aborda o tema com uma prosa irónica, o juízo frio de um bom historiador e um olhar amplo e penetrante.»

Sunday Times

«Convincente e divertido».

The Wall Street Journal

«Uma obra , sintética, finamente elaborada e de concepção subtil».

Literary Review

«Uma historia da modernidade na la sombra. Inteligente e surpreendente. Bem elaborada e sensata».

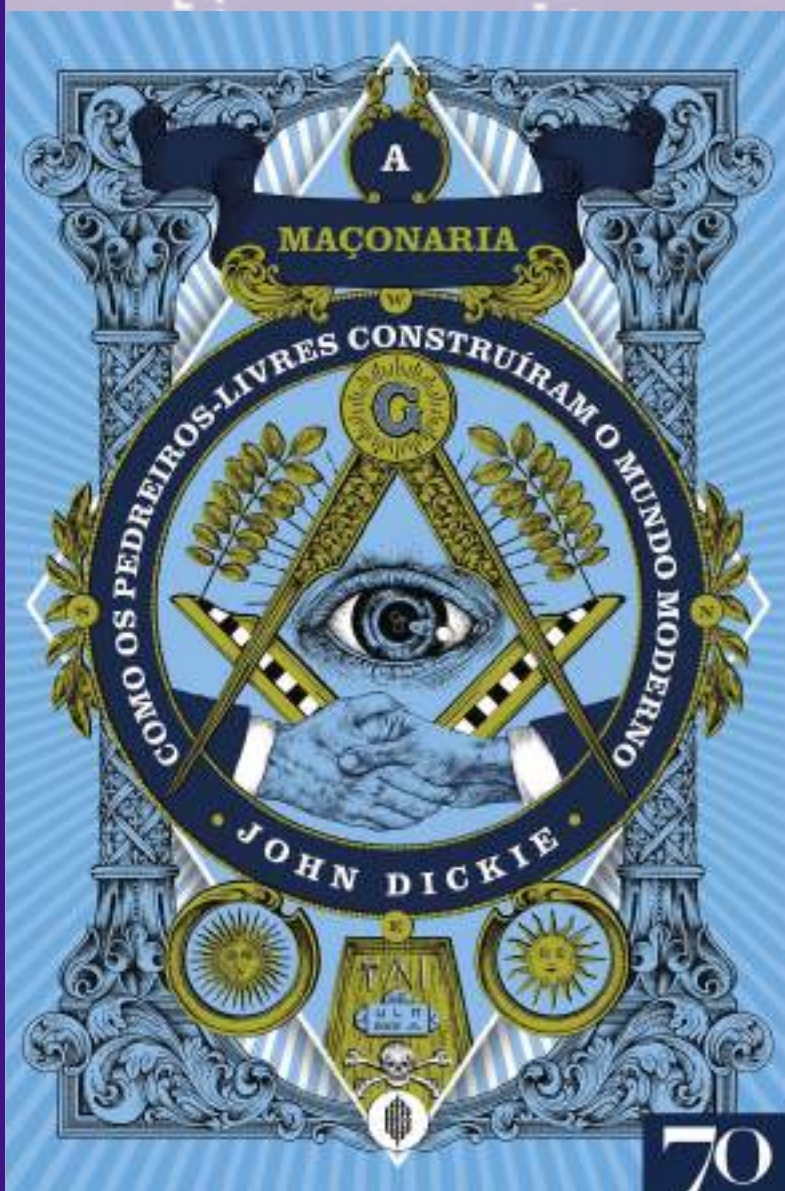
The Spectator

John DICKIE: A Maçonaria - Como Os Pedreiros-Livres Construíram O Mundo Moderno

Lisboa: Ed. 70, 2022

463 páginas

ISBN: 9789724424750



André KERVELLA

KADOSH

Francs-maçons Templiers



C.·K.·S.·.

Éditions NUMÉRILIVRE

André KERVELLA, KADOSH: Francs-Maçons Templiers– CKS

Paris: Éditions Numénilivre, 2021, 360 pag.

E se a alquimia fosse filha de um grande mal-entendido?

Depois do seu *Dicionário de Alquimia e Alquimistas*, o autor concentra-se num estudo monumental que fazia falta: a história desta ciência misteriosa, a alquimia. A sua atracção constitui um dos primeiros mistérios. Ainda hoje, o número dos seus discípulos, bem discretos, ainda é grande. A literatura dedicada a esta antiga ciência é mais do que abundante; é enorme. O número de 100.000 tratados ou manuscritos e estudos não é superestimado! Como explicar tamanha proliferação, tamanha atracção? Para o autor, a quem já devemos o *Dicionário de Alquimia e Alquimistas*, apenas a história da alquimia, desde as suas origens até aos dias de hoje, pode responder a esta questão. O autor pinta um retrato de todos esses livros ao longo dos séculos, mostrando a lenta construção da alquimia. Fazendo um estudo minucioso e magistral, de uma erudição rara, estuda como os tratados se enriqueceram, enquanto a alquimia na origem nasceu de um grande mal-entendido. Autores pseudo-epígrafos, homens da Igreja, eruditos, a maioria pensava que era possível fazer ouro, e isso nasceu da interpretação de uma única palavra que enganou a maioria. Profusão de tratados, confusões, erros de tradução, repetições desajeitadas, novas correntes de pensamento, gradualmente construíram a alquimia até a formação de um *corpus* clássico e o surgimento de novos ramos alquímicos. Brilhantemente, o autor desenrola uma história complexa e prodigiosa



prodigiosa que ainda hoje nutre sonhos. Este livro procede à análise implacável de um mito, para substituí-lo por uma realidade igualmente palpável e, no entanto, digna do interesse que lhe é demonstrado. Ricamente ilustrado, com as referências essenciais, munido de um índice completo, responde finalmente à grande questão das origens da alquimia e da sua verdadeira natureza.

Christian MONTESINOS,
KADOSH: Histoire de l'Alchimie,
Histoire d'un grand malentendu ?

Paris: Éditions Numérilivre, 2022,
370 pag.

